

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA APLICADA

**A PROFESSORA DE INGLÊS TRANS: UM ESTUDO DE CASO À LUZ
DOS ESTUDOS *QUEER* E DA PSICANÁLISE**

Belo Horizonte
Faculdade de Letras da UFMG

2022

Rafael de Sousa Lopes Nascimento

**A PROFESSORA DE INGLÊS TRANS: UM ESTUDO DE CASO À LUZ
DOS ESTUDOS *QUEER* E DA PSICANÁLISE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de mestre em Linguística Aplicada.

Área de concentração: Linguística Aplicada
Linha de pesquisa: Ensino/Aprendizagem de Línguas Estrangeiras

Orientadora: Profa. Dra. Maralice de Souza Neves

Belo Horizonte

Faculdade de Letras da UFMG

2022

N244p

Nascimento, Rafael de Sousa Lopes.

A professora de inglês trans [manuscrito] : um estudo de caso à luz dos Estudos *Queer* e da Psicanálise / Rafael de Sousa Lopes Nascimento. – 2022.

172 f., enc. : il., fots., (color)

Orientadora: Maralice de Souza Neves.

Área de concentração: Linguística Aplicada.

Linha de Pesquisa: Ensino/Aprendizagem de Línguas Estrangeiras.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras.

Bibliografia: f. 153-162.

Anexos: 163-172.

1. Língua inglesa – Estudo e ensino – Teses. 2. Professores de inglês – Formação – Teses. 3. Linguística aplicada – Teses. 4. Teoria *Queer* – Teses. 5. Pessoas transgênero – Identidade – Teses. 6. Representação (Psicanálise) – Teses. 7. Identidade de gênero no ambiente de trabalho – Teses. I. Neves, Maralice de Souza. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Letras. III. Título.

CDD: 418



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGÜÍSTICOS

FOLHA DE APROVAÇÃO

A PROFESSORA DE INGLÊS TRANS: UM ESTUDO DE CASO À LUZ DOS ESTUDOS QUEER E DA PSICANÁLISE

RAFAEL DE SOUSA LOPES NASCIMENTO

Dissertação submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em ESTUDOS LINGÜÍSTICOS, como requisito para obtenção do grau de Mestre em ESTUDOS LINGÜÍSTICOS, área de concentração LINGÜÍSTICA APLICADA, linha de pesquisa Ensino/Aprendizagem de Línguas Estrangeiras.

Aprovada em 30 de junho de 2022, pela banca constituída pelos membros:

Prof(a). Maralice de Souza Neves - Orientadora

UFMG

Prof(a). Margareth Diniz

UFOP

Prof(a). Henrique Rodrigues Leroy

UFMG

Belo Horizonte, 30 de junho de 2022.



Documento assinado eletronicamente por **Henrique Rodrigues Leroy, Professor do Magistério Superior**, em 04/07/2022, às 10:04, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Maralice de Souza Neves, Professora do Magistério Superior**, em 04/07/2022, às 12:13, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).

Documento assinado eletronicamente por **Margareth Diniz, Usuário Externo**, em 21/07/2022, às 14:21, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **1503877** e o código CRC **3E597B3C**.

*À minha mãe, Márcia e ao meu
irmão William, porque sem vocês
dois eu não seria quem sou hoje.
Eu sou vocês!!*

AGRADECIMENTOS

*And I want to thank you
For giving me the best day of my life
Oh, just to be with you
Is having the best day of my life¹*

Agradeço à Espiritualidade pela minha vida maravilhosa. E apesar de todas as dificuldades, eu as acolho porque sei que tudo faz parte de um grande mistério de minha evolução nesta jornada, nesta minha existência.

Agradeço à minha mãe, dona Márcia, diva, linda e cheirosa (ela sabe o que quero dizer aqui ;) por me permitir ser e por abraçar a dura missão de me preparar pra vida. Te amo e te amarei por toda minha existência no universo, mamãe!

Agradeço ao meu irmão William por simplesmente ser meu irmão, por me ensinar a andar de bicicleta, por me levar à escola, por sonhar junto comigo e com mamãe pela nossa liberdade daquele que nos aprisionava.

Agradeço à CAPES, ao POSLIN, à FALE-UFMG e à UFMG por me ajudarem a tornar esta pesquisa possível. Sem a Educação eu nada seria.

Agradeço imensamente à minha orientadora, a professora Dra. Maralice de Souza Neves. A sua humanidade me tirou do fundo do poço e me ajudou a extrair o melhor de mim. Muito obrigado por me notar, muito obrigado por nunca ter soltado minha mão todos esses anos. Te amo muito!!

Agradeço imensamente aos professores que compuseram a minha banca, Dra. Margareth Diniz, Dr. Henrique Leroy e Dra. Natália Leite pela leitura atenta e por me ajudarem a enriquecer o meu trabalho.

Agradeço a todos os meus amigos do grupo de pesquisa da Mara: Arabela, Jackson, Carol Martins, Carol Aires, Kelly, Fernanda, Lígia e Cleber por serem fonte de inspiração, admiração e saberes.

¹ “Thank you” - Dido, 1998. <https://www.youtube.com/watch?v=1TO48Cnl66w>

Agradeço aos meus amigos do coletivo SOUFREIRE, Leina Jucá, Andrea Mattos, Marcela, Alessandra, Leonardo e Erick, por compartilharem comigo o esperar do eterno professor Paulo Freire.

Agradeço imensamente às minhas queridas amigas e analistas Erica Ferlete e Arabela Franco por ouvirem meus dilemas, por me ajudarem na reflexão de meus traumas, por me mostrarem que dou conta de ser muito mais do que imagino.

Agradeço imensamente à Valda Amaral Magalhães (mamix) e Dimas Magalhães (pupix, *in memorian*) por terem apostado em minha educação e financiado meus estudos. Muito obrigado!!

Agradeço à professora de inglês Rosane Beatriz (a Zane), e suas três Marias (Quitéria, Clara e Eugênia), também professoras inglês, e ao querido professor de inglês Renan Borges por terem me ensinado entre os anos de 2003 a 2010 a única coisa que ninguém pode me tirar.

Agradeço por terem existido em minha vida: minha amiga Edivania Moreira (Didi), tia Cleide, tio Dolé e tia Chica. Vocês fizeram parte de momentos ímpares em minha vida. Hoje vocês são estrelinhas que me suleiam no céu.

Agradeço aos meus filhos Chico Pimenta (meu pinscher, *in memorian*) e Creuza Maria (minha galinha d'angola, *in memorian*) por me fazerem companhia nessa minha jornada solitária da vida adulta. Morar sozinho não é fácil, principalmente em período pandêmico e somado às dificuldades do percurso do mestrado. Os animais têm muito mais sensibilidade, compaixão e amor que muitos seres humanos.

Agradeço ao querido amigo Lindomar por me ajudar com minha pesquisa. Suas contribuições foram valiosíssimas. Você faz jus ao nome: Lindo e um Mar de conhecimento.

Agradeço à minha queridíssima amiga Marcelina Melo: seus conselhos, sua companhia, sua existência são um bálsamo para minha alma.

Agradezco también a mi hermanita de mi corazón, mi alma gemela que yo tuve el placer y privilegio de reencontrar en esta existencia: te quiero muchísimo mi amor, Rosemary Braga.

Agradeço a Lucia Yoshie por me possibilitar aprimorar meus conhecimentos e minha atuação profissional com todos os livros de Oxford por ela doados. Muito obrigado por ser tão generosa comigo!! *Love you, Darling!*

Agradeço ao meu eterno orientador, amigo e inspiração acadêmica, Thiago da Cunha Nascimento. Olha só onde seus conselhos me trouxeram! Muito Obrigado!!

Agradeço à grande estrela deste espetáculo, Mulan. Muito obrigado por compartilhar sua vida comigo, muito obrigado por confiar em meu trabalho e, principalmente, muito obrigado por me fazer Mestre em Linguística Aplicada. Este mérito também é seu.

Finalmente, agradeço a mim, por acreditar que dou conta de ser o que eu quiser ser e estar onde eu quiser estar. Você vai longe, garoto!!

A TODXS AQUELXS QUE DESTE TRABALHO SE VALEREM, O MEU MUITO
OBRIGADO!!

“Todo preconceito impede a autonomia do ser humano , ou seja, diminui sua liberdade relativa diante do ato de escolha, ao deformar e, conseqüentemente, estreitar a margem real de alternativa do indivíduo.”

Agnes Heller - O cotidiano e a história.

RESUMO

Esta pesquisa-espetáculo ousa trazer para os palcos da Linguística Aplicada (LA) situado na Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais (FALE/UFMG), os dizeres de uma professora de inglês trans em sua relação com o ‘grande’ Outro da Cultura, a alteridade radical que lhe interpela sujeita (BUTLER, [1997] 2021). Mulan, 26 anos, diariamente se faz existir na realidade brasileira marcadamente cis-heteronormativa, preconceituosa e que mais mata LGBTQIAPN+ em todo o mundo. A pesquisa se sustenta no tripé composto pela Linguística Aplicada, Estudos *Queer*/ de Gênero e a Psicanálise freudo-laciana por terem na linguagem a matéria-prima que dá vida aos três campos. Portanto, este estudo é uma pesquisa-intervenção de orientação psicanalítica que se vale da metodologia de entrevista clínica na aposta de que o sujeito, em associação livre de seus enunciados, possa encontrar respostas para seus impasses a partir da relação transferencial com o pesquisador. Tal relação nos permitiu gerar o corpus, devidamente gravado em áudio e vídeo, a partir de cinco entrevistas temáticas posteriormente transcritas. O corpus também contou com manuscritos produzidos por Mulan, nossa inovação metodológica denominada de “fase do espelho”. Pedimos para que assistisse às gravações e escrevesse tudo o que lhe viesse à mente na aposta de que pudesse ser “afetada” pelo próprio dizer, chacoalhando significações e provocando deslocamentos. Para nossa análise pelas lentes da Psicanálise, valemo-nos tanto da Teoria da Significação de Lacan ([1964] 2008) quanto de sua Teoria dos Quatro Discursos proposta em seu Seminário 17 (1969). Para que pudéssemos compreender melhor este Outro cis-heteronormativo com quem Mulan fez e faz laço, buscamos suporte teórico para nossa crítica às estruturas de poder sexo-gênero nos Estudos de Gênero, tendo como principais referências Sax ([2005] 2019); Spargo (2017), Weeks ([199] 2018), Louro (2013;2018;2018b), Monteiro & Ribeiro (2020), Barbo (2008), Foucault (1988), Gutman (2009), Edelman (2021), entre outros, e nos Estudos *Queer* abordado, principalmente, por Butler ([1990]2003; [1993]2020) e Borba (2020). As nossas análises apontam que: ao longo da infância e adolescência de Mulan, seu *eu ideal* trans buscou se simbolizar no discurso da cis-heteronormatividade brasileira, mas foi na Cultura do Outro (no inglês) que ela depositou suas apostas para driblar a impotência que a Cultura cis-heteronormativa impõe sobre seu corpo transviado à norma. No mercado das escolas bilíngues em que atuou no tempo desta pesquisa, para sustentar seu semblante de professor(a), Mulan se vê obrigada a abrir mão de seu gozo na forma da obediência à ordem do mestre imposta pela Cultura cis-heteronormativa, castrando seu desejo de ser professora trans dentro da sala de aula. Por fim, percebemos, através de nossa inovação metodológica, que Mulan ressignifica sua relação com a Cultura brasileira, mostrando-nos um afeto que antes estava velado.

Palavras-chave: Ensino-aprendizagem de línguas; Linguística Aplicada; professora trans; Psicanálise; Estudos *Queer*/ de Gênero.

ABSTRACT

This research-spectacle dares to bring to the stages of Applied Linguistics (LA) located at the Faculty of Arts of the Federal University of Minas Gerais (FALE/UFMG), the words of a trans English teacher in her relationship with the great Other of Culture, the radical alterity that interpellates her female subject (BUTLER, [1997] 2021). Mulan, 26 years old, makes herself exist daily in the Brazilian reality that is markedly cis-heteronormative, prejudiced and that kills the most LGBTQIAPN+ around the world. The research is based on the tripod composed of Applied Linguistics, Queer/Gender Studies and Freudian-Lacanian Psychoanalysis as they have in languages the raw material that gives life to the three fields. Therefore, this study is a psychoanalytically oriented intervention research that makes use of the clinical interview methodology in the hope that the subject, in free association of her statements, can find answers to her impasses from the transference relationship with the researcher. This relationship allowed us to generate the corpus, duly recorded in audio and video, from five thematic interviews later transcribed. The corpus also included manuscripts produced by Mulan, our methodological innovation called “the mirror stage”. We asked her to watch the recordings and write everything that came to her mind in the bet that she could be “affected” by the very saying, shaking meanings and causing displacements. For our analysis through the lens of Psychoanalysis, we make use of both Lacan's Theory of Meaning ([1964] 2008) and his Theory of Four Discourses proposed in his Seminar 17 (1969). So that we could better understand this cis-heteronormative Other with whom Mulan bonded, we sought theoretical support for our critique of sex-gender power structures in Gender Studies, having as main references Sax ([2005] 2019); Spargo (2017), Weeks ([199] 2018), Louro (2013;2018;2018b), Monteiro & Ribeiro (2020), Barbo (2008), Foucault (1988), Gutman (2009), Edelman (2021), among others, and in Queer Studies addressed mainly by Butler ([1990]2003; [1993]2020) and Borba (2020). Our analyzes point out that: throughout Mulan's childhood and adolescence, her trans-ideal self sought to symbolize itself in the discourse of Brazilian cis-heteronormativity, but it was in the Culture of the Other (English language) that she placed her bets to dribble the impotence that the cis-heteronormative Culture imposes on her body, which is said to be deviated from the norm. In the bilingual schools market in which she worked at the time of this research, in order to sustain her teacher position, Mulan is forced to give up her *jouissance* as she surrenders to the master's order imposed by the cis-heteronormative Culture, castrating her desire to be the trans-teacher inside the classroom. Finally, we realized, through our methodological innovation, that Mulan resignifies her relationship with Brazilian Culture, showing us an affection that was previously veiled.

Keywords: Applied Linguistics; Language Teaching and Learning; Psychoanalysis; Queer and Gender Studies; Transgender Teacher.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Notícia sobre a professora de Vitória ES

Figura 2: Notícia sobre a professora de Vitória ES, réplica

Figura 3: Questão 37 do ENEM 2018 sobre Pajubá

Figura 4: Interlocutor Nazo (homossexual que frequenta a igreja evangélica)

Figura 5: Fórmula da sexuação

Figura 6: Nó borromeano

Figura 7: Signo de Saussure

Figura 8: Deslizamento Cadeia Significante

Figura 9: O circuito da pulsão

Figura 10: O sinthoma

Figura 11: Lugares 4 discursos

Figura 12: Os 4 discursos

Figura 13: Das posições do Discurso Capitalista

Figura 14: Dos matemas do Discurso Capitalista

Figura 15: A dimensão da cena

Figura 16: E por onde anda Mulan

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Jair Bolsonaro para o documentário “Out There” de 2013

Quadro 2 - Interpretando a fórmula da sexuação

Quadro 3 - Data das entrevistas

Quadro 4 - horizontes suleadores entrevista 1

Quadro 5 - horizontes suleadores entrevista 2

Quadro 6 - horizontes suleadores entrevista 3

Quadro 7 - horizontes suleadores entrevista 4

Quadro 8 - horizontes suleadores entrevista 5

Quadro 9 - cenas e indexicalizações

Quadro 10 - Algumas perguntas suleadoras

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AD	Análise do Discurso
ALAB	Associação de Linguística Aplicada do Brasil.
BDTD	Biblioteca Digital Brasileira de Dissertações e Teses
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CEMVA	Conservatório Estadual de Música Maestro Marciliano Braga de Varginha
CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico.
COEP/UFMG	Comitê de ética na pesquisa da Universidade Federal de Minas Gerais.
COVID-19	Coronavirus disease of 2019.
EQ/G	Estudos <i>Queer/</i> de Gênero
ENEM	Exame Nacional do Ensino Médio.
HIV	Human immunodeficiency virus
INSS	Instituto Nacional do Seguro Social
ICMI	Intercultural Communication in Multimodal Interactions
LA	Linguística Aplicada
LGBTQIAPN+	Lésbica, Gay, Bissexual, Trans/travesti, <i>Queer</i> , Intersexo, Assexuado, Pansexual, Não-binário +
NECLLE	Núcleo de Estudos Críticos sobre Linguagens, Letramentos e Educação
PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais
PIBID	Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência
POSLIN	Programa de Pós graduação em Estudos Linguísticos da UFMG.
PROUNI	Programa Universidade Para Todos
SD	Sujeito do Desejo
SEVFALE	Semana de Eventos da Faculdade de Letras (UFMG)
SG	Sujeito do Gozo
SS	Sujeito do Significante
STF	Supremo Tribunal Federal
SUS	Sistema Único de Saúde
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais

LISTA DE SÍMBOLOS PARA A TRANSCRIÇÃO

SINAL	SIGNIFICADO
/	Pausa curta e hesitações (até 5 segundos)
//	Pausa média e hesitação (até 10 segundos)
///	Pausa longa e hesitação (acima de 10 segundos)
‘	Parte da palavra foi cortada
(())	Comentários do pesquisador
(...) ou ()	Abandono de enunciado; metacomentário de Mulan
MAIÚSCULAS	Entonação enfática
“ ”	Citações literais, reprodução de discurso direto ou leitura de textos
X	Suspensão de um nome próprio (nome de pessoas ou instituições)
:: ou :::	Alongamento de vogal ou consoante
Negrito	Trechos analisados

*As normas para transcrição foram baseadas em Castilho (1998)

Roteiro da Peça

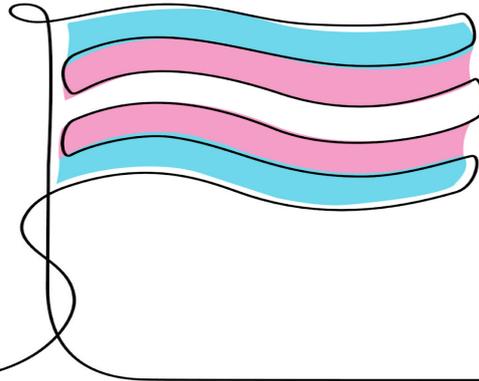


Imagem: Bandeira da comunidade TRANS

SINOPSE	20
Uma introdução ...	20
I - Como surgiu esta pesquisa?	23
II - A corrida contra o tempo teve seu início. O que pesquisar?	23
III - Problema de pesquisa	26
IV - Revisão bibliográfica	27
V - Objetivo geral	28
VI - Objetivos específicos	28
VII - PROGRAMA DA PEÇA: A professora de inglês trans!	29
CAPÍTULO 1	34
Abrindo as cortinas: a estrela, o cenário e o palco	34
1. 1 Conhecendo Mulan: a estrela da pesquisa....	34
1.2 Percurso metodológico: o cenário para Mulan atuar...	35
1.3 Linguística Aplicada: uma palco TRANSdisciplinar...	38
1.3.1 A LA não se preocupa com o social?	41
1.3.2 - Mas não pode dizer “Todes bem-vindes?”	42
1.3.3 - TRANScendendo o olhar pela Linguística Aplicada.	47
CAPÍTULO 2	51
CENA 1: CIS-heteronormatividade, Estudos Queer/ de Gênero & Linguística Queer51	
2.1 O que faço com o meu corpo pode me incluir ou excluir...	53

2.2 Furando a regra binária do jogo com o Queer...	67
2.3 “Ei, hétero! Como está minha performance?” ...	72
2.4 E no fim é tudo linguagem...	75
2.5 A dimensão do “rosto”, enquadramento e a precariedade da vida...	80
CAPÍTULO 3	86
CENA 2: Psicanálise, do significante ao laço social	86
3.1 - O corpo trans em cena	87
3.2 - A formação do inconsciente: e tudo começa no estádio do espelho...	88
3.3 Uma breve definição de Complexo de Castração e Complexo de Édipo...	89
3.4 É menino ou menina? Independente do que seja, “não há relação sexual” ...	91
3.5 Como o inconsciente se manifesta?...	96
3.6 - Sujeito do significante, Sujeito do gozo, Sujeito do desejo e Falasser...	101
3.7 - A não-toda mulher trans...	105
3.8 - Os 4 discursos de Lacan	107
3.9 Sobre um discurso que não faz laço...	111
3.10 Uma grata surpresa: seria o inglês uma via?	114
CAPÍTULO 4	117
CENA 3: Gesto de Análise	117
4.1 Se faz pesquisa em tempos de pandemia!	117
4.2 - Os horizontes suleadores	118
4.3 - A fase do espelho	122
4.4 - Gesto de Análise: Mulan diante do Outro...	123
4.4.1 “Eu me recusava a não pertencer”...	125
4.4.2 Being a girl in the English multiverse...	136
4.4.3 O que significa ser uma professora de inglês trans?	140
4.4.4 Mulan or Fa-Ping?	144
PÓS ESPETÁCULO	148
Algumas (in)conclusões	148
ANEXO 1 - Reflexão sobre a agência entre Estudos Queer e Psicanálise	164
ANEXO 2 - Reflexões sobre Corpo e Agência	166
ANEXO 3 - Compilando vivências...	167
ANEXO 4 - Reflexões pelo olhar Queer e pela Psicanálise	169
ANEXO 5 - TCLE: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	171
ANEXO 6 - E por onde anda Mulan...	172

A caminho do teatro...

SINOPSE

Uma introdução ...

*“I guess I'm learning
I must be warmer now
I'll soon be turning
Round the corner now
Outside the dawn is breaking
But inside in the dark I'm aching to be free...²”*

Foi entre os anos de 1613 e 1614 que o primeiro crime contra um corpo transviado aconteceu em pleno Brasil colônia, no Forte de São Luís do Maranhão: um índio de nome Tibira é amarrado pela cintura à boca de um canhão e tem seu corpo partido ao meio. Este crime, a mando do missionário francês da Ordem dos Capuchinhos Yves d'Évreux - e narrado em seu livro *“Viagem ao Norte do Brasil feita nos anos de 1613 e 1614 -*, serviu de exemplo, em plena praça pública para que se fosse mantida a moralidade religiosa dos colonizadores, assujeitando os povos originários aos padrões cristãos, condenando, assim, qualquer prática que desviasse da ordem cis-heteronormativa (FERNANDES, 2016).

Tibira é uma palavra do vocabulário tupi que remete à não conformidade com as práticas sexuais dos povos ocidentais, motivo que levou Yves d'Évreux a acusar o índio de “sodomia”, de ser um homem com trejeitos de mulher . É como se o colonizador atribuísse um simulacro ao índio, apenas como instrumento de poder sobre aquele corpo, mas que não corresponde, de fato, ao índio de carne e osso; um bom exemplo de que o poder sobre o outro não existe, se inventa no bojo do discurso (FERNANDES, 2016; BUTLER [1997], 2021).

Não foi por acaso que o primeiro crime contra um corpo LGBTQIA+ recaiu em um corpo dos povos originários, de modo atroz, ceifado por um colonizador que se valia do

² *The show must go on* - Banda “Queen”, 1991. <https://www.youtube.com/watch?v=t99KH0TR-J4>.

discurso do mestre sustentado pelo discurso da universidade³ (LACAN, [1969-1970] 2007). Essa cena evidencia uma forma de laço, um imperativo de poder que quer satisfazer sua vontade e encontra seus meios para tanto. Essa dinâmica de escravo assujeitado ao desejo do senhor nos remonta ao que apresenta Hegel em “*A fenomenologia do espírito*” (1974), lugar de onde tanto Lacan quanto Judith Butler buscam balizar suas concatenações acerca do sujeito - sobre o qual veremos ao longo deste trabalho, cada um à sua maneira.

Este trabalho, ainda que possa surtir algum efeito terapêutico em nossa pesquisada, não ambicionou lhe ser um processo de análise, uma terapia. Nosso desejo foi compreender de que modo o Outro⁴ (outro sujeito, as instituições, o discurso) incide nessa sujeita⁵, nas suas representações imaginárias e como essa tração, esse embate e/ou fricção com o social lhe deixa marcas indeléveis, evidenciando o modo de laço possível que lhe é permitido, as soluções encontradas para driblar a castração do Outro e os efeitos disso em sua escolha profissional e sua ação em sala de aula.

Recorremos com maior afincio a Butler para lidar com os Estudos *Queer*⁶, com seu arcabouço de teoria discursiva sobre as dimensões do gênero e da sexualidade no contemporâneo, do sujeito que se (de)forma em contato com a alteridade radical e tenta se sustentar em sua singularidade, em seu fazer-com-o-corpo, sua performance. Lacan e a Psicanálise, por outro lado, nos dá a dimensão do sujeito do inconsciente, este que se manifesta no equívoco da linguagem, que emerge nos chistes, nos atos falhos, nos lapsos do

³ Veremos no capítulo dedicado à psicanálise que o discurso do mestre é o discurso do poder, que quer ser obedecido, e pode se valer do discurso da universidade para corroborar sua verdade, como o pastor que se vale do saber bíblico, por exemplo.

⁴ O “Outro” aparece com letra maiúscula por ser um conceito da psicanálise que será melhor abordado no capítulo 3 do segundo ato. Mas, *para início de conversa*, podemos dizer que “[a] categoria do Outro percorreu toda a Filosofia e de maneira alguma poderia passar despercebida a Lacan, que a aborda durante toda a sua obra, pois que ela não é unívoca durante o seu ensino, passando por diferentes significações, dependendo do contexto em que está inserida. [Temos, portanto] ... o Outro como lugar do inconsciente, o Outro como objeto causa de desejo, o outro do laço social e o Outro como o Outro sexo, portador de um gozo Outro, barrado ao sujeito na posição masculina. Em todas as variações do Outro, ou do outro, está presente ora uma relação de amor, ora uma relação de desejo, ora de gozo” (MOREIRA, 2017, p.9).

⁵ A pesquisada pediu para ser tratada no feminino ao longo da pesquisa.

⁶ Ainda que tenha emergido como teoria no norte global, assumimos em nosso trabalho como “Estudos” ou apenas *Queer*. Não encontramos trabalhos que se proponham a analisar os efeitos e/ ou diferenças epistemológicas ao se assumir como teoria ou como estudo. Acreditamos ser “Estudos” o mais apropriado porque precisamos (do lado de cá da linha abissal que demarca “a injustiça social global”(SANTOS, 2009, p.3), no sul periférico) produzir saberes sobre nós mesmos (KUMARAVADIVELU, 2012; MOITA LOPES, 2006). Concordamos com Miskolci e Pelúcio (2017, p.72 apud BORBA, 2020, p.13) quando fazem uma crítica que corrobora o conceito de Santos (2009) sobre as linhas abissais, de que “o Norte produz teoria e o Sul, supostamente, deve sempre importá-la e aplicá-la”. Pelúcio (2014) traz questões importantes quanto a receptividade do termo “*Queer*” no Brasil, “... inclusive, [sobre] repensar o termo ou sua possível tradução. A perspectiva *Queer* é retorcida e até mesmo desorientada por pensadores do Sul global, assim, adaptada, expandida e interpretada para poder dar conta de vicissitudes locais (BORBA, 2020, p. 13).

deslizamento da cadeia significante que, portanto, (des)velam o que opera da estrutura inconsciente deste que fala sobre seu desejo e seu sintoma.

A linguagem, tão cara para a LA, razão e mote deste campo, perpassa também os Estudos *Queer*/ de Gênero (doravante EQ/G) e a Psicanálise como episteme que as estrutura. Veremos como a linguagem se articula nesse tripé (LA, EQ/G e Psicanálise) tendo como significante articulador a mulher trans, e munidos de tal referencial teórico, poderemos nos debruçar sobre sua fala e realizar o gesto de análise. Contudo, reforçamos que o intuito deste esforço é compreender o modo de laço que Mulan estabelece com o Outro e os efeitos disso (bem como soluções e/ou saídas encontradas) em seu fazer docente. Os resultados aqui encontrados servirão de faísca, uma pederneira que incita um olhar ético para com as realidades trans e travestis, e por equivalência todas as outras transviadas e dissidentes simbolizadas na sigla LGBTQIAPN+.

Assim como para aqueles treinados pela cis-heteronormatividade é difícil se desfazer dos cacoetes que tal treinamento para o social assenta em relação aos sujeitos trans, é também difícil para as realidades trans e travestis se fazerem entender, principalmente quando a única linguagem inteligível para se ilustrar é a cis-heteronormativa. Sobreviver em um universo normativo é estar ciente de que não haverá veios óbvios, fluidos e disponíveis para os corpos de mulheres e homens trans. Partimos da não obviedade porque há uma interdependência, uma intersubjetividade dentro do discurso, que só pode ser reconhecida através do sujeito que fala. Ou seja, só se sabe dos efeitos do discurso uma vez que colocamos o sujeito para falar de si.

Desta maneira, para compreendermos o modo como Mulan⁷ foi, e ainda é, afetada pelo discurso, lhe ofertamos a palavra para que assim ela pudesse falar em associação livre. Evitamos estabelecer respostas definitivas e buscamos trazer um olhar ético, uma escuta atenta de sua demanda; queremos fazer de sua narrativa uma oportunidade de se dissolver (pré)conceitos acerca do corpo trans e torná-lo possível no circuito de inteligibilidade da linguagem.

Não está nesta pesquisa a verdade sobre o sujeito trans, porque o pesquisador não é capaz de supor a verdade sobre essa realidade. Metaforicamente, é como se houvesse um copo sobre a mesa que nem todos veem. Esta pesquisa quer tornar visível o copo, que no lapso pode ser o corpo, o de Mulan. Uma vez visto, não tem como se “desver”. Uma vez que

⁷ Nossa pesquisada que será melhor apresentada no capítulo 1.

se torna inteligível, o que fazer com “Isso”⁸? Uma pergunta retórica que Mulan terá que se fazer, e o Outro também.

O entendimento desta pesquisa se dará no todo, já que não há linearidade no inconsciente do pesquisador. Não é possível se dizer tudo, mas a lógica se mostrará nisso que tentamos abordar. Portanto, paciência, caro leitor. Em alguns momentos, os pontos estarão abertos, para se fecharem mais adiante. Um quadro não se enxerga com o rosto colado nele. É quando tomamos distância que a cena se apresenta. Ainda assim, nosso olhar não enxerga o todo, ele se fixa em pontos de identificação.

Vejamos agora como esta pesquisa se manifestou.

I - Como surgiu esta pesquisa?⁹

Em 2020, recém chegado ao programa POSLIN-UFMG¹⁰, me encontro motivado a dar continuidade ao TCC que desenvolvi na graduação com os alunos do 7º ano da escola Eli Horta Costa em Contagem-MG (NASCIMENTO, 2018). A temática dessa primeira pesquisa envolvia ensino de inglês mediado por música, com o objetivo de compreender se talentos musicais inatos de professores de inglês (tais como cantar, tocar instrumentos, etc) poderiam ser úteis no fazer docente destes. Entretanto, ao longo de 2020, a pandemia se mostrou avassaladora. Diante do cenário incerto, e nenhuma expectativa de volta às aulas, meu percurso de março a dezembro de 2020 de pesquisas e concatenações foi simplesmente deixado de lado para que a atual pesquisa pudesse emergir.

II - A corrida contra o tempo teve seu início. O que pesquisar?

⁸ Com o inconsciente.

⁹ Caro leitor, este prelúdio é um convite à leitura. Este trabalho é completamente “*Queerizado*”, obediente à singularidade do pesquisador, que conta sobre sua pesquisa se apropriando dela e se inscrevendo como dá, ou como dele sai. Talvez lhe sejam um tanto quanto inusitadas as decisões textuais tomadas se comparadas a trabalhos acadêmicos rígidos. Nossa ética, aqui, é a do inconsciente, do seu desejo de se inscrever, e ele o faz de forma estética, ⁹rancièriana (2009) digo, que pode ser, às vezes, confusa, incompleta e que se apresenta de formas variadas, a depender do olhar do leitor.

¹⁰ Programa de Pós graduação em Estudos Linguísticos da UFMG.

Para compreender meu percurso, devo voltar aos meus 6 anos de idade, em 1998, ano em que duas descobertas fundantes de minha singularidade são desveladas: a minha percepção sobre minha homossexualidade e meu dom para a música. A música me levou a conhecer vários idiomas, e foi na escola que dei meus primeiros passos rumo ao universo da performance artística. Ao final das aulas, eu pedia para cantar, não apenas pelo prazer que esse ato acarreta, mas por ter naquele lugar a chance de ser eu.

Além do palco, outro cenário se fez importante: as aulas de inglês. Por cantar, aos 11 anos de idade já fazia aula no CEMVA¹¹ onde conheci Rosane Beatriz, professora e proprietária do instituto FISK-Varginha. Ao me ver cantar em inglês, ainda que com o inglês apenas do ensino fundamental, ela me ofereceu uma bolsa de estudos que durou entre os anos de 2003 e 2009. E lá me formei, dando continuidade aos estudos em 2010 na mesma instituição, porém com uma novidade: agora como professor.

Cantor e professor de inglês: quando não há palcos na música, a sala de aula se torna meu palco. Palco para minha performance *Queer*¹², que transcende a cis-heteronormatividade¹³ que me formou sujeito e lugar onde meus traumas encontram suas raízes. Dito isto, volto ao final de 2020, ao impasse de dar prosseguimento à minha pesquisa.

Um dia, enquanto fazia caminhada ao som de Lady Gaga¹⁴, percebi que estava cantando e dançando ao ritmo da música, o que me causou receio de ser notado pela minha performance. O que eu não queria que fosse descoberto? Seria a minha singularidade *Queer* tão reprimida ao longo de minha trajetória de vida?

A partir desta concatenação, deslizei para outro lugar: o inglês enquanto fonte de performance. Na sala de aula, eu não sou reprimido pelo outro, e nem por mim mesmo, por performar uma singularidade *Queer* ao falar inglês. Todavia, se eu fosse professor de português, eu não ousaria a mesma liberdade de performance que o inglês me possibilita. Por que digo isso? Já ocorreu de alunos heterossexuais quebrantarem a rigidez de suas masculinidades enrijecidas ao transitarem para o inglês, com nuances, inclusive, no gestual.

¹¹ Conservatório de Música Maestro Marciliano Braga de Varginha.

¹² O *Queer* será melhor abordado no **capítulo 2 (p. 67)**. Para nossa conversa inicial, o *Queer* emerge como teoria discursiva que lança seu olhar crítico para qualquer estrutura de poder sexo-gênero. O *Queer* é o vazio que mantém o diálogo sempre aberto, o questionamento que impede que haja uma resposta definitiva; dizer que alguém tem uma performance *Queer* significa não capturar o sujeito em uma identidade, já que o *Queer* não busca se estabelecer como uma identidade. Pelo contrário, o *Queer* questiona as identidades. Em suma, além de ser um instrumento de luta política, o *Queer* é a certeza da transitoriedade do gênero.

¹³ **Cis** indica conformidade entre sexo biológico e gênero, **hetero** por se relacionar somente com o sexo oposto, **normatividade** refere-se à norma que deve ser seguida dentro de uma estrutura de poder.

¹⁴ “A-yo” - Lady Gaga, 2016, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=lxIKKceb9QA>. A performance desta pesquisa se fará também pelas trilhas da música. Como qualquer peça de teatro, a sonoplastia é necessária.

Passei a me perguntar: a língua adicional pode evidenciar traços de performance recalçados pela língua mãe? Se sim, como evidenciar este fenômeno?

Esta pesquisa seria inviabilizada porque um sujeito de pesquisa assumidamente heterossexual talvez não assumiria sua performance *Queer* ao falar inglês. Ou seja, como dizer: “Você é gay! Não sabia?”. Para evitar este constrangimento, e no desejo de fugir de uma auto-análise, decidi acolher uma história. Ou melhor, decidi ofertar a minha escuta a uma história. Foi então que Mulan ressurgiu em meu percurso.

Em 2015, trabalhei com Mulan em uma escola de idiomas quando ainda era **Fa-Ping**¹⁵, sua performance do masculino acionada para dar conta das demandas do mercado de trabalho. Em dezembro de 2020, faço-lhe o convite e logo damos início à nossa jornada. Iniciamos já com 1 ano de atraso e ao longo do percurso, outros obstáculos nos atravessaram:

- novo roteiro de disciplinas para dar conta dos EQ/G e da Psicanálise;
- disciplinas que foram canceladas devido à pandemia;
- familiares e amigos levados pela COVID-19;
- a depressão e o pânico como sintomas deste novo cenário;
- a morte do noivo de Mulan.

Muitas reviravoltas, muitos acontecimentos e cenas que chacoalharam a pesquisa. E por falar em cena, a temática proposta aqui inaugura a discussão de gênero e sexualidade no POSLIN-UFGM; o teatro como metáfora nos leva a esse lúdico de uma grande estreia, um suporte que também me ajudou a dizer o que precisava dizer, e da maneira que eu sei dizer: com a Arte.

Escrevo para pesquisadores, leigos e interessados na transdisciplinaridade da LA; um público misto e indisciplinar, como diria Moita Lopes (2006), que se deparará com os entrelaçamentos dos EQ/G e da Psicanálise nos palcos da Linguística. Imaginamos para tanto um pesquisador indo ao teatro, Mulan esperando na coxia pelo primeiro ato, os 3 sinais sonoros para que o silêncio se instaure, primeiro ato e 2 cenas fundamentais, segundo ato e o ápice da peça; por fim, o *grand finale*.

Conseguimos com a metáfora do teatro projetar um corpo na cena da LA, desnudado pelos EQ/G e pela Psicanálise, nos valendo de nosso *corpus* de análise de onde emergem enquadramentos de uma época em que ainda há enunciados de ódio e violência contra sujeitas trans e travestis. O enquadramento da cena, para Judith Butler (2011; 2015; 2017) é útil para sensibilizar e trazer lucidez, bem como promover a escuta atenta de realidades vistas

¹⁵ Pseudônimo para seu nome de batismo.

como periféricas e marginalizadas, além de revelar demandas que quando à distância podem tornar opaco o objeto, ou não visível a olho nu. Dessarte, como proporcionar uma escuta atenta e ética do que ainda não vejo, do que ainda não me é inteligível? Acreditamos que a linguagem e a língua possuem um papel crucial nesse diálogo, também em sua opacidade, de que não é possível saber o que o outro compreende daquilo que digo (AUTHIER-REVUZ, 2004). Portanto, nossa aposta é encurtar a distância entre o não-sabido e o óbvio através da Psicanálise e os Estudos de Gênero/ *Queer*.

Esperamos que esta pesquisa-espetáculo suscite o interesse por uma causa que ainda necessita da voz e do corpo de sujeitos que nos ajudem a dizer, a mostrar, a tornar inteligível o óbvio para o Outro normativo e conservador. Consideramos óbvio que uma travesti pode ser médica ou advogada; consideramos óbvio que um casal gay pode constituir família; consideramos óbvio que os sujeitos LGBTQIA+ não são uma ameaça para o social; e, por fim, consideramos óbvio que uma professora de inglês trans pode sim ser formadora de outros sujeitos para o social, como também um exemplo a ser seguido (LOURO, 2013).

Esta pesquisa nasceu prematura, 1 ano e 6 meses, persistindo em existir porque “*The show must go on*”¹⁶ e esta dissertação fará sua performance. Em cena, uma professora de inglês trans que insiste arduamente em se colocar no laço com o Outro. Na direção, um pesquisador e sua orientadora que apostam nessa narrativa como ponto de partida, uma grande estreia para as discussões de gênero e sexualidade na formação de professores de línguas na Faculdade de Letras da UFMG.

III - Problema de pesquisa

O professor de inglês, enquanto sujeito, é constituído não somente do saber teórico e léxico que transfere para seus alunos, mas também de sua singularidade, dos recursos de si, conscientes e inconscientes, para a hercúlea tarefa da transferência do saber. Durante a execução de seu trabalho, ele utiliza seu corpo como instrumento e fonte de possibilidades de performance. Em sua singularidade única e não replicável está o sucesso ou o fracasso de suas ações em sala. Portanto, com objetivo trazer reflexões acerca de uma realidade periférica e pouco discutida: a realidade do professor de inglês transgênero em seu fazer docente,

¹⁶ “*The show must go on*” - Banda “Queen”, 1991. <https://www.youtube.com/watch?v=t99KH0TR-J4>.

colocamos em cena Mulan, uma mulher que rompe a norma binária e transgredir qualquer roteiro performativo do corpo classificado pela ótica biologizante dos corpos.

Para uma melhor compreensão de sua singularidade, acionamos os EQ/G que, no eixo central de articulação de seus construtos, tem a performance do corpo e a desconstrução dos roteiros performativos de gênero que ditam o que é normal e o que é perverso, segundo arquétipos sociopolíticos construídos ao longo da História. A Psicanálise, por sua vez, propicia ao sujeito a oportunidade de falar sobre o seu sintoma; na interface com a Educação, tem por interesse a escuta do mal-estar docente e sua problematização no caso a caso. Pretende-se com este caso conduzir uma pesquisa-intervenção de orientação psicanalítica através da metodologia de entrevista clínica: a de apostar que o sujeito, na associação livre de seus enunciados, possa encontrar respostas para seus impasses a partir da relação transferencial com o pesquisador.¹⁷

IV - Revisão bibliográfica

Esta pesquisa ousa trazer para o campo da Linguística Aplicada reflexões transversais acerca do ensino e da aprendizagem de línguas. Ousaremos provocar reflexões sobre gênero, sexualidade e performatividade, vidas marginalizadas e o papel da formação docente de professores de inglês, e que se estende para professores de línguas em geral, para o encontro com corpos transviados, dissidentes que povoam cada vez mais as salas de aula.¹⁸

As produções científicas na área dos Estudos *Queer/* de Gênero relacionadas a professores são muito presentes na área da educação. Porém, no que tange a formação de professores de língua estrangeira, e ainda pelo viés da teoria psicanalítica freudo-lacaniana, não encontramos nenhuma produção que trabalhe a realidade de professores trans ou de corpos dissidentes. É possível encontrar, atualmente, uma miríade de trabalhos que fazem uso do discurso da Linguística Aplicada (LA), da psicanálise e dos Estudos *Queer/* de Gênero para a elaboração de casos. Entretanto, após uma busca ao banco de dissertações e teses do

¹⁷ Acreditamos que a “ Psicanálise como clínica do singular pode ser a via fecunda de demonstração de que o desejo e o gozo não se reduzem a uma questão política de direitos e que o sexo não é um livre arbítrio, mas o nome de uma divisão subjetiva que designa um impossível.” (FUENTES, 2009, p. 21-22).

¹⁸ É recente o dado do IBGE acerca do número de homossexuais e bissexuais no Brasil, 2,9 milhões de jovens e adultos, o que revela que é inevitável o encontro com um corpo LGBTQIA+ dentro de sala de aula ao longo da carreira de professor de línguas. Disponível em:

<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/33785-em-pesquisa-inedita-do-ibge-2-9-milhoes-de-adultos-se-declararam-homossexuais-ou-bissexuais-em-2019>

POSLIN¹⁹ e da BDTD²⁰, não encontramos trabalhos que tenham como foco ouvir e descrever realidades a partir de narrativas de professores de inglês trans. Portanto, este trabalho se localiza no campo da LA ao abordar a linguagem que permeia o corpo de uma mulher trans professora de inglês e suas (im)possibilidades como sujeita e profissional diante do Outro cis-heteronormativo. Espera-se que este trabalho possa promover diálogos sobre o papel da formação docente nas questões de gênero e sexualidade, corpos marginalizados, abjetos, vidas possíveis e não possíveis e o que esses corpos têm a dizer sobre sua ação docente na escola.

V - Objetivo geral

Discutir a partir do campo da Linguística Aplicada a realidade dos sujeitos trans, o que tangencia questões sobre gênero e sexualidade na interface com a formação de professores de inglês. Fazemos a partir dos dizeres de uma professora de inglês trans na esperança de que sua narrativa some esforços aos trabalhos de Moita Lopes (2006), Rajagopalan (2006), Signorini (2006), Pennycook (2006), Rampton (2006), Borba (2020) Marques (2020), entre tantos outros.

Por ser esta uma pesquisa que busca privilegiar o que é do campo do singular e subjetivo, não ambicionamos trazer dados empíricos que possam ser replicados em outros contextos e nem abordar questões ligadas à conscientização da comunidade escolar a respeito das causas LGBTQIA+, como nos trabalhos de Míguez (2014), Freitas (2018) e Souza (2020). A partir da teoria psicanalítica freudo-laciana, nosso objetivo geral é apresentar os elementos para uma possível construção de caso a partir dos dizeres e construções subjetivas de uma professora de inglês trans que emerge sujeita diante do Outro, sendo este último constituído principalmente pelos discursos da cis-heteronormatividade e dos EQ/G.

VI - Objetivos específicos

¹⁹ Programa de Pós graduação em Estudos Linguísticos da UFMG.

²⁰ Biblioteca Digital de Dissertações e Teses. Acessível em <https://bddd.ibict.br/vufind/>

Para que possamos trazer à luz da Psicanálise os efeitos do ‘grande’ Outro da Cultura²¹ CIS-heteronormativa e de seu avesso apontado pelos EQ/G na construção subjetiva de uma professora de inglês trans, nós estabelecemos os seguintes objetivos específicos:

- Tentar apreender a singularidade de seu modo de fazer laço com o Outro da Cultura em sua formação docente e profissional;
- Destacar alguns dos efeitos advindos das intervenções que a pesquisa causou durante o processo de revisitação de suas memórias.

Considerando os objetivos específicos acima, estabelecemos as seguintes perguntas de pesquisa:

- Quais os significantes que apontam para sua impotência diante da impossibilidade, seja no ensinar, no governar e no fazer desejar?
- Quais parecem ser as saídas que Mulan encontrou/criou do lugar da impotência frente ao impossível?
- Ao retornar à sua narrativa, Mulan pode ressignificar algum evento/significante?

VII - PROGRAMA DA PEÇA: *A professora de inglês trans!*

PRIMEIRO ATO - O Outro da Cultura

O que o Outro fez de Mim?

- **Capítulo 1 - Abrindo as Cortinas:** a partir deste capítulo apresentamos a estrela de nossa peça, que é convidada a performar nos palcos da Linguística Aplicada. E ao longo de todo o primeiro ato, traremos falas de Mulan que ilustram nosso aporte teórico. No capítulo 1 buscamos descrever este palco de modo a apresentar, ainda que brevemente, as origens do campo da LA e sua evolução rumo a sua atual característica transdisciplinar, o que nos possibilitou articular EQ/G e Psicanálise no mesmo trabalho. O cenário (metodologia) construído no palco TRANS da LA foi o da

²¹ Ao acionar a Cultura com letra maiúscula, assumimos que esta é heterogênea e depende do discurso de onde é produzida. A Cultura cis-heteronormativa, portanto, não é universal e se manifesta de múltiplas maneiras e deve ser observada em sua forma singular, do local de onde emerge e pelos seus efeitos no sujeito que por ela se (de)forma.

“*pesquisa-intervenção de orientação psicanalítica*”, que permite com que Mulan apresente seu "monólogo", revise suas memórias para a produção do corpus. Deixamos para o capítulo 4, nos gestos de análise, a dinâmica das entrevistas e como o material foi coletado.

- **Capítulo 2 - CENA 1: CIS-heteronormatividade, Estudos *Queer*/ de Gênero & Linguística *Queer*:** Procuramos apresentar o Outro da Cultura com quem Mulan faz laço. O Outro cis-heteronormativo que dita suas regras daquilo que deve ser seguido e vivido pelos corpos no social. Apresentamos seu avesso, os EQ/G, como o discurso que aponta o furo nas estruturas de poder, a via pela qual corpos dissidentes podem sobreviver. Trazemos também a linguagem, aquela que serve como ponto de ancoragem que interliga LA, EQ/G e Psicanálise, para mostrar o modo como podemos passar por indexicalizações e ficar reféns delas. Por último, a ética da não violência proposta por Judith Butler, articulada à noção de “rosto” e enquadramentos midiáticos.

SEGUNDO ATO - A singularidade da Sujeita Trans

Who is that girl I see?

- **Capítulo 3 - CENA 2: Psicanálise, do significante ao laço social:** O segundo ato da peça mobiliza conceitos da Psicanálise para lidar com o sujeito singular. No capítulo 3 abordamos o sujeito desde sua entrada na linguagem, passando pelas noções de *significante*, *Real-Simbólico-Imaginário (nó borromeano)*, *sujeito do inconsciente*, entre outros temas. Neste capítulo trazemos os instrumentos de análise do nosso corpus: tanto a Teoria da Significação (Lacan, Seminário 11, “*Os quatro conceitos fundamentais da Psicanálise*”, [1964] 2008) quanto a Teoria dos 4 Discursos (Lacan, Seminário 17, “*O avesso da Psicanálise*”, de 1969), que serão utilizadas no capítulo seguinte em que tratamos da análise de seus dizeres, isto é, da forma como Mulan diz se colocar no laço com o Outro.

- **Capítulo 4 - CENA 3: Gesto de Análise:** abrimos este capítulo apresentando a dinâmica das entrevistas, bem como seu roteiro. Nossa análise parte, portanto, dos obstáculos que levam Mulan a se deparar com a impotência do laço com o Outro, cenas que ilustram como seu corpo navega pelos espaços, tanto de sua formação quanto de atuação profissional, e concluimos com as saídas encontradas para driblar os impasses com os quais se depara, bem como os efeitos deste percurso nas identificações cristalizadas sobre si.

Daremos, agora, início ao nosso espetáculo. *Break your leg, Mulan!!*

Abram-se as cortinas!!

*Silêncio!! ... porque a peça
já vai começar!*

PRIMEIRO ATO

O Outro da Cultura

O que o Outro fez de mim?

CAPÍTULO 1

Abrindo as cortinas: a estrela, o cenário e o palco

*“... Do I dare be vulnerable?
What if I lose all control?
But I don't wanna be alone
Every day of my life...”²²*

1. 1 Conhecendo Mulan: a estrela da pesquisa....

MULAN:

Eu acho que a minha trajetória acadêmica, ela é muito misturada com a minha trajetória de identidade. Portanto, estudar, aprender, questionar, refletir, tentar entender, analisar... tudo isso não é difícil pra mim. Isso não é uma coisa que eu não vou conseguir fazer, não é uma coisa que eu tenho limitação, sabe? Em algum momento, talvez, eu possa sentir alguma dificuldade, mas é algo que eu vou correr atrás!²³

A nossa sujeita de pesquisa, de pseudônimo Mulan, é uma professora de inglês transgênera, tem 26 anos e leciona profissionalmente desde 2014. Durante o período de entrevistas, trabalhava em uma escola privada, com sistema bilíngue, onde ensinava inglês para crianças do ensino fundamental I. É formada em Letras-licenciatura (português/inglês) por uma universidade privada, na condição de bolsista integral do programa Universidade Para Todos (PROUNI)²⁴. Ela aceitou participar desta pesquisa porque, para ela, “*existem*

²² “*Find Love*” - Utada Hikaru, 2022. <https://www.youtube.com/watch?v=x2GYHlI3Hh4>

²³ Caro leitor, ao longo de nosso aporte teórico teremos estas falas de Mulan, textualmente adaptadas de nosso corpus e que serão retomadas no gesto de análise de modo mais estendido, de acordo com os critérios de transcrição que assumimos. Nosso intuito é que você crie esta intimidade com a estrela da peça e também com seus dizeres, os quais também nos servirão de exemplo para o que traremos ao longo deste “primeiro ato”. Na seção de análise buscaremos (des)velar pelas lentes da Psicanálise nuances mais profundas e complexas, principalmente do sujeito do Inconsciente.

²⁴ Programa Universidade Para Todos. Mais informações em:

<http://portal.mec.gov.br/component/tags/tag/51021-programa-universidade-para-todos>

realidades e subjetividades que são invisíveis, principalmente na área da educação” - se referindo à realidade das sujeitas trans, e por isso “a escuta atenta dessas vozes é mais do que urgente, vozes que geralmente são marginalizadas”.

O pseudônimo Mulan foi inspirado na personagem principal do filme de mesmo nome (“*Mulan*” 1998;2020), cujo enredo narra a história de uma mulher do período da China Medieval que se passa por homem (no traje, nos cabelo e na voz) para lutar na guerra no lugar de seu pai enfermo. Ao longo da narrativa, ela apresenta seus conflitos acerca da própria performance enquanto mulher, por não ser aquilo que os pais esperam que ela seja. Em alguns diálogos consigo mesma, ela questiona os porquês de ter que esconder o seu verdadeiro eu para caber naquilo que é socialmente aceitável. Aproveitando o universo do filme, buscamos um personagem que pudesse representar o nome de batismo recebido por nossa entrevistada. Portanto, **Fa-Ping**, escolhido por Mulan, será acionado sempre que nos referirmos à sua performance do masculino.

1.2 Percurso metodológico: o cenário para Mulan atuar...

Este estudo de caso tem como ferramenta principal de produção do corpus a entrevista clínica que, segundo Ferreira, “permite colocar o pesquisador face aos problemas e questões de indivíduos, grupos ou comunidades que necessitam de solução” (2018, p. 138). A entrevista clínica não segue a rigidez de entrevistas estruturadas ou semi-estruturadas (FONTANA & FREY, 2003). Ao contrário, oferecemos a escuta para que o sujeito possa falar livremente, fazendo associações livres. Sobre isso, Neves (2021, p.402), baseada em Lacan dirá que:

o sujeito advém quando fala; e ao falar, já se encontra cindido pelo inconsciente, uma modalidade de transmissão que escapa ao controle consciente, e que preexiste à sua constituição, significando, portanto, que no inconsciente está o lugar do Outro, alteridade radical, responsável pela instauração do desejo do sujeito.

Para que o sujeito seja tocado a falar, é importante que se estabeleça, *a priori*, um laço transferencial e de confiança. Assim, o pesquisador consegue virar a demanda, fazendo com que o “pesquisado” queira saber do seu desejo. Podemos afirmar que a pesquisa será aquilo

que é possível fazer sob laço transferencial entre o pesquisado e o pesquisador. O laço transferencial é esse “vínculo afetivo intenso, que se instaura de forma automática e atual, entre o paciente e o analista” (CHEMAMA, 1995, p.217). Sem o laço transferencial, o analisando não se sente confortável para expor suas demandas e acaba por controlar sua fala, limitando qualquer manifestação inconsciente, impedindo que o sujeito produza “enunciados para além do que é evidenciado em seu dizer, seja pela falta, pelo resto, ou pelo o que escapa indomado” (NEVES, 2021, p.402). Por isso, no laço transferencial, o demandante supõe que o analista sabe sobre sua demanda, mas na verdade não sabe. Quando o pesquisador desliza para o discurso do analista, temos como produção desse laço a verdade do demandante, ou a nomeação de seu mal-estar.

É com Ida Berger²⁵ que o termo “mal-estar docente” se inaugura. Entretanto, é desde Freud (1930)²⁶ que a noção de mal-estar emerge atrelada às profissões ditas impossíveis - governar e educar, que posteriormente foram discutidas por Lacan a partir da noção de Discursos (1969) -, não porque não haja pessoas educando e governando, mas pela impossibilidade de tudo satisfazer. Ou seja, sempre haverá alguém insatisfeito com o governo e com a educação, e essa satisfação não realizada gera o mal-estar. Outras duas impossibilidades são: a de tudo fazer desejar, considerando os sujeitos históricos, e a de tudo psicanalisar, referindo-se ao papel do analista, formando, assim, os quatro modos de laço social, ou quatro discursos, em que o sujeito pode se implicar através da linguagem (LACAN, [1969-1970] 2007). Apenas para que consigamos compreender a noção de intervenção nesta seção, faremos uma breve menção a dois deles.

Os quatro discursos são, portanto: o do mestre, o da histórica, o da universidade e o do analista. No discurso da histórica, ao se histerizar, o sujeito passa a demandar do mestre um saber que dê conta de seu sintoma. Entretanto, o pesquisador, assumindo o discurso do analista, deve se colocar como um tonel sem fundo onde o sujeito deposita sua narrativa, produzindo nisso um mais-de-gozar que impulsiona sua fala. O sujeito precisa, na sua fala, lembrar, repetir e perlaborar seu conflito (FREUD, [1914] 1980), de modo que algo em seu dizer “chacoalhe” suas identificações cristalizadas. Dessa forma acreditamos estar intervindo na realidade do sujeito porque

uma intervenção na esfera da educação, através da orientação clínica, deve ser capaz de (1) fazer falar, (2) fazer repetir e (3) fazer perlaborar. Em outras palavras, fazer falar, para que o sujeito não só lembre e relate sua própria experiência, mas tenha a chance, ao

²⁵ Conferir Pereira (2016, p. 39).

²⁶ “O Mal-estar nas Civilizações”.

repeti-la em sua própria fala, de teorizá-la de modo singular, de responsabilizar-se pelo que fala; e, quem sabe, de elaborar-se subjetivamente (PEREIRA, 2012, p.31)

Esse mal-estar instaurado na realidade do sujeito pode assumir vários nomes, tais como: “angústia laboral, estresse profissional, esgotamento emocional, depressão, frustração, despersonalização, sentimentos contraditórios, síndrome de burnout” (PEREIRA, 2016, p.38) entre outros. Colocar o sujeito a falar sobre seu mal-estar é ter a oportunidade de compreender os fatores que levam a incidência do Outro sobre suas ações e quais os sentimentos e emoções que emergem desse laço - principalmente na imagem que a professora faz de si, uma vez que cenas repetidas de desmotivação podem gerar “uma crise de identidade que pode chegar à ‘depreciação do ego’” (PEREIRA, 2016, p.40).

Para que se interrompa este circuito de depreciação, é preciso intervir, uma vez que “a intervenção realiza um corte em uma relação com problemas” (CORACINI, 2021, p.55). Há na narrativa de Mulan um mal-estar instaurado que emerge diante de sua impossibilidade de se colocar no mercado enquanto mulher trans. Veremos que as escolhas assumidas por ela são o resultado das imposições do *business* de escolas particulares ditas bilíngues que estabelecem a estética de sua imagem para que esta seja comercial e vendável. Recai, portanto, sobre o corpo de nossa pesquisada a responsabilidade de “*vender o peixe*”.

Quanto ao papel do pesquisador nessa empreitada, podemos assumir que suas ações são premeditadas, calculadas, de modo a agir na realidade que se investiga. Entretanto, como prever a reação de quem irá ser atravessado por elas já que “não se pode ter clareza quanto às consequências [de uma intervenção] para e nos indivíduos”? (CORACINI, 2021, p.58). Corroborando Pereira (2012), a nossa aposta está na escuta de si, nos efeitos causados pelo próprio dizer, no abandono do circuito da queixa e/ ou no deslocamento suscitado pelo rompimento com certa representação imaginária. Desse modo,

uma entrevista na clínica [visa] não somente constatar, mas oferecer a palavra para que aquele que fala possa, ele mesmo, ser tocado pelos efeitos de seu dizer, ora apropriando-se dele, ora afastando-se, tomando distância da palavra do outro, ora localizando-se e posicionando-se de um novo modo frente ao seu dizer, seja porque a fala é endereçada, seja pelos efeitos da intervenção. (2018, p. 139).

Assumindo, portanto, o ‘grande’ Outro como a cis-heteronormatividade e seu avesso materializado nos EQ/G, a nossa metodologia se propôs a convidar Mulan a subir ao palco

para falar sobre o modo como o Outro da Cultura a atravessou, e ainda a atravessa, ao longo de sua formação. Diante do impossível do corpo, da língua, do discurso em si, buscamos identificar nos dizeres de Mulan: a) os momentos em que a impotência se manifesta; b) as saídas encontradas por ela para não cair na angústia da impotência e assim conseguir driblar os obstáculos. No **capítulo 4** sobre o gesto de análise, apresentaremos melhor a dinâmica das entrevistas. Por enquanto, podemos prosseguir para o palco onde nosso cenário foi montado: a LA.

1.3 Linguística Aplicada: uma palco TRANSdisciplinar...

A Linguística passou por três fases importantes até delimitar seu objeto. Foi com os gregos que os estudos sobre os fatos da língua tiveram seu início. Em seus primórdios o nome dado a tal ciência foi "Gramática", que se embasava na lógica, na formulação de regras, do correto e do incorreto, sem nenhum rigor científico. A segunda fase, no século XVIII, se dá com a Filologia de Friedrich August Wolf que não buscava estudar apenas a língua. Ele abriu espaço para os estudos do texto, bem como da crítica literária, dos costumes de um tempo e sua história. Nessa esteira, em um terceiro momento, surge a Filologia Comparada e a Gramática Comparada, com o interesse de observar as línguas entre si. (SAUSSURE, 1999, p. 7-8).

Com Saussure, aprendemos que falar uma língua requer um processo psíquico seguido de um esforço fisiológico em que o aparelho fonador é acionado. Em um diálogo entre dois interlocutores que possuem a mesma língua enquanto convenção, suscita-se uma imagem acústica de dado conceito na psique, seguida de sua materialização na fala. A Linguística se ocupa, portanto, de teorizar esses processos, na construção de saberes convencionalizados sobre os fenômenos da língua (SAUSSURE, 1999; ROCHA & DAHER, 2015).

A língua, com sua matriz na linguagem, é uma convenção social passada adiante. A linguagem é um termo genérico para esta característica natural do ser humano de criar formas de comunicação, nomear o que é existente e dar sentido às coisas (VIANA, 2009, p.7), o que não deixa de ser de interesse também de outras áreas do conhecimento, tais como a Psicologia, a Antropologia e a Sociologia.

A linguagem, diferente da língua, não assume uma regra gramatical e pode ser multiforme. Por ela nos constituímos sujeitos e damos corpo à nossa subjetividade (SAUSSURE, 1999). Viana (2009) irá um pouco além ao dizer que:

O indivíduo quando nasce encontra um mundo de relações sociais constituído e no qual ele intervém muito pouco. O idioma que terá que usar já está predeterminado. Ele se defrontará com a hegemonia de determinados valores, idéias, sentimentos. Desta forma, o indivíduo nasce num mundo pronto e do qual ele não ajudou a construir. Ele deve viver neste mundo e o faz a partir da consciência que vai desenvolvendo. Esta consciência individual, que também é social, está ligada ao modo de vida, as experiências do indivíduo, e a cultura estabelecida e que lhe é imposta. (VIANA, 2009, p. 7)

Temos a língua como algo arbitrário na inserção do sujeito na linguagem, um “*fato social*” postulado por Antoine Meillet²⁷ (1866-1936), já que não existe sociedade sem língua e sua linguagem (CALVET, [1993] 2011). Somos fruto de um acaso e de uma vasta gama de possibilidades culturais e linguísticas. Por exemplo, quem nasce em uma favela do Rio de Janeiro não tem a mesma língua e linguagem de quem nasce no interior de Minas Gerais²⁸. Portanto, o sujeito se constitui sujeito pela língua e pela linguagem de onde nasceu. Nesse ponto, temos o social que deve ser considerado nas concatenações das teorias desenvolvidas pela Linguística.

Com a Sociologia, que se origina no advento da modernidade, período que se compreende entre os séculos XVII e XX e com a diáspora do homem do campo para os centros industrializados (GIDDENS, 1990; KUMARAVADIVELU, 2012), emerge a Sociolinguística que, após o congresso de Yeshiva em 1966, se ocupava em promover a equidade entre os sujeitos modernos e os não modernos, principalmente nas escolas (RAMPTON, [2006] 2021). Buscava-se nessa relação criança-escola, compreender as dicotomias que, segundo Rampton ([2006] 2021, p. 110) emergiram em relação:

aos modos de expressão, que eram supostamente vernacular ou padrão, oral ou letrado, concreto ou abstrato, implícito ou explícito, narrativo ou argumentativo, metafórico ou racional, contextualizado

²⁷ Linguista francês. Para um maior entendimento, conferir sua obra “*Linguistique historique et linguistique générale*”, 1921.

²⁸ Mesmo sendo o português a língua mãe em ambos os cenários, o modo como a língua se manifesta é diferente para cada contexto. Há na UFMG um núcleo dedicado aos estudos da Análise da Conversação e da Linguística Intercultural, o [ICMI](#) (Intercultural Communication in Multimodal Interactions), coordenado pela professora [Ulrike Schröder](#). Desse núcleo de estudos, destacamos o trabalho de [NASCIMENTO \(2020\)](#), que em sua tese de doutorado investigou o que emerge na fala em interação entre paraenses e mineiros, tanto na questão discursiva, quanto do uso da entonação da voz e das metáforas gestuais.

ou descontextualizado, particular ou universal etc./ aos tipos de organização social, que eram casa *versus* escola, redes fechadas *versus* redes abertas, homogêneo *versus* heterogêneo, solidariedade *versus* baseado em status, mecânico *versus* orgânico etc. / a categorias sociais: localizado-migrante, branco-negro, maioria-minoria, masculino-feminino, classe média-classe trabalhadora.

Um bom exemplo de dicotomia foi dado por Basil Bernstein²⁹ ao ilustrar o domínio linguístico entre crianças desfavorecidas e crianças abastadas. Com uma charge sem falas, ele pede para que crianças de ambas realidades socioeconômicas descrevam o que vêem. É notório que o repertório linguístico da classe média, denominado de *código elaborado*, é maior ou superior ao vocabulário da classe trabalhadora, denominado de *código restrito* (CALVET, [1993] 2011, p. 18).

Podemos supor que o acesso à informação (subentende-se à diferentes linguagens, em maior ou menor proporção) amplia ou diminui o processo de inteligibilidade e interpretação da cena, ponto que será melhor abordado mais adiante. Vejamos, por enquanto, outros pontos de interesse da Linguística.

A Linguística se estabelece como uma ciência da língua, e como qualquer ciência, ela busca rigor nos processos de análise. Logo, o cientista da língua quer ser cada vez mais especializado naquele objeto ao qual se debruça. Todavia, ao se restringir cada vez mais os postulados, isso faz com que se tenha a (falsa) sensação de que se consegue chegar a um núcleo indivisível do objeto, ocasionando um efeito negativo de disciplinarização do saber, de domesticação, que torna o cientista um especialista ignorante (SANTOS, 2010).

Passamos para o uso vivo no social, chamado também de “ciência na prática”, que aponta os “furos” das teorias sobre a língua e suas linguagens, lugar de agência da Linguística Aplicada (LA). Por muito tempo acreditou-se que a única função da LA fosse investigar questões de ensino e aprendizagem de línguas. Entretanto, sabemos hoje que a LA tem um caráter interdisciplinar com outras áreas do conhecimento (CELANI, 1992).

O campo da LA no Brasil se consolida na década de 1990 com a ALAB³⁰ e de lá pra cá se esforça para estabelecer sua autonomia, seja por suas características nômades ou por seu diálogo com outros campos do saber que também se valem da linguagem em busca de soluções para os conflitos do ser humano. Ao contrastar a LA com as ciências ditas puras,

²⁹ Especialista inglês em sociologia da educação. Para um maior entendimento, conferir sua obra “*Langage et classes sociales*”, 1975.

³⁰ Associação de Linguística Aplicada do Brasil.

percebe-se que o campo das ciências aplicadas ainda é visto como de menor importância, sem mencionar que o número de bolsas concedidas pelo CNPq³¹ à área de Linguística Letras e Artes é bem menor do que para as Ciências Agrárias, Biológicas, da Saúde, Exatas e da Terra, Humanas, Sociais e Aplicadas e as Engenharias (CELANI, 1992; ROCHA & DAHER, 2015). Seria por seu impacto no social? Vejamos.

1.3.1 A LA não se preocupa com o social?

A LA possui vários epicentros. Portanto, e apenas a título de exemplo de percurso histórico, iremos considerar o anglófono.

Durante a Segunda Guerra Mundial, o governo americano investe pesadamente em pesquisas linguísticas em busca de soluções rápidas de comunicação com seus aliados e de compreensão da língua dos inimigos, deixando o *Army Method*, ou abordagem audiolingual, como herança desse período (MOTA, 2008). A necessidade de soluções rápidas e práticas impactaram diretamente no modo de se fazer pesquisa entre os linguistas, cujos objetivos passaram a ser: chamar a atenção das agências de fomento e conquistar mais verbas. A Linguística se torna uma fábrica de respostas prontas, com ênfase em questões de cunho cognitivo, por ter suporte da Psicologia. E nomes como o de Chomsky (1965) e Bloomfield (1944) emergem, deixando de lado qualquer investigação com viés sociológico ou antropológico (RAJAGOPALAN, [2006] 2021).

Nesse período, a Linguística buscava certa evidência e status no meio acadêmico, já que as pesquisas nesse campo eram vistas como “pesquisas ‘moles’ das ‘ciências humanas’” (RAJAGOPALAN, [2006] 2021, p.152). Nesse período de certa “emancipação” das críticas, a Linguística pouco a pouco se recolhe no alto de um pedestal e torna-se cada vez mais abstrata. Em outras palavras, “pouco importa se um zé-ninguém não consegue entender o que a linguística diz; afinal, ninguém reclama quando um físico ou um biólogo expõem suas recentes descobertas em linguagem inacessível às pessoas comuns” (RAJAGOPALAN, [2006] 2021, p. 153).

Essa abordagem abstrata e elitizada da Linguística desconsidera qualquer saber do sujeito leigo/ nativo da língua que, para o linguista, não é capaz de produzir saber sobre sua

³¹ Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico.

própria língua mãe. Essa percepção e abordagem academicistas distanciam a língua de seu real uso, produzindo episteme que descreve um sujeito fictício auto suficiente e ensimesmado, e que em nada é afetado pelos laços sociais que pratica. Ou seja, um sujeito que goza sozinho com sua própria língua (RAJAGOPALAN, [2006] 2021).

Outro exemplo latente de crítica aos linguistas, gramáticos e semioticistas está na obra do filósofo e analista do discurso Michel Pêcheux (1969). Em sua primeira fase, na obra “*Análise Automática do Discurso*”, ele diz estar a língua a serviço do discurso e das formações discursivas, além de afirmar que somos animais ideológicos - portanto frutos de um meio que nos fabrica na e pela linguagem. E mais, o discurso também delimita aquilo que pode ou não ser dito dentro de uma formação ideológica. Vejamos como isso se dá a seguir.

1.3.2 - Mas não pode dizer “Todes bem-vindes?”

Anteriormente, vimos com Viana que “o indivíduo nasce num mundo pronto e do qual ele não ajudou a construir (2009, p.7)”. O Brasil corrente, já construído, ocupou em 2020 o topo do ranking entre os países que mais matam trans e travestis em todo o mundo pela 12ª vez, segundo relatórios divulgados nos sites **ONU Brasil**³² e **exame**.³³ Vimos, também, que a ciência aborda a língua ensimesmada, buscando resultados últimos e uma estética de uso que não considera questões sociopolíticas, tais como a língua e a linguagem acionadas pelas realidades LGBTQIAPN+ (SANTOS, 2010).

Corroborando ambas as asserções, deparamo-nos com o fato de que: tanto a violência contra trans e travestis quanto o descaso para com questões sociopolíticas dentro da Linguística podem silenciar discussões importantes, tais como o uso de *gênero neutro*³⁴ que veremos mais adiante na seção.

³² Matéria disponível em:

<https://brasil.un.org/pt-br/110425-brasil-e-o-pais-que-mais-mata-travestis-e-pessoas-trans-no-mundo-alerta-relatorio-da>

³³ Matéria disponível em:

<https://exame.com/brasil/pelo-12o-ano-consecutivo-brasil-e-pais-que-mais-mata-transexuais-no-mundo/>

³⁴ Segundo Souza (2021, p.6) “No ponto de vista morfológico, o português brasileiro não possui marcas previstas de um gênero neutro. Com isso, alguns grupos de falantes da nossa língua que não se sentem representados pelas formas de gênero disponíveis no português começaram a questionar a respeito da variação binária de gênero gramatical. Para isso, surgiu a proposta de utilizar símbolos como ‘@’ e ‘x’ e o uso do e no final de substantivos, adjetivos, artigos, pronomes que são marcados gramaticalmente (bonit@, bonitx e bonite).”

Por enquanto, uma reflexão nos parece pertinente aqui: é possível o professor de línguas se desvencilhar de questões de gênero dentro de sala? Acreditamos que o cenário escolar é inquestionavelmente imprevisível e, portanto, em algum momento o professor de línguas deve estar preparado(a) para lidar com estas cenas, como esta vivida por Mulan:

MULAN:

Eu lembro que uma professora de português na quinta série estava fazendo uma coisa de primeiro dia de aula, da primeira aula dela. E ela pediu pra gente sentar e falar com quem que a gente se identificava, né? Ninguém falou nada, ficou todo mundo olhando um pro outro e tal. E a BOCUDA foi lá e levantou a mão e foi falar. Eu falei assim: "Não, porque eu me identifiquei com o colega ali, o Gustavo." Aí todo mundo começou com aqueles risinhos... e aí eu percebi que foi uma coisa, tipo assim: que o meu comentário foi super sexualizado.³⁵

Considerando o tempo deste discurso, entre 2004 e 2006, acreditamos que as discussões eram mais tímidas do que hoje, o que poderia influenciar na intervenção da professora regente. Esta cena nos chama atenção por ter sido o resultado de uma atividade/dinâmica proposta por uma professora de língua portuguesa, deixando claro que as questões de gênero e sexualidade se instauram sem anúncio prévio. E como lidar com isso, que surtiu efeito, que gerou um trauma, que causou desconforto? Infelizmente, para esta cena, já não se tem mais uma solução. Ela nos aponta para a fragilidade do sistema cis-heteronormativo, tão punitivo para com aqueles que o desobedecem. Entretanto, temos casos na atualidade mais latentes, quase 20 anos depois. As salas de aula fervilham e a cis-heteronormatividade já não dá mais conta de fazer suas contenções, no sentido de evitar manifestações de corpos que a extrapolam, corpos também temerários.

Retomando a discussão do *gênero neutro* anunciado acima, seu uso não é uma tentativa de converter corpos mas, sim, de mostrar que há algo para além do que a gramática dá conta de descrever. Nossos corpos não cabem em preceitos gramaticais. Portanto, essa discussão possibilita que se tenha consciência de suas existências, ocasionando, em nossa aposta mais esperançosa, um maior entendimento e percepção por parte dos alunos. E esperamos que, por conseguinte, cenas como a de um menino se identificar com outro menino seja natural, seja por qual motivo for, e não motivo de repressão ou chacota.

³⁵ As lentes da LA, do Estudos Queer/ de Gênero, estas não servem como instrumento de análise de discurso, como a AD o faz, e por isso tomamos a liberdade em adaptar para falas os dizeres de Mulan, como em uma peça teatral. Estas falas serão retomadas de modo mais ampliado para que se utilize o instrumento de análise da Psicanálise (as Teorias da Significação e dos 4 discursos de Lacan), e esta sim serve como instrumento de análise de discurso.

Entretanto, este entendimento ainda está um tanto quanto distante do que de fato acontece. Segue uma notícia³⁶:

Figura 1 - Notícia sobre a professora de Vitória ES

CIDADES

"Bem vindes": Professora de Vitória usa gênero neutro para saudar alunos e prefeitura é acionada

Da Redação • 03/03/2021 20:02:14 • 3 min. de leitura

Um cumprimento feito por uma professora em uma plataforma de ensino virtual causou indignação em alguns pais de aluno. O caso aconteceu com uma professora do 6º ano de uma escola de Vitória.

A professora enviou um texto de boas vindas, dentro da plataforma utilizada pelos estudantes, aplicando o gênero neutro ao dizer "Todes bem vindes".

Fonte: Página do site TribunaOnline

A matéria apresenta o uso de "*Todes bem-vindes!*", um fenômeno linguístico da comunidade LGBTQIAPN+, que provoca incômodo na comunidade escolar que se sente no direito de recorrer ao poder do Estado para readequar a professora ao que é permitido. Essa intervenção nos aponta que a língua tem poder e, por assim ser, causará entraves e disputas. A questão é o silenciamento acerca do saber: que saber é esse que precisa ser calado e não discutido? O que não pode ser viabilizado através da língua e suas linguagens? Por que o uso de "*Todes bem-vindes!*" é motivo de tanta repressão?

Veremos nos próximos capítulos que a matriz cis-heteronormativa precisa garantir sua perpetuação através das crianças (EDELMAN, 2021). Por enquanto, vejamos de que modo a professora de línguas foi reprimida e silenciada:

³⁶ Disponível em

<https://tribunaonline.com.br/cidades/bem-vindes-professora-de-vitoria-usa-genero-neutro-para-saudar-alunos-e-prefeitura-e-acionada-90491>

Figura 2 - Notícia sobre a professora de Vitória ES, réplica.

"Fomos procurados por pais que manifestaram estranheza no diálogo da professora uma vez que, no Plano Municipal de Educação, já foi retirada a ideologia de gênero e esse debate foi votado na Câmara anos atrás e precisa ser respeitado. Por isso, casos como esse não devem mais acontecer. Nós não vamos permitir que casos como esse voltem a acontecer. Além de ser um afronta à Língua Portuguesa é uma afronta ao Plano Municipal de Educação. Vamos acompanhar as escolhas dos livros didáticos, vamos acompanhar o que os professores postam nos portais de alunos, com objetivo de garantir que tanto as famílias capixabas quanto a língua portuguesa sejam respeitadas", explicou o presidente.

Esmael ressaltou ainda que ele e o vereador Gilvan reconhecem o rápido posicionamento da prefeitura em retirar a postagem da plataforma de ensino virtual. "Nós agradecemos o trabalho da prefeitura e frisamos que vamos continuar fiscalizando", completou.

Fonte: Página do site TribunaOnline³⁷

A escola, aparelho ideológico do estado (ALTHUSSER, 1970), é palco para a reprodução de múltiplos discursos, como o do prefeito capixaba acima que denuncia o uso de “*Todes bem-vindes*”, marginalizando todo o saber que este sintagma acarreta enquanto marca identitária de uma realidade periférica e marginalizada, inviabilizando qualquer possibilidade de subjetivação de tais realidades por parte dos alunos. Portanto, a língua portuguesa, que deveria estar a serviço de todos, todas e todes, não pode ser afrontada pelo gênero neutro pois já existe o masculino genérico (MÄDER & MOURA, 2015)³⁸, o qual estabelece que: ao se enunciar “*Boa noite a todos*”, estão contemplados os homens e as mulheres.

Entretanto, para a comunidade LGBTQIAPN+, o uso do masculino genérico não traz em si uma carga sócio-histórica de luta por representatividade, muito menos torna inteligível a realidade desses sujeitos. Isso evidencia que a língua e suas linguagens não têm livre circulação em determinados discursos, com o agravante da severa fiscalização por parte do Estado. Em suma, para a prefeitura de Vitória, a língua aparenta ser uma entidade gramatical desvinculada de qualquer relação com o social, estabelecendo a norma culta como modelo legítimo de língua.

Há dentro da LA estudos engajados acerca dos fenômenos de ruptura com a norma culta, como subversão motriz na produção de discursos. Signorini ([2006] 2021) nos convida

³⁷ Idem nota de rodapé anterior.

³⁸ Trago aqui duas sugestões de vídeo, sendo um a favor e o outro contra o uso do gênero neutro, apenas a título de ilustração acerca do que tem sido debatido sobre esse tema:

<https://www.youtube.com/watch?v=k3E1ExBEnNY> , <https://www.youtube.com/watch?v=WAzsxxMMIIM>

a “repensar a questão da legitimidade da língua em uso em função da lógica democrática da controvérsia” (p.169). A democracia, não como regime político, mas como via de direito de contestação à regra estabelecida, como poder e liberdade de usar a língua de modo que ela materialize a singularidade e a identidade “do falante e de sua língua numa dada ordem sociocultural e linguística (SIGNORINI [2006] 2021, p.170). Um exemplo pontual é o uso de gírias por grupos sociais específicos. Segundo Barroso:

No caso da gíria, ela se incorpora à língua oral popular, tornando-se o que costumamos chamar de gíria comum, ou segundo alguns estudiosos mais ortodoxos, simplesmente parte do vocabulário popular. A gíria é uma das fontes expressivas da língua e se dissemina não apenas entre as classes menos favorecidas ou entre os falantes jovens. Como vocabulário de grupo ela surge também entre os mais diversos grupos sociais, desde que possa constituir uma marca identificadora desses grupos (2017, p.44).

Nessa esteira, podemos pensar o dialeto “*Pajubá*” que emerge da comunidade homossexual e travesti durante a ditadura, e que serve como forma de linguagem e resistência para tais realidades. A palavra *pajubá*, ou sua variante *bajubá*, são de origem africana, das línguas iorubá ou nagô, e trazem consigo o sentido de “*mistério*” e “*segredo*”.(BENISTE, 2011 ; BARROSO, 2017).

Em 2018, o ENEM³⁹ tornou-se palco de críticas por ter proposto uma questão na seção *Linguagens e Códigos* em que o candidato deveria pensar acerca das atuais variações linguísticas dentro do português brasileiro. O texto motivador traz um exemplo prático de uso. Vejamos:

Figura 3 - Questão 37 do ENEM 2018 sobre Pajubá.

QUESTÃO 37

“Acuenda o *Pajubá*”: conheça o “dialeto secreto” utilizado por gays e travestis

Com origem no iorubá, linguagem foi adotada por travestis e ganhou a comunidade

“Nhaí, amapô! Não faça a loka e pague meu acué, deixe de equê se não eu puxo teu picumã!” Entendeu as palavras dessa frase? Se sim, é porque você manja alguma coisa de pajubá, o “dialeto secreto” dos gays e travestis.

Fonte: ENEM 2018⁴⁰

³⁹ Exame Nacional do Ensino Médio.

⁴⁰ Disponível em:

https://download.inep.gov.br/educacao_basica/enem/provas/2018/1DIA_01_AZUL_BAIXA.pdf

Nessa questão, a alternativa correta é a que diz que o *Pajubá*, além de ser considerado parte do patrimônio linguístico brasileiro, ganha status de dialeto por haver registro formal e literatura que o sustente. Há, pois, uma literatura considerável que se debruça sobre o pajubá, e aqui podemos mencionar “*Aurélia, a dicionária da língua afiada*” (Angelo Vip e Fred Libi, 2006) ; “*Diálogo de Bonecas*” (Jovana Baby, 1995) e “*Linguagens pajubeyras: re(ex)istência cultural e subversão da heteronormatividade*” (Carlos Henrique Lucas Lima, 2017).

O *Pajubá* está para além das palavras e encontra-se, também, nos gestos, na entonação da voz, no prolongamento de vogais, em características linguísticas e de linguagem que o tornam um dialeto acentuadamente performativo. Mais do que uma forma de linguagem, o *Pajubá* está a serviço das realidades LGBTQIAPN+ como instrumento linguístico-cultural que afronta os mandos “*heterocisgeneronormativos*” (LIMA, 2017).

Assim como o *Pajubá* se coloca a serviço das realidades LGBTQIAPN+, nós também nos colocamos a serviço de Mulan para que ela articule seus conflitos e assim possamos “problematizá-los e criar inteligibilidades sobre eles, de modo que alternativas para tais contextos ... possam ser vislumbradas (MOITA LOPES, [2006] 2021, p.18). Ao acessarmos a narrativa de Mulan pelas lentes dos EQ/G e da Psicanálise, espera-se sensibilizar e abrir veios para o diálogo de modo ético. Como bem disse Saussure⁴¹ em “*Curso de Linguística Geral*”, os objetos só ganham corpo através de nosso ponto de vista, dos sentidos que atribuímos a eles.

1.3.3 - TRANScendendo o olhar pela Linguística Aplicada.

O silenciamento presente na notícia da seção anterior nos evidencia que o ambiente escolar em questão pode não estar pronto para acolher uma sujeita trans, instigando-nos ao questionamento das possíveis violências que um corpo trans sofreria nesse espaço com a chancela do Estado. Mulan nos diz que:

⁴¹ “Bem longe de dizer que o objeto precede o ponto de vista, diríamos que é o ponto de vista que cria o objeto” (1999, p. 15).

MULAN:

Eu queria entrar em espaços e em situações que ficavam sendo muito fechadas... que eram... que se fechavam pra mim dentro da própria escola.

Geralmente nesses espaços ensina-se às crianças o respeito a tudo e a todos sem de fato nomear as formas de preconceito, uma escapatória para não se endereçar a crítica e a reflexão de modo apropriado. Com isso, acreditamos que qualquer aluno pode ficar em suspenso e confuso por ter que respeitar algo sobre o qual nada se fala e sem qualquer criticidade. E no caso de Mulan, a exclusão é um dos possíveis efeitos dessa falta de diálogo.

O perigo, entretanto, está tanto em se deixar o signo aberto, sem conteúdo e podendo ser preenchido e manipulado por qualquer discurso preconceituoso, quanto na posição discursiva assumida pela escola. Um belo, ao mesmo tempo triste, exemplo de discurso preconceituoso está no trabalho de Marques (2020), que se debruça sobre a oralidade de uma pregação neopentecostal com o intuito de compreender o modo como a linguagem é acionada na construção do corpo homossexual dentro desse perfil de discurso religioso. Por ser um discurso pró-família, machista, patriarcal, neoliberal e de direita, não é de se espantar que haja indiferença e rejeição às demandas da comunidades LGBTQIAPN+.⁴² A rejeição e a indiferença se materializam da seguinte forma:

No que concerne à luta contra direitos LGBT, o discurso evangélico conservador é particular ao construir a identidade do indivíduo homossexual: ele é um ser não apenas contra as leis de Deus, mas também um pária e um inimigo que ameaça a unidade familiar e o bem-estar comum (MARQUES, 2020, p.214).

Esse enunciado com fundo nazista⁴³ circula livremente na grande mídia e em horário nobre de canais abertos comprados por pastores com dinheiro do povo. Em pleno século XXI, ainda há colonizadores que agem como Yves d'Evreux para com o Índio Tibira, amarrando corpos transviados à boca de um canhão para satisfazer a vontade de Deus.

Sabemos que o acesso à informação em maior ou menor proporção amplia ou diminui o processo de inteligibilidade e a interpretação da cena (CALVET, [1993] 2011). Portanto, ao questionarmos a Cultura neopentecostal enquanto fonte de subjetivação, enquanto lente para a leitura da cena LGBTQIAPN+, concluímos que a dicotomia se sustenta na conformidade

⁴² Há, inclusive, uma certa demonização da direita sobre a esquerda por esta sustentar pautas progressistas, tais como o aborto e a legalização da maconha (Marques, 2020, p.214).

⁴³ Para sustentar este argumento recomendamos Verbicaro Soares (2020).

(ou não) com os desígnios Deus, na estética do que é um roteiro de vida aceitável, no discurso médico-biológico pró-família e, obviamente, no discurso bíblico.

Lima (2014, p.9) atrela a discussão acima ao discurso capitalista. Para ele, a família como a temos resulta de um processo burguês que estabelece a heterossexualidade como padrão de reprodução de um formato de vida que sustenta o capital. Nessa roda, o pai deve ser o provedor, a mãe reprodutora e o filho a certeza da continuidade desse sistema.⁴⁴

Parece-nos, após essa breve digressão, que a Linguística teórica de Saussure não considerou que a língua pudesse estar a serviço dos desejos mais perversos do homem. De modo mais enfático, estudar apenas a língua ensimesmada em seu caráter estético, morfológico, semântico e histórico implica desconsiderar os modos como a língua e suas linguagens podem servir como instrumento de morte. Ou seja, a língua e suas linguagens sustentam discursos de ódio (BUTLER, [1997] 2021).

Vale a pena lembrar ao leitor que esta pesquisa lida com a receptividade de um corpo trans na sala de aula de uma escola particular brasileira, atravessado tanto pela língua materna, quanto pela língua adicional (SCHLATTER & GARCEZ, 2009). Encontram-se hoje disponíveis pesquisas robustas que abordam temas Queer no ensino de inglês (MÍGUEZ, 2014; FREITAS, 2018; SOUZA, 2020); entretanto nenhuma acerca do corpo trans na sala de aula de língua estrangeira, muito menos o corpo de uma professora trans. Portanto, esta pesquisa não visa propor formas de abordar questões LGBTQIAPN+ nos cursos de inglês, ou fazer uma proposta pedagógica. Queremos evidenciar como se dá o laço entre a professora de inglês trans e o Outro, laço que se inscreve na e pela linguagem dos discursos que a permeiam.

Recuperando alguns pontos de nossa conversa inicial, vimos que a Linguística teórica tem como objeto “a língua considerada em si mesma e por si mesma” (SAUSSURE, 1999, p.271), excluindo questões de subjetivação de grupos sociais específicos manifestos na língua/linguagem, acarretando o não reconhecimento da existência de condições heterogêneas de produção de linguagem. Também vimos que o saber construído acerca dos corpos LGBTQIAPN+ circunscreve a dinâmica de inteligibilidade por parte de outros sujeitos, geralmente influenciados por múltiplos discursos que demonizam e excluem os corpos dissidentes da tessitura social. Diante disso, como a LA pode ajudar?

⁴⁴ Ressaltamos que não são todas as igrejas que pregam o discurso homofóbico apresentado por Marques (2020). Há, inclusive, igrejas evangélicas fundadas por homossexuais onde é possível realizar casamentos homoafetivos, por exemplo.# Entretanto, nos chama a atenção que igrejas evangélicas que abraçam a causa LGBTQIA+ não têm espaço nos canais religiosos.

Em 2001, Pennycook publica um trabalho seminal (*Critical Applied Linguistics: A Critical Introduction*) em que ele se debruça sobre as questões políticas que permeiam a língua ao trazer críticas acerca das normatividades impostas pela LA (ZAIDAN & SOARES, 2016). Nessa mesma seara podemos citar o esforço de Kumaravadivelu (2012), que propõe uma quebra epistêmica que denuncia a interdependência imposta ao saber produzido pelo colonizador e provoca a periferia global a se impor e produzir saberes acerca de suas realidades. Moita Lopes ([2006] 2021) também nos convida a pensar uma LA indisciplinar, que busca contemplar

outras histórias sobre quem somos ou outras formas de sociabilidade que tragam para o centro de atenção vidas marginalizadas do ponto de vista dos atravessamentos identitários de classe social, raça, etnia, gênero, sexualidade, nacionalidade” (p. 25).

A LA por muito tempo foi reduzida àquela que aborda questões de ensino e aprendizagem de línguas. Hoje nos programas de pós-graduação, há pesquisas em que a LA traz uma interface com outros campos do saber. Esse exercício de buscar em outras áreas do conhecimento respostas para os dilemas da dinamicidade da vida nos mostra que apegar-se a um único saber exclui outros repertórios de linguagem, outras lentes que podem desvelar o que um olhar monofocal não permite. Já o pesquisador da LA, este faz de seu percurso uma oportunidade de construção de outros modos de fazer pesquisa, abrindo caminho para outros modos de decodificar a realidade. A LA, por ser tão maleável, tem atraído a atenção de muitos pesquisadores e provocado outros tantos “narizes torcidos” por parte de quem assume o conhecimento científico e exato como fonte de verdade.

Assumir uma teoria pode ser contraprodutivo se não adicionarmos ao processo a singularidade da realidade em análise. E para a análise da realidade de Mulan precisamos compreender, primeiramente, do que é constituído este Outro da Cultura que a atravessa e de onde ela emerge sujeita: o discurso cis-heteronormativo. Vejamos como este Outro dialoga com seu avesso, os Estudos *Queer*/ de Gênero.

CAPÍTULO 2

CENA 1: CIS-heteronormatividade, Estudos Queer/ de Gênero & Linguística Queer

“... *Did you think I'd crumble? Did you think I'd lay down and die? Oh, no, not I! I will survive. Oh, as long as I know how to love I know I'm still alive, I've got all my life to live. And I've got all my love to give. And I'll survive!! I WILL SURVIVE! Hey, hey!...*”⁴⁵

O discurso médico-biológico, filogenético, determina que ao nascer com pênis é homem e ao nascer com vagina é mulher. Pênis e vagina, órgãos sexuais complementares, determinam todo o roteiro de vida de um corpo que, desde seu primeiro contato com o mundo, já passa a ser devidamente treinado para o social de acordo com seu adereço genital.

Leonard Sax corrobora tais asserções em seu *best-seller* “*Porque gênero importa?*” ([2005] 2019) e considera o gênero uma categoria importante na criação dos filhos, pelo fato de corpos trazerem de modo inato características que justificam a conscientização da distinção. Através do discurso médico-biológico-científico, evidencia que meninos ouvem menos que meninas e que mulheres notam odores que homens consideram imperceptíveis. Ao longo de sua obra o exercício será sempre o de mostrar como a ciência já provou que gênero existe, que não é uma mera categoria discursiva, e quais as características físicas e biológicas que sustentam suas verdades. Entretanto, algo passa despercebido: a Cultura americana.⁴⁶

⁴⁵ “*I will survive*” - Gloria Gaynor, 1978. <https://www.youtube.com/watch?v=fCR0ep31-6U>

⁴⁶ Macho e fêmea, feminino e masculino, homem e mulher são categorias intercambiáveis? Quais discursos produzem essas nomeações? A biologia nos diz que somos divididos de acordo com o nosso aparelho reprodutor. Por isso, macho e fêmea são categorizações que nos auxiliam a identificar quem deposita o esperma e quem o recebe para uma futura gestação. Podemos dizer que o feminino e o masculino são resultado da linguagem, que busca dar sentido para as coisas que vemos, e que podem ser representados de diversas formas: o masculino como a flecha e o feminino a cruz; o macho caçador e a fêmea que fica em casa aguardando sua volta em oração. Homem e mulher são, por sua vez, papéis sociais que estão estabelecidos de acordo com as estruturas de poder do discurso de onde os sujeitos emergem sujeitos.

Faltou a Sax ([2005] 2019) considerar a linguagem da cultura em que ele está inserido, o discurso e os valores que são passados adiante. Em cima dos valores e da performance do corpo que se julga ser correto para cada gênero é que Sax traça seus argumentos. Ainda que haja características inatas do corpo e que sejam evidência de diferença, estas ficam na dimensão do biológico, desconsiderando que somos seres de língua e linguagem. Somos, também, atravessados por outro sujeito, o do inconsciente, que é pulsional e singular.⁴⁷ Diante disso, trazemos uma passagens curiosas de sua obra:

O **macho anômalo** [grifo nosso], então, parece representar um tipo fisiológico distinto e um desafio real aos pais - que geralmente não reconhecem os tipos de problema que seus filhos podem enfrentar. Ao contrário, muitos pais, sobretudo mães, reagem como Sarry e srta. Messner reagiram. Martin era calmo e comportado e nunca se envolveu em encrenca. Como não gostar disso? (SAX, [2005] 2019, p. 264).

Esse trecho traz muitas questões curiosas. A primeira, o que seria o “*macho anômalo*” em seu discurso? Refere-se ao macho que não traz as características de macho. Martin, o caso abordado, é um menino que não se identifica com brincadeiras, jogos e cenas do universo masculino norteamericano. Não aderir ao discurso aceito para aquela configuração de corpo evidencia uma falha na criação (culpa atribuída à mãe de Martin que se tornou mãe solo após o divórcio ainda durante a gestação), no treinamento que ensina a como se valer das dinâmicas discursivas heteronormativas. A sua atenção se volta para o laço com o Outro, destacando que: se o menino não for o que o discurso espera que ele seja, ele será alvo de constrangimento. O segundo ponto é a indexicalização atribuída ao corpo configurado como macho, o qual deve se identificar com a agressividade, a “encrenca”. Sax conclui que Martin se tornará um menino ansioso, isolado e deprimido na vida adulta porque sua anomalia o paralisa diante de insultos de outros meninos, como quando escreveram a palavra “*viado*” em seu armário da escola (SAX, [2005] 2019).

Naturalizar a violência exercida a outro corpo como característico da biologia do macho, ao nosso ver, parece um tanto quanto leviano, uma evidência de que a cis-heteronormatividade⁴⁸ encontra seu modo de estabelecer a norma e os corpos devem aprender a se adequar a ela. Fica a dúvida: se Martin fosse silenciado em sua singularidade descrita como “afeminada” e passasse a performar exatamente o que o Outro espera sobre seu

⁴⁷ Veremos melhor esta temática no capítulo sobre psicanálise.

⁴⁸ Para relembrar: **Cis** indica conformidade entre sexo biológico e gênero, **hetero** por se relacionar somente com o sexo oposto, **normatividade** se refere à norma que deve ser seguida dentro de uma estrutura de poder.

corpo para se sentir parte do meio, quais sintomas este percurso lhe traria? Podemos ter um vislumbre com este dizer de Mulan:

MULAN:

Na escola básica eu me senti pertencente até o momento em que eu colocava a minha identidade. Então, a partir, assim, da minha adolescência - no início da minha adolescência - eu me recusava a não pertencer. Então eu ficava me... eu ficava lutando para pertencer, né?

Veremos mais adiante no aporte teórico, em Butler ([1997], 2021), que é no bojo do discurso que sou possibilitado ou não. Neste dizer de Mulan temos que sua singularidade, seu modo de se identificar com as coisas, constituíam sua identidade no discurso, o que poderia incluí-la, possibilitá-la, ou não. Isso nos revela que a cis-heteronormatividade tem um caráter estético em cada discurso e o aciona a depender daquilo que faço com o meu corpo. É notório que para os corpos dissidentes haverá um esforço maior em se fazer laços, em ser aceito e respeitado. Entretanto, este esforço indubitavelmente deixa no sujeito marcas indeléveis, cicatrizes que serão carregadas ao longo da vida.

2.1 O que faço com o meu corpo pode me incluir ou excluir...

Por que sei que pênis é pênis e vagina é vagina? Há como desatrelar todo um imaginário que permeia estes dois construtos ao enunciá-los? Estes tendem a vir em uma cadeia indissociável, como de mãos dadas:

- vagina-fêmea-ela-mulher-frágil-maternidade-submissão
- pênis-macho-ele-homem-forte-paternidade-provedor

O biológico e o discursivo se confundem em dado momento, no sentido de que enunciar o sexo passa a ser o mesmo que enunciar o gênero, e este sua cadeia que o engendra (BUTLER, 2003). Então fica a pergunta: “Seriam os fatores ostensivamente naturais do sexo produzidos discursivamente por vários discursos científicos a serviço de outros interesses políticos e sociais?” (BUTLER, 2003, p.25). Para este questionamento de Butler,

acreditamos ser necessária uma definição clara de discurso, como a proposta por Spargo em sua leitura de Foucault:

Na teoria foucaultiana "discurso" não é só outra palavra para fala, mas uma prática material suscitada historicamente que produz relações de poder. Os discursos existem dentro das instituições e dos grupos sociais, dão suporte a eles, e estão ligados a saberes específicos. Assim, o discurso da Medicina produz práticas, saberes e relações de poder específicos (SPARGO, 2017, p.52).

Ao se analisar o caso de Martin por um olhar discursivo, compreende-se que Sax ([2005] 2019) tende à manutenção do bem-estar social cis-heteronormativo. Seu termômetro patológico depende do modo como o sujeito se engaja no discurso e por ele é reconhecido na dinâmica sexo-gênero. Caso não se adeque, gerar-se-á um diagnóstico (*macho anômalo*) para que se volte ao treinamento social, o qual visa alinhar aquele corpo ao que é aceitável naquele discurso, naquela Cultura.

Esse treinamento que dita como o sujeito deve se portar no discurso, e de acordo com seu sexo biológico, já nos dá indícios de que

“... o caráter imutável do sexo é contestável, talvez o próprio construto chamado “sexo” seja tão culturalmente construído quanto o gênero, de tal forma que a distinção entre sexo e gênero revela-se absolutamente nenhuma” (BUTLER, 2003, p.25),

e o sexo passa a ser o paradigma que sustenta e norteia (e remetemos ao norte europeu colonizador) as certezas sobre o corpo e sobre o modo como podemos usar nosso corpo (OLIVEIRA, 2014), uma questão, também, histórica.

Até o século XVII, a sexualidade⁴⁹ era vista como natural, sendo censurada nos séculos subsequentes, inclusive nas artes. Por muito tempo o discurso sobre o sexo esteve a cargo da religião e da filosofia moral, passando o bastão para a Medicina do século XIX auxiliada por especialistas⁵⁰ que se preocupavam com questões morais da sociedade. Emerge nesse momento a disciplina “*Sexologia*”, com seu olhar crítico, político e comportamental acerca do sexo. Já as minissaias e a Psicanálise de Freud do início do século XX, estas abriram espaço para que se analisasse o desejo, os sintomas da repressão sexual, e também

⁴⁹ Algumas definições: a sexualidade pode assumir vários contornos, a depender do discurso. No jurídico, Art. 2º do Estatuto da Criança, é quando se atinge a puberdade (OLIVEIRA, 2014); para Foucault é o modo como se busca sentir prazer com o corpo, seja com o mesmo sexo, com o sexo oposto, ou qualquer tipo de configuração de corpo, na liberdade de poder se satisfazer em qualquer posição sexual e através de qualquer forma de fetiche (1988); para o discurso “Queer” é uma marca singular do sujeito que evidencia sua subjetividade (BUTLER, 2003;2020).

⁵⁰ Especialistas dos seguintes campos: Psicologia, Antropologia, Biologia, História e Sociologia.

para que se questionasse o quão natural era a sexualidade naquele tempo (WEEKS [1999] 2018; SPARGO, 2017).

No Brasil, as discussões têm seu início nos tempos das caravelas, com as cartas de Pero Vaz de Caminha que narra as experiências sexuais dos povos originários. Mas foi apenas no século XX que a temática ganhou fôlego, sendo inclusive tema de ordem pública abordada nas rádios da década de 1930. Com um viés higienista, a população era instruída quanto a doenças sexualmente transmissíveis (MONTEIRO & RIBEIRO, 2020).

Há tempo adentramos na pós-modernidade⁵¹ e ainda não falamos tão abertamente sobre as manifestações singulares do desejo sexual como gostaríamos, retrocedendo mais ainda desde o *impeachment* da ex-presidenta Dilma Rousseff (MONTEIRO & RIBEIRO, 2020). Isso se dá por conta de um falso moralismo histórico, um projeto da burguesia que Foucault (1988) descreve como prática colonizadora de regulação sexual, que distancia a elite burguesa das classes inferiores, estabelecendo sua identidade no que diz respeito à imagem de família e suas práticas sexuais civilizadas, se refugiando em uma “ilha de inocência” (WEEKS,[1999] 2018, p.49).

Por ser uma temática considerada da vida adulta,⁵² acredita-se que a criança não pode ter acesso a reflexões sobre gênero e sexualidade. Louro ([1999] 2018), por exemplo, relata que na infância e pré-adolescência não havia com quem conversar sobre sexo, corroborando nossa percepção de que a faixa etária estabelece quais tipos de linguagem sobre a sexualidade o sujeito pode acessar em seu desenvolvimento psicossocial e social. Todavia, ainda persiste nosso questionamento acerca da censura do tema. Talvez seja porque expressões como “*Fazer aquilo.*”, ou equivalentes dentro da linguagem ainda sejam utilizadas como substitutos, como contorno ao tema, um reflexo do modelo burguês e tradicional de família que perdura até hoje e com efeitos nocivos em pautas LGBTQIAPN+ (SPARGO, 2017).

Causa-nos estranheza essa tendência do modelo burguês, sinônimo para discurso cis-heteronormativo, de exercer dois movimentos infelizes acerca da sexualidade: o primeiro é o da censura de qualquer fala sobre gênero e sexualidade com crianças e adolescentes,

⁵¹ Segundo o dicionário Aurélio: “Ideologia contemporânea que, se opondo ao modernismo, teve sua origem no final do século XX, caracterizada por entender a criatividade como uma expressão da liberdade; pós-modernismo”. Disponível em: (<https://www.dicio.com.br/pos-moderno/>)

⁵² Na atualidade, falar de sexo e sexualidade ainda é tabu. Nas escolas então? Quase impossível! Entretanto, houve a tentativa. Em 1960, as escolas passaram a trabalhar o tema Educação Sexual. Entretanto, com o golpe militar, a ação foi descontinuada, devido à censura. Em 1979, por contingências políticas e o vírus da AIDS, há uma retomada; desse ponto em diante, a cena foi ganhando proporção e espaço, fazendo parte do PCN (Parâmetros Curriculares Nacionais) inclusive. Entre 1997 e 2013, tivemos um momento áureo em que pautas relacionadas a LGBTfobia, causas de grupos minoritários foram ouvidas e debatidas. Entretanto, com a efervescência da bancada evangélica neopentecostal no parlamento, tivemos muitos retrocessos de 2014 para cá. (MONTEIRO & RIBEIRO, 2020).

sustentada no valor de que “*Criança tem que brincar e não falar de sexo!*”. Parece-nos que para a burguesia, em suas fantasias mais perversas, as aulas sobre gênero e sexualidade podem abordar o kama sutra, um exagero fóbico obviamente. Porém, a partir do momento em que a criança aprende a nomear as partes do corpo, ela deve saber até onde pode ser tocada, além de como cada parte do corpo evidencia um nível de sua intimidade. Uma criança não letrada nas questões de sexualidade sabe dizer a diferença entre ser tocada na mão e ser tocada na vagina ou no pênis? Ela sabe diferenciar o que é um toque permitido de um “*abuso sexual*”? Há hoje casos de violência com crianças justamente por elas não saberem identificar no ato que estão sendo abusadas sexualmente, podendo ser, inclusive, de forma episódica, vocalizando o crime apenas quando este se consuma em uma relação sexual efetiva.

O segundo movimento é acerca da hipersexualização dos corpos LGBTQIAPN+. Tende-se a atribuir-nos, e aqui me coloco como um homem gay vítima desses enunciados, a prostituição, o abuso de menores, vícios e ilícitudes que nos qualificam como escória social, e, portanto, o temor de qualquer pai e mãe de família burguês e temente a Deus, os famigerados “*homens e mulheres de bem*”.⁵³ Dessarte, esta pesquisa também se presta a tornar os corpos trans e travestis possíveis e imagináveis em qualquer setor da sociedade.⁵⁴

- Sobre a hipersexualização dos sujeitos LGBTQIAPN+ mencionada acima, trazemos uma cena que evidencia que nossa afirmação não é apenas uma suspeição.

Em conversa com Stephen Fry (comediante, cineasta e roteirista britânico) para o documentário “*Out There*”⁵⁵ de 2013, Bolsonaro menciona sua aversão à lei anti-homofobia (aprovada em 2019 pelo STF)⁵⁶ e ao “Projeto Escola sem Homofobia” de 2011 (projeto que se lança tardiamente, vinculado ao “Programa Brasil sem Homofobia” de 2004) que propunha

⁵³ Uma reflexão! Será que existe pediatra travesti? Imaginar uma pediatra travesti examinando uma criança de 5 anos lhe causa desconforto, caro leitor? Se sim, pergunte-se o porquê? Diante do sim, podemos afirmar que a cis-heteronormatividade está fazendo um “belíssimo” trabalho com o imaginário coletivo. Em caso de “não”, o felicitamos. Sigamos!

⁵⁴ Como exemplos de trans e travestis que rompem as indexicalizações preconceituosas e limitantes, citamos: [Thaiz Andrade](#), mineira e primeira mulher trans a cursar medicina na UFBA; [Duda Salabert](#), vereadora mais votada de Belo Horizonte em 2020, [Janaína Dutra](#) a primeira advogada travesti a ter uma carteira da OAB, e as pesquisadoras [Sara Wagner York](#) (2020), [Megg Rayara](#) (2017) [Sofia Favero](#), (2020), e [Luma Andrade](#) (2012).

⁵⁵ Trecho que recorremos <https://www.youtube.com/watch?v=o3ZBeX9uC8s>.

⁵⁶ Para mais informações <https://g1.globo.com/politica/noticia/2019/06/14/bolsonaro-disse-que-decisao-do-stf-sobre-homofobia-foi-completamente-equivocada.ghtml>

contribuir para a implementação e a efetivação de ações que promovam ambientes políticos e sociais favoráveis à garantia dos direitos humanos e da respeitabilidade das orientações sexuais e identidade de gênero no âmbito escolar brasileiro. Essa contribuição se traduz em subsídios para a incorporação e a institucionalização de programas de enfrentamento à homofobia na escola, os quais pretendemos que façam parte dos projetos político-pedagógicos das instituições de ensino do Brasil. Dessa maneira, o Projeto Escola sem Homofobia vem somar-se aos legítimos esforços do governo em priorizar, pela primeira vez na história do Brasil, a necessidade do enfrentamento à homofobia no ambiente escolar (CADERNO ESCOLA SEM HOMOFOBIA, 2011, p.9)

Uma proposta que visava trazer criticidade quanto às questões de sexualidade e gênero, passou a ser indexicalizada como “kit gay” que, discursivamente, cria o efeito de treinamento às práticas homossexuais. Grosso modo, trata-se de um kit para ensinar o seu filho a ser gay. Vejamos como a fala se dá:

Quadro 1: Trecho de entrevista de Jair Bolsonaro para o documentário “Out There” de 2013⁵⁷

“ ...

BOLSONARO: *Não existe homofobia no Brasil. A maioria dos que morrem, 90% dos homossexuais que morrem, eles morrem em local de consumo de drogas, em local de prostituição ou executados pelo próprio parceiro. Eu entrei nessa briga aqui, dita dos gays, né, tendo em vista a proposta do governo em querer distribuir nas escolas públicas do primeiro grau, né, um material didático que seria para combater a homofobia mas na verdade estimula o homossexualismo em crianças... Não é questão de... a questão é a normalidade.*

FRY: *É interessante você usar a palavra “normal”. A zoologia me interessa muito, e há 480 espécies de animais que demonstram comportamento homossexual, mas só existe uma espécie de animal na Terra que demonstra comportamento homofóbico. Portanto, o que é a norma?*

BOLSONARO: *Tua Cultura é diferente da nossa. Agora, nós estamos... nós não estamos preparados ainda, no Brasil... Porque nenhum pai, nem você nem eu, tem orgulho de ter um filho gay...*

FRY: Bem...

BOLSONARO: *Orgulho, fazer... fazer festa porque apareceu um filho gay na família.*

FRY: *Se a criança estiver feliz... o único motivo de os pais não estarem felizes é porque sabem que existe homofobia na sociedade e que, portanto, o filho pode sofrer bullying. Mas, se o mundo não fosse homofóbico, porque os pais se preocupariam?*

BOLSONARO: *Você tem que ter um Norte na tua vida, que quer [os homossexuais] que os heterossexuais continuem gerando crianças para que estas crianças se transformem em gays e lésbicas para satisfazê-los sexualmente no futuro. Então, este é o exemplo da sociedade brasileira que está sendo implantado aqui agora por esses grupos, que eu chamo de fundamentalistas homossexuais.*

FRY: *Eu nunca quis que uma pessoa hétero se tornasse gay. Acho essa ideia absurda! Também sou inglês, mas não quero tornar ninguém inglês... “Phobos” significa “medo” em grego. É o medo das pessoas gays. Por que as pessoas teriam medo dos gays?*

⁵⁷ Deixamos em itálico os trechos que nos chamam mais atenção.

BOLSONARO: Não gostar não é a mesma coisa que odiar.

FRY: É o medo.

BOLSONARO: Vocês não gostam dos talibãs, tá ok? Nós, o povo, a sociedade brasileira não gosta de homossexual. Nós não perseguimos. Não existem grupos aqui no Brasil de caça de homossexuais. É bastante aberto no Brasil. Não somos um Irã, onde se condena à pena de morte os homossexuais. Tanto é que há passeatas do orgulho gay. Estamos pensando em fazer uma passeata do orgulho hétero. Pensamos em fazer isso aí inclusive.

FRY: E deveriam fazer. Eu concordo. Com certeza.

BOLSONARO: Sem problema... Você não será convidado.

FRY: Eu deveria ser convidado, sim.

BOLSONARO: Você não será convidado. Mas você vai... (risos)

FRY: Eu deveria ser convidado.

Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=81-MShDK7_I (min 14'05")

Na construção retórica de Bolsonaro, percebe-se que há uma necessidade de distanciamento e categorização: brasileiros e os gays. É como se sua representação do “ser brasileiro”, o legítimo, não coubesse o status gay. Ser gay é uma infiltração à norma que causa desconforto e desestabilização. Nesse sentido, o nós e “elxs” fica evidente.

Kumaravadivelu (2012) traz a noção de pertencimento como “*sameness*”: um saber sobre quem sou, o que me constitui identitariamente, para que eu possa distinguir e me afastar daquilo que não me pertence. Louro ([1999], 2018) corrobora esse mesmíssimo ponto ao dizer que as nossas práticas sexuais nos classificam identitariamente, nos dão esse sentimento de pertencimento. Porém, num mundo globalizado e fluido tudo pode se deslocar, e a rigidez da identidade passa a ser volátil em contato com tantas possibilidades de vir-a-ser (Kumaravadivelu, 2012).

Diante das declarações de Bolsonaro, concluímos que no campo da sexualidade paira um certo medo de “*vir-a-ser*” outra coisa, da criança vir a se desviar daquilo que os pais programaram para que ela seja: “NORMAL!”. Essa postura nos mostra outra coisa velada: parece-nos que no Brasil há esta necessidade de se querer viver em condomínios, como se pudéssemos escolher com quem iremos coexistir na Terra (BUTLER, 2017)⁵⁸. Isso é possível?

⁵⁸ Diálogo entre Butler (*Caminhos Divergentes*), Susan Sontag (*Diante da dor dos outros*) e Hannah Arendt (*The Jew as Pariah*).

- Enquanto o leitor reflete a questão acima, siga para uma outra discussão: o privilégio de ser homem na sociedade e o sexo como um argumento político.

Ao se valer do olhar crítico para as questões de gênero e sexualidade nos idos 1949, Simone de Beauvoir⁵⁹ desvela que “*não se nasce mulher*”⁶⁰, se aprende e se ensina. Ou seja, na relação homem-mulher, o papel de cada um é o resultado daquilo que se assenta no discurso, evidenciando que nada é inato, e as relações são como são porque se sustentam em estruturas de poder. Vivemos em uma sociedade falocêntrica e o homem, por ter um adereço a mais que a mulher, se enxerga como detentor desse “*a mais*”, restando à mulher se submeter à autoridade do homem (LOURO, 2013). Entretanto, lidamos nesta pesquisa com uma mulher trans em seu laço com o Outro e nos interessa saber o modo como seu corpo é lido e os resultados dessa leitura por outros sujeitos em sua agência no social. Mulan nos mostra que:

MULAN:

(*sobre os meninos da escola*) Eles tinham muitas... muitos... eles tinham maldade, em termos né?... Grosso modo, né? Mas aquela... aquele JULGAMENTO, né?... A psicologia fala que é o "desenvolver o julgamento", né?... Eles tinham muito mais isso do que eu. Eles tinham muito mais contato com o MUNDO do que eu, né?, de como... do que a vida é.

Mulan nos aponta para a passividade que geralmente recai sobre o Feminino, este como avesso do ativo, do poder, do masculino, do falo. Sobre este último, podemos dizer que o falocentrismo data das relações homoafetivas desde a Atenas Clássica, organizada pela dinâmica “ativo / passivo” não como um ato conjunto e colaborativo, mas como hierarquia de poder em que o papel que se desempenha no social está intrinsecamente ligado ao papel sexual dos interagentes. Ou seja, o ativo exerce poder sobre o passivo (BARBO, 2008). Em resumo,

essa hierarquia expressa uma dominação sócio-política. A relação entre os parceiros eróticos ativo e passivo reproduz a relação configurada entre superior e subordinado nas esferas social e política. Estabelece-se, destarte, uma isomorfia entre o papel erótico de um indivíduo e seu status sócio-político. Isso implica em que um cidadão

⁵⁹ Para uma brevíssima biografia desta escritora e filósofa francesa, recomendamos acessar:

https://www.ebiografia.com/simone_de_bauvoir/

⁶⁰ Em sua obra “O segundo sexo”.

masculino adulto só pode ter relações eróticas legítimas com pessoas de status sócio-político inferior, ou seja, mulheres, garotos, estrangeiros ou escravos (BARBO, 2008, p.3).

Por serem categorizadas como “*passivas*” na dinâmica sexual e sem o falo, diga-se de passagem, as mulheres de Atenas não eram lidas como pária nas relações sócio-políticas, como exemplo o teatro grego em que só os homens ativos na sociedade poderiam participar e performar nos palcos tanto o papel do homem quanto o mulher (SILVA & GONÇALVES, 2016)⁶¹. O sexo na Atenas Clássica, portanto, serve como um dispositivo social e histórico (FOUCAULT, 1988) que separa e atribui roteiros de articulação na polis (BARBO, 2008). São os “*Estudos de Gênero*”⁶² provocados por Simone de Beauvoir que passam a desconstruir tais discursos biologizantes e sócio-políticos sobre o corpo do homem e da mulher que, por um olhar crítico, sugerem “que a sexualidade é, na verdade, uma construção social, uma invenção histórica, a qual, naturalmente, tem base nas possibilidades do corpo” (WEEKS, [1999] 2018, p.49).

Como dito anteriormente, já nos encontramos na pós-modernidade. Contudo, ainda somos separados de acordo com o modo como gozamos com o corpo e controlados pela Cultura e suas marcas. A Cultura é tão basilar na noção de sexualidade que os indivíduos, ao se constituírem identitariamente acerca do sexo, só conseguem se orientar no sistema de valores de um discurso se tiverem certeza de que “todos [vivem e extravasam os desejos sexuais do] corpo, universalmente, da mesma forma” (LOURO, [1999] 2018, p.12)⁶³, porque

O homem ocidental aprende[u] pouco a pouco o que é ser uma espécie viva num mundo vivo, ter um corpo, condições de existência, probabilidade de vida, saúde individual e coletiva, forças que se podem modificar, e um espaço em que se pode reparti-las de modo ótimo. Pela primeira vez na história, sem dúvida, o biológico reflete-se no político; o fato de viver não é mais esse sustentáculo inacessível que só emerge de tempos em tempos, no acaso da morte e de sua fatalidade: cai, em parte, no campo de controle do saber e de intervenção do poder (FOUCAULT, 1988, p.128)

⁶¹ Para mais informações <https://www.educamaisbrasil.com.br/enem/artes/teatro-grego>.

⁶² Enunciar os Estudos de Gênero equivale a enunciar os estudos acerca da mulher, do seu papel histórico e contribuição no social. Essa forma de atribuir ao gênero o saber sobre a mulher é erudita; tenta desvincular o feminismo e seu ruído político dos estudos das ciências sociais, permitindo uma análise centrada nos eventos e isento de qualquer posicionamento, conquistando uma legitimidade acadêmica. Ao mesmo tempo, estudar as mulheres implica também estudar os homens, uma vez que não há como dissociar o impacto de um no outro (SCOTT, 1995).

⁶³ Aqui sugerimos retomar a cena de abertura da “SINOPSE”, sobre o índio Tibira, e a cena do Menino Martin que abre este capítulo. Veja se algo desloca na releitura das cenas.

O poder é um sustentáculo do princípio de sobrevivência que estabelece a normatividade da sexualidade pelo viés do saber. Os sujeitos se unem para estabelecer a melhor forma de se viver, ou melhor, de se fazer com o corpo. As biopolíticas alimentam-se dessa retórica do melhor-fazer-com-o-corpo, deduzindo uma ética moral compartilhada punitiva para com aqueles que não se adequam. Não seria de se espantar que as relações heteroafetivas fossem o modelo sexual aceito e transmitido adiante através das gerações. Um exemplo de retórica punitiva é o que se articula aos corpos LGBT⁶⁴ acerca do surto de HIV⁶⁵ na década de 1980.⁶⁶

O medo de desconstruir e de chacoalhar o próprio discurso leva o sujeito a ter aversão a qualquer tipo de infiltração que possa corroê-lo. Uma besteira que desconsidera que nossas identidades de gênero e sexuais são itinerantes, não são fixas.⁶⁷

A ressignificação é crucial para nosso exercício porque devemos considerar as ações do tempo e da tecnologia no modo como os indivíduos constroem suas identidades e suas formas de realizar o sexo. A pós-modernidade nos apresenta sujeitos que desconstróem modelos antigos de se constituir família, de gerar filhos e exercer a parentalidade; indivíduos que reclamam por tratamento hormonal para sua transição de sexo; outros que se relacionam através de aplicativos e à distância. Ou seja, a pós-modernidade nos mostra que não podemos mais dizer que existe apenas um roteiro de vida, um modo cíclico de se conceber gênero e sexualidade (LOURO, [1999] 2018). Entretanto, há algo a se considerar: o que sou interfere no modo como posso participar no social? O modo como expesso minha sexualidade me (de)limita?

- Sim, e podemos demonstrar com a fala de Jair Bolsonaro.

⁶⁴ Neste link, uma esquete do canal do Youtube "Porta dos Fundos" que traz várias nomeações e metáforas atribuídas aos sujeitos homossexuais. Entre elas, a de que todo homossexual tem, ou terá HIV um dia. https://www.youtube.com/watch?v=y1t_iJCveb8

⁶⁵ Para mais informações:

<https://veja.abril.com.br/ciencia/aids-surgiu-no-congo-da-decada-de-1920-revela-historia-genetica/>

⁶⁶ Em 1920, na capital da República Democrática do Congo, Kinshasa, surge o primeiro caso de HIV, do contato do homem com o macaco, segundo cientistas. Porém, foi na década de 1980 que o Brasil viveu seu primeiro surto, atingindo, em sua maioria, os sujeitos LGBTs. Na época, os ultraconservadores e pró-família atribuíram à doença um caráter religioso, como uma punição de Deus às práticas ditas pervertidas dos homossexuais, uma metáfora atrelada aos corpos transviados que ainda hoje se sustentam. Esta inverdade se mostrou falaciosa quando homens e mulheres de etnografia, classe, cor, idade e orientação sexual distintas, também passaram a contrair o HIV (WEEKS, [1999, 2018).

⁶⁷ As pautas identitárias sobre gênero e sexualidade suscitadas pelo feminismo da década de 1960 são a prova viva disso. Recomendamos Nascimento (2018) que se debruça sobre a temporalidade no discurso feminista, de modo a analisar aquilo que perdurou e aquilo que sofreu ressignificação.

Fry levanta um questionamento interessante sobre o porquê do corpo gay causar tanto medo e o porquê de seu real perigo. Podemos formular algumas possibilidades e revisar conceitos vistos aqui anteriormente, além de acrescentar alguns outros:

- o corpo gay pode estar ocupando o lugar de *passividade* na polis, tendo sido deslocado para essa posição por conta do femininino atribuído a um corpo de configuração masculina;
- podemos pensar no fetichismo que tais corpos provocam em corpos cis-heterossexuais na contemporaneidade. Diferente de Atenas, onde os homens poderiam se relacionar com outros homens desde que fossem inferiores ou escravos, hoje o desejo homossexual precisa ser severamente reprimido para que a ficção da cis-heteronormatividade faça sentido.
- mas assumimos isso baseados em achismos? Não! Nos apoiamos em [Matthew Gutmann](#) e [Lee Edelman](#) para tanto.

Gutmann (2009) nos chama atenção para uma característica da história do feminismo que poucos se atentam, a de que a dinâmica interna desse movimento social é questionar o destino do corpo da mulher nas trilhas da História. Todavia, pouco se fala do destino fixo atribuído ao corpo do homem, que Gutman nomeia como “*o fetiche totêmico da sexualidade masculina*” (GUTMANN, 2009, p.5), um “fetiche pós-moderno, modelado sobre convicções políticas que unem uma ordem de gênero que vem de muito tempo atrás” (GUTMANN, 2009, p.6), o qual ele divide em 8 premissas, mas para este trabalho nos valeremos de comentários pontuais de seu artigo.

O comentário de Bolsonaro, “*nenhum pai, nem você nem eu, tem orgulho de ter um filho gay*”, alerta para a questão da paternidade, da procriação como marca compulsória de masculinidade, e do receio do filho não adquirir essa marca da masculinidade obrigatoriamente heterossexual. Gutmann (2009) se questiona acerca do destino único, da via única de possibilidade de manifestação da sexualidade do homem, no caso a masculina; do macho alfa que precisa estar a todo tempo com o pênis ereto e pronto para procriar e fazer jus ao seu único propósito. Gutmann levantará o seguinte questionamento

se estabelecemos (ou começamos a desestabelecer) a questão do destino corporal das mulheres mais de cinquenta anos atrás, por que será que o mito do destino sexual dos homens continua tão

impregnado na cultura popular, e por que continua a ser tacitamente aceito nos círculos eruditos? (2009, p. 6)

É como se a sexualidade do homem só girasse em torno disso. Gutmann sustenta esse argumento acionando um conceito interessantíssimo de Carole Vance ([1991] 1999) chamado de “*o modelo de influência sexual*” (GUTMANN, 2009, p.6) em que os modos de se pesquisar a sexualidade no ocidente, pelo menos no último século, gira em torno de uma espécie de massa de modelar constituída de morder, lambar, chupar, gozar, introduzir, colocar a mão em, por cima, por baixo, gemer e o significado disso tudo em cada Cultura, “uma categoria naturalizada que permanece fechada a investigação e análise” (VANCE,[1991] 1999, p. 44 *apud* GUTMANN, 2009, p.6)).

Um fato curioso no artigo de Gutmann (2009) é seu interesse em desmistificar essa ótica de que o homem inatamente deseja o sexo e a procriação. Ele busca por pesquisas com homens heterossexuais que não sentem uma necessidade avassaladora de sexo e vivem tranquilamente com isso, como o caso do povo Dani do Grand Valley na Indonésia em que a mulher e o homem passavam um período de 4 a 6 anos sem sexo após o nascimento de um filho; cena que não gera nenhum tipo de desconforto ou desgosto para ambos (GUTMANN, 2009, p.7).

Outro ponto crucial que Gutmann (2009) propõe é a divisão entre sexualidade masculina e procriação masculina. No imaginário coletivo⁶⁸, o sexo heterossexual é exclusivamente para a procriação, inclusive com interferência da igreja quanto ao uso de preservativos⁶⁹. O desejo da igreja colonizadora é povoar, e o sexo com camisinha é visto como improdutivo, assim como o sexo entre dois homens, ficando claro que a igreja só reconhece o sexo heterossexual e para procriação. O problema é que

É claramente perceptível que um dos principais problemas com essa equação entre procriação masculina e sexualidade masculina é que ela deixa de fora todas as formas de sexo com o mesmo sexo entre homens, mais uma vez confirmando o conceito de que masculinidade é igual à homofobia (GUTMANN, 2009, p.10),

e é por esse motivo que acreditamos que Jair Bolsonaro disse o que disse.

⁶⁸ Sobretudo alimentado pela política religiosa cristã a partir do que Santo Agostinho pregou em relação ao pecado original. Ele estabeleceu o tripé de que é a mulher que leva o homem a pecar e assim sua libido deve ser demonizada; ela deve então ser submetida, tornar-se submissa aos desejos do homem e fazê-lo somente para procriar. Ao homem não é vetado o desejo sexual, mas a lógica é sempre heteronormativa.

⁶⁹ Uma notícia interessante de 2010 a respeito:

<https://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2010/11/dentro-das-igrejas-fala-do-papa-sobre-preservativo-divide-jovens.html>

O cerne, portanto, de nossa argumentação sobre a fala de Bolsonaro é acerca da deslocamento que o corpo homossexual provoca nas estruturas de poder consolidadas. Em uma sociedade falocêntrica, a masculinidade teme perder agência política na polis, uma vez que o corpo gay desestabiliza a posição de “ativo” de homens héteros. Mas em que estrutura de poder o homem-pós-moderno-masculino-ativo-hétero-procriador se ampara?

O atual *modus operandi* de se construir civilização em contexto de Brasil se preocupa com a dissolução da identidade familiar burguesa,ilhada na inocência sexual (WEEKS, [1999] 2018) e nos preceitos de Deus de uma igreja colonizadora⁷⁰ que se retroalimenta dos fiéis catequizados. Assim, nesse solo firme, em que todos reverberam os mesmos valores, fica fácil sustentar qualquer estrutura de poder. Percebemos no diálogo entre Fry e Bolsonaro que, enquanto um abre para a argumentação, o outro se esvai para a retórica, como a dar soluções definitivas que não aceitam críticas, sustentadas nos valores cristalizados de Brasil. O medo do corpo gay é puramente o medo da mudança. Aqui acionamos Lee Edelman (2021).

Bolsonaro engendra no discurso o “*kit gay*” de modo a negativar a ação que o “Projeto Escola sem Homofobia” de 2011 almejava aplicar nas escolas. Sua retórica se ampara nos valores cristalizados de Brasil em defesa das crianças e na falácia de que o kit tinha conteúdo erótico e impróprio. Lee Edelman (2021) analisa uma cena parecida, e um tanto controversa de Bill Clinton no ano de 1997, em que ele, financiado pelo “Conselho de Publicidade” (Ad Council), aparece com sua família em uma série de anúncios impressos e em vídeo apoiando as causas de um grupo autodenominado “Coalizão para as Crianças da América” (p.249). O limite entre o político e o serviço de utilidade pública foram extravasados em prol de uma imagem que estava um tanto quanto craquelada perante seu eleitorado. Ou seja, Bill Clinton se valeu de valores culturais cristalizados para ganhar eleitores, construindo em torno de si a imagem retórica de pai da nação. Assim como Clinton, Bolsonaro, ao nomear uma aposta social como “*kit gay*” corrói qualquer possibilidade de se dialogar gênero e sexualidade nas escolas, e chama para si a imagem de defensor dos direitos das crianças.

Edelman (2021) quer evidenciar que aquilo que se constrói acerca da imagem da criança delimita o horizonte imagético da política, delineando o “rumo da prosa”, no sentido de que “essa lógica nos impele, na medida em que nos consideramos politicamente responsáveis, a nos submeter ao enquadramento do debate político” (p. 249-250). A

⁷⁰ Todas as menções de ação da igreja no texto remetem ao processo de colonização do Brasil. Nosso intuito é mostrar que as práticas colonizadoras ecoam da cena com o índio Tibira até os tempos de hoje.

cena-valor-cristal se faz impenetrável, indiscutível, pétrea, na medida em que “impõe um limite ideológico para o discurso político como tal, preservando nesse processo o absoluto privilégio da heteronormatividade” (EDELMAN, 2021, p.250).

Temos nessa matemática a fórmula “heteronormatividade + reprodução + criança” igual a um valor político pétreo, que Edelman (2021) sustenta como força motriz que alavanca qualquer discurso político, e este fará de tudo para que essa matemática seja passada adiante. Ou seja, a criança é o “*futuro fantasmático*” (p.250), a aposta que não pode dar errado, a certeza convicta de que tudo continuará como sempre foi.

Para que tudo continue como sempre foi, atitudes como a de Bolsonaro precisam acontecer; a negatização de qualquer demanda LGBTQIAPN+ precisa ser feita porque, como diz Edelman (2021), ao se acionar os valores morais de uma comunidade, ninguém se opõe às crianças, ninguém é contra a criança. Se colocar fora desse circuito de inteligibilidade seria, no olhar de Edelman, se colocar no lugar do “*Queer*”. Entretanto, o “*Queer*” não é um lado que se escolhe porque isso seria o embate. O embate, por sua vez, demanda a forja de uma imagem fixa, uma rigidez que possa ser lida, excluída e negatizada. O “*Queer*”, que aqui anunciamos, e do qual falaremos melhor na próxima seção, é, para Edelman (2021), a resistência a qualquer estrutura de poder, a dissolução de qualquer forma de inextricabilidade que se pauta em uma história linear, em que o sentido das coisas se encontram nelas mesmas.⁷¹

Retomando Fry e Bolsonaro, este diz uma verdade universal sobre o corpo, a de que necessitamos de um norte⁷² na construção de nossa biografia; essa ideia de que nosso corpo é o contêiner de nossa narrativa acarreta dizer que corpo e narrativa devem ser coerentes (LOURO, [1999] 2018). A narrativa de vida de um corpo catequizado pela igreja colonizadora⁷³ deve ser: nascer, crescer, estudar, casar-se com o sexo oposto, ter filhos, criá-los, envelhecer, ir à praia quando der, aposentar (se possível) e morrer. Sobre isso, Weeks (1995, p. 90-91) citado por Louro ([1999, 2018, p.16) dirá que

⁷¹ Veremos na seção sobre Psicanálise que o objeto em si não carrega sentido; a ele é atribuído sentido na medida em que ele desliza de um discurso para outro. O “*Queer*” que Edelman (2021) propõe é a barra que impossibilita que o objeto tenha um significado fixo. Confira o **Anexo 1 (p.164)** para outras reflexões.

⁷² De modo jocoso, a fala de Jair Bolsonaro em 2013 reverbera em seu percurso na presidência, no sentido de que só agora as coisas passam a fazer sentido: sua necessidade de um norte tinha nome, Donald Trump.

⁷³ Em filmes românticos, novelas de época, ou cenas de relacionamento em contexto de Brasil, há as marcas da igreja colonizadora na construção de processos identitários, processos esses que depositam no casamento o roteiro civilizador da igreja. Bueno (2020) fala sobre o circuito de *imagens de controle* que a mídia repercute de modo a cristalizar aparências: o corpo gay é a bicha que dá pinta; a travestí que só pode ser puta ou cabelereira; a mulher que tem que casar e querer ser mãe; o preto favelado que é preguiçoso ou bandido. Ou seja, “são [imagens enquadradas de uma] dimensão ideológica do racismo e do sexismo compreendidos de forma simultânea e interconectada. São utilizadas pelos grupos dominantes com o intuito de perpetuar padrões de violência e dominação que são construídos para que permaneçam no poder” (p.73).

No mundo de fluxo aparentemente constante, onde os pontos fixos estão se movendo ou se dissolvendo, seguramos o que nos parece mais tangível, a verdade de nossas necessidades e desejos corporais. [...] O corpo é visto como a corte de julgamento final sobre o que somos ou o que podemos nos tornar. Porque outra razão estamos tão preocupados em saber se os desejos sexuais, sejam hétero ou homossexuais, são inatos ou adquiridos? Por que outra razão estamos tão preocupados em saber se o comportamento generificado corresponde aos atributos físicos? Apenas porque tudo o mais é tão incerto que precisamos do julgamento que, aparentemente, nossos corpos pronunciam.

Somos completamente dependentes do olhar do outro e seu julgamento para nos sentirmos inseridxs no discurso, ter agência política no social e sobreviver na comunidade. Ao dizer em 2013 que “*Não existe homofobia no Brasil...*”, Bolsonaro prescinde dos fatos sobre seu governo que não podem mais ser esquivados, principalmente do fato de que o Brasil, segundo a ANTRA⁷⁴, é o país que mais mata LGBTQIAPN+ no mundo, e com o apoio de seu “desgoverno” que induz a aversão a esses corpos.

E como se sente a professora de inglês trans do ensino fundamental quando o próprio presidente da república acredita que sujeitos LGBTQIAPN+ desejam que crianças “*se transformem em gays e lésbicas para satisfazê-los sexualmente no futuro*”? Mulan nos mostra que:

MULAN:

(quando fala de violência na escola) Eu tinha que ficar sempre me defendendo, né? Eu tinha que ficar sempre me defendendo e não tinha ninguém, assim, pra... não existia autoridade ali naquele espaço que respeitava ali o... ou que estava ali pra garantir o meu direito, entendeu?, de ser respeitada.

Essas indexicalizações, como a de Bolsonaro, podem suscitar a violência para com corpos LGBTQIAPN+, como ilustrado por Mulan, além de atrasar a naturalização de um corpo trans-professora. Ainda que tenhamos exemplos de professoras trans atuantes, é baixo muitos narizes torcidos e questionamentos se é certo as crianças terem acesso a esse tipo de realidade⁷⁵.

⁷⁴ Associação Nacional de Trans e Travestis, disponível em: <https://antrabrasil.org/category/violencia/>.

⁷⁵ Veja a notícia a seguir sobre um professor de educação física trans: <https://g1.globo.com/ba/bahia/noticia/2019/03/21/apos-questionamento-sobre-atuacao-em-escola-professor-trans-comenta-pedagogia-que-nao-inclui-jamais-sera-educativa.ghtml>

Louro (2013) é categórica ao dizer que o sistema educacional coloca a professora na posição de mãe espiritual de seus alunos-filhos, fazendo da escola uma extensão do construto família cis-heteronormativa. Perceba que na ficção cis-heteronormativa, cada elemento deve estar em seu devido lugar: o pai-Estado-escola, a mãe-professora e o aluno-filho⁷⁶. Isso se dá porque

O processo educativo escolar que se instala no início dos tempos modernos, se assenta, pois, na figura de um mestre exemplar. Diferente dos antigos mestres medievais, ele se tornará responsável pela conduta de cada um de seus alunos, cuidando para que esse carregue, para além da escola, os comportamentos e as virtudes que ali aprendeu. Para que isso aconteça, não basta que o mestre seja conhecedor dos saberes que deve transmitir, mas é preciso que seja, ele próprio, **um modelo a ser seguido** [grifo nosso] (LOURO, 2013, p 96)

Esse é o intuito de nossa pesquisa: mostrar que Mulan, uma mulher trans e professora de inglês é sim um belíssimo modelo a ser seguido. Concluimos esta seção com o parecer de Stephen Fry sobre Bolsonaro:

“Esse foi um dos encontros mais estranhos e assustadores que já tive. Bolsonaro é um dos homofóbicos típicos que conheci no mundo todo, com o mantra de que os gays querem dominar a sociedade, recrutar as crianças ou abusar delas. Mesmo num país progressista como o Brasil, essas mentiras geram uma histeria nos ignorantes, de onde a violência pode crescer. Isso pode acabar em ataques brutais, como o que matou Alexandre Ivo⁷⁷.” (Stephen Fry, “*Out There*”, 2013).

2.2 Furando a regra binária do jogo com o *Queer*...

Vimos que nada foge das ações da linguagem sobre os corpos. O que a linguagem estabelece como a lei, nela e por ela será sustentada. Como se fura a lei se é por ela que eu me torno sujeito? Podemos fazer uma ilustração interessante com o filme “*The Truman*

⁷⁶ Lembra, caro leitor, o que Lima (2014, p.9) diz? Vou replicar o parágrafo aqui para lhe ajudar: para ele, a família como a temos resulta de um processo burguês que estabelece a heterossexualidade como padrão de reprodução de um formato de vida que sustenta o capital. Nessa roda, o pai deve ser o provedor, a mãe reprodutora e o filho a continuidade e a certeza de que este sistema será reproduzido no futuro, como visto em Edelman (2021).

⁷⁷ Adolescente de 14 anos, homossexual, sequestrado, torturado e assassinado no Rio de Janeiro em 2010. Para mais informações <https://revistamarieclaire.globo.com/EuLeitora/noticia/2021/06/meu-filho-de-14-anos-foi-torturado-e-morto-e-hoje-luto-contr-homofobia.html>

Show” (1998)⁷⁸, em que Truman fura a lei saindo dela, descobrindo que há um “*para além*” daquilo que ele tinha concebido enquanto verdade. O *Queer* é o furo no cenário por onde Truman sai ao final do filme, uma lente que nos auxiliará no entendimento daquilo que sustenta o gênero como o concebemos. Para Pelúcio:

O *Queer*, apesar de ter sido um saber formulado no Norte Global, vai ser uma resposta atrevida das pessoas marginalizadas por uma ordem regulatória dos corpos, das sexualidades e assim também das subjetividades. Uma ordem que recusa outros arranjos sexuais e de gênero que não estejam conformados a uma moralidade burguesa, medicalizada e marcadamente eurocentrada (PELÚCIO, 2014, p. 28).

O “*Queer*”⁷⁹, que em seu sentido literal é aquilo que parece estranho, avesso, sendo, inclusive, xingamento (*viado, bicha*), é subvertido pela comunidade LGBT que o atribui um outro sentido: o da luta por uma causa de corpos que excedem a inteligibilidade da norma⁸⁰ (BORBA, 2020). Nascida em meados dos anos 1980, o *Queer* reivindica seu palco nas academias, saindo da marginalidade das ruas, para ser debatida epistemologicamente por especialistas do norte global, em sua grande maioria (COLLING, 2007; SALIH, 2012).

Para este trabalho, acionamos Judith Butler por seu protagonismo nas questões “*Queer*” e por ser a única que ainda mantém um diálogo ativo com a Psicanálise freudo-lacania, bem como com outros pensadores; por exemplo: Hegel, Nietzsche, Foucault, Austin, Derrida, Monique Wittig, Gayle Rubin, Beauvoir, Althusser, entre tantos outros⁸¹. Trazemos, a seguir, conceitos-chave que nos servirão como subsídio para reflexão.

Inicialmente, e a partir da Análise do Discurso (AD), aprende-se que o *Queer* não é um instrumento de análise do discurso, mas um processo de observação crítica

⁷⁸ O enredo deste filme mostra que o desejo de saber sobre si pode levar o sujeito a descobrir que o mundo que se cria para habitar é limitado e ficcional, podendo haver um “*para além*” das paredes imaginárias. Cena em: <https://www.youtube.com/watch?v=pFy1yUakGuk>

⁷⁹ Ainda que tenha emergido como teoria no norte global, assumimos em nosso trabalho como “Estudos” ou apenas *Queer*. Não encontramos trabalhos que se proponham a analisar os efeitos e/ ou diferenças epistemológicas ao se assumir como teoria ou como estudo. Acreditamos ser “Estudos” o mais apropriado porque precisamos (do lado de cá da linha abissal que demarca “a injustiça social global” (SANTOS, 2009, p.3), no sul periférico) produzir saberes sobre nós mesmos (KUMARAVADIVELU, 2012; MOITA LOPES, 2006). Concordamos com Miskolci e Pelúcio (2017, p.72 apud BORBA, 2020, p.13) quando fazem uma crítica que corrobora o conceito de Santos (2009) sobre as linhas abissais, de que “o Norte produz teoria e o Sul, supostamente, deve sempre importá-la e aplicá-la”. Pelúcio (2014) traz questões importantes quanto a receptividade do termo “*Queer*” no Brasil, “... inclusive, [sobre] repensar o termo ou sua possível tradução. A perspectiva *Queer* é retorcida e até mesmo desorientada por pensadores do Sul global, assim, adaptada, expandida e interpretada para poder dar conta de vicissitudes locais (BORBA, 2020, p. 13).

⁸⁰ O brado era “*We’re here, we’re QUEER, get used to it!*”, “*Estamos aqui, somos QUEER, acostume-se*”, traduzido. (SPARGO, 2017; BORBA, 2020)

⁸¹ Conferir SALIH, 2012, p.17.

pós-estruturalista⁸² do que se constrói enquanto estrutura de poder em torno do tripé sexo-gênero-desejo. Como boa hegeliana⁸³, Butler busca compreender os processos que levam o sujeito a emergir sujeito e o modo como este sujeito se (trans)forma rumo ao saber absoluto sobre a vida. Nesse percurso, o que se obtém enquanto verdade é que a realidade não é externa à mente, mas uma projeção dela⁸⁴ (SALIH, 2012). O sujeito em Butler também se faz alguns questionamentos

A quem oprimo ao construir uma identidade coerente para mim mesma e ao "fabricar" a minha identidade? O que acontece se nossas identidades "não são bem-sucedidas"? E poderiam esses fracassos proporcionar oportunidades para reconstruções subversivas da identidade? (SALIH, 2012, p.11)

Butler não está preocupada com o indivíduo de carne e osso, mas com o sujeito que se fabrica na e pela linguagem, atravessado por ela a todo momento, subserviente ao discurso que dita seus limites no modo como performar o gênero e a sexualidade dentro da Cultura hegemônica de um tempo, e dentro de processos que estabelecem o racional para os processos civilizatórios. À vista disso, a identidade de gênero e sexual é concebida no intervalo entre o não-sabido e aquilo que a Cultura consegue (ou escolhe) acionar da linguagem para dar conta de imaginar (BUTLER, 2003, p. 28). E nas tramas da vivência, o sujeito vai se experimentando e se reinventando, chacoalhando o pré-concebido, e descobrindo outros limites nessa fricção com o social.

Butler passa a imaginar, inspirada por Hegel, um sujeito que é senhor de seu destino, que busca por seu desejo, por seu entendimento sobre si, que só pode ser alcançado se atravessar o vale do campo do Outro, enquanto Cultura e outro sujeito (SALIH, 2012, BUTLER, 1987). Dito de outra forma, podemos imaginar a travessia de uma sujeita trans: se ela se aprisionar no desejo do outro, daquilo que o outro espera que ela seja, ela nunca atingirá a consciência sobre si mesma. Para que ela consiga atingir a consciência sobre si mesma, ela precisa "aniquilar o outro-sujeito" (ou o Outro, se considerarmos a Cultura, a linguagem desse outro que a reprime) para que assim ela consiga desenvolver sua

⁸² "O pós-estruturalismo surge como uma forma de repensar e analisar as teorias estruturalistas instaurando uma desconstrução de alguns conceitos considerados como verdades absolutas e centrais" (AGUILAR & GONÇALVES, 2017).

⁸³ Em "*Subjects of desire*", seu trabalho seminal, Butler busca compreender os impactos da obra de Hegel no século XX. Atualmente ela é professora de retórica e literatura na Universidade da Califórnia, porém não se encontra qualquer produção dentro de tais temáticas. (SALIH, 2012, p.9)

⁸⁴ "O conhecimento absoluto só é alcançado quando a mente compreende o fato de que a realidade não é independente dela, e que aquilo que ela está se esforçando por conhecer é, na verdade, a si mesma" (SALIH, 2012, p. 35)

autoconsciência, seu saber legítimo sobre si. Ao mesmo tempo, essa dinâmica do “Eu” e do “Outro-sujeito-Cultura” evidencia a dinâmica do senhor e do escravo de Hegel, em que o “Eu” que deseja ser senhor precisa do “outro-escravo” desvelando que só somos o que somos porque fazemos laço. E entre essa dinâmica de ser senhor de si e se fazer objeto do outro-sujeito está o *Queer*: o furo em qualquer forma de poder estruturado na linguagem e a partir de onde o sujeito pode se questionar sobre si e a ação do Outro nessa dialética⁸⁵ da subjetividade⁸⁶. A partir disso, Butler passa a se questionar sobre o sexo pré-discursivo e o gênero como o efeito Cultural que emerge a partir do sexo, sua história e o momento em que passamos a olhar para este construto como binário.

Para sustentar suas concatenações acerca do binarismo homem-mulher, Butler revisita algumas demandas das sujeitas feministas que, assim como qualquer cidadão da polis, se vale da justiça na reivindicação de seus direitos. Butler argumenta que o poder jurídico, por ser a representação de uma forma normativa da linguagem, ele só representa a quem reconhece enquanto representável e inteligível na linguagem. Ou seja, só faz sentido o feminismo buscar ajuda na estrutura jurídica da política se a lei que elas esperam que as defenda esteja em conformidade com o modo como elas se veem e se representam na categoria “mulher” dentro do feminismo (BUTLER, 2003). Portanto,

a noção binária de masculino/feminino constitui não só a estrutura exclusiva em que essa especificidade pode ser reconhecida, mas de todo modo a "especificidade" do feminino é mais uma vez totalmente descontextualizada, analítica e politicamente separada da constituição de classes, raça, etnia e outros eixos de relações de poder, os quais tanto constituem a "identidade" como tornam equívoca a noção singular de identidade (BUTLER, 2003, p.22)

Em outras palavras, o masculino sempre se constituiu nas trilhas da História pela dominância e predominância em relação ao feminino. O questionamento de Butler se faz da seguinte forma: o discurso jurídico-político está pronto para auxiliar as correntes feministas a desconstruir dentro da linguagem um Saber que demorou milênios para se consolidar?

Em “*Problemas de Gênero*” (2003) Butler nos mostra que a binaridade é um exercício da cultura sobre os corpos. Este olhar binário parte da premissa de que macho e fêmea são características pré-discursivas e o gênero passa a ser o efeito de entendimento dessas

⁸⁵ Conferir **anexo 2, p. 166**.

⁸⁶ O modo como o sujeito interpreta o mundo é a partir de sua subjetividade. Não se engane, caro leitor, que os valores compartilhados dentro de um mesmo discurso são o paradigma necessário para sustentar que vemos a vida da mesma forma. O modo como cada um subjetiva o mundo é particular e intransferível. Vemos o mundo a partir de nossos sintomas. Guarde isso para a seção sobre Psicanálise.

categorias inatas e anteriores ao discurso. Dessarte, o discurso jurídico se vale dessa premissa ao estabelecer o que é um sujeito legítimo pois se ampara na ficção pré-discursiva do sexo binário. Essa ficção serve de matriz e paradigma de produção do gênero “*homem e mulher*”, tornando sexo e gênero indissociáveis (OLIVEIRA, 2014)⁸⁷.

Para que o discurso jurídico possa representar o feminismo, ele exige uma característica estável de sua identidade. Cabe ao feminismo se submeter a esta dinâmica de representação. Em outras palavras, o modo como o poder contemporâneo se articula dentro do discurso jurídico exige sujeitos estáticos em suas representações identitárias, não dando espaço para formas de representação de si itinerantes. Consideramos este princípio binário sustentado na ficção sexo-gênero a matriz de controle da cis-heteronormatividade, a qual interpela os sujeitos a virem a ser no discurso através da linguagem.

A partir do momento que se estabelece a norma, passamos a ter os corpos conformes que seguem adequadamente os roteiros pré-definidos e possíveis. Há um certo frenesi quando um discurso não dá conta de dizer o que tal corpo é; e nesse instante, podemos imaginar um corpo que nunca foi identificado ou nomeado (hétero, gay, lésbica) no discurso. Para que este corpo possa ser lido, precisa-se dar um nome, um invólucro que o delimite. Ao se dar o nome, dois caminhos aguardam este corpo: ser possível ou constrangido naquele discurso que o interpela (BUTLER, 2021).

Para entender como a representação binária é nociva, podemos usar algumas metáforas que ilustram que a vida não se coloca apenas em dois pólos bem definidos. Por exemplo: entre o extremo dia e a extrema noite temos posições distintas de dia e de noite, e momentos em que dia e noite se mesclam; entre o nascer e o morrer temos o trânsito de diversas fases de existência; entre o doce e o salgado temos várias outras notas de sabor. Portanto, por que as representações binárias do gênero e da sexualidade só podem ser exclusivamente lidas como legítimas se estiverem bem definidas e fixas?

Outro ponto é o modo cartesiano como encaramos os corpos. Se um homem hetero beija outro homem ele passa a ser bissexual; se uma lésbica passa a se relacionar com homem

⁸⁷ Em seu livro “*Transsexualidade: Ensaio Jus-filosófico sobre o Direito e o Ser*”, Lindomar Oliveira (2014) traz uma discussão interessante sobre os limites de interpretação do sexo para cada discurso, e os nomes recebidos: **a) sexo cromossômico ou genético:** determinado pela união dos gametas X+Y para o sexo masculino, e dos gametas X+X para o sexo feminino, sendo XX quem produz o ovário e o XY os testículos (p.35); **b) sexo gonadal:** ligado à formação da gônadas. No caso da mulher que possui ovários, gônadas femininas ou glândulas sexuais, e no corpo do homem gônadas masculinas ou glândulas sexuais (p.36); **c) sexo legal:** o sexo que se consta no registro de nascimento é o sexo legal (p.38); **d) sexo psicossocial:** influenciado por fatores sociais, genéticos, sócio culturais e psicológicos na formação dos indivíduos que quando nascem com determinado sexo biológico são caracterizados como homem ou mulher, os papéis são definidos, e os controles sociais começam a agir sobre eles (p. 42).

ela é bissexual; se o/a bissexual passar a ficar só com homem ou com mulheres ele passa a ser hétero, gay ou lésbica. De qualquer forma, os nomes pouco importam, o que importa é que buscamos outro corpo para sentir prazer, para satisfazer a pulsão. Se para o meu inconsciente aquele corpo do modo como se apresenta é o suficiente, a identidade assumida por aquele corpo se anula.

Nesse ponto, podemos compreender a contribuição da Psicanálise de Freud no início do século XX ao dizer que o corpo do outro é onde deposito minha raiva, exploro a força de trabalho e libidinal. A repressão dos impulsos sexuais geram sintomas, e em algum momento essas repressões emergem como representações nos sonhos, lugar onde as pulsões não são reprimidas e as formações identitárias não têm vez, ou de nada valem (FREUD, 1900; [1930-1936] 2010; WEEKS [1999] 2018; SPARGO, 2017).

Louro (2018) nos convida a imaginar o gênero já definido ao nascer como uma linha de chegada, congelado em uma expectativa do outro antes mesmo do desenvolvimento e manifestação de questões inconscientes e subjetivas do sujeito. Para ela é importante desconstruir a linha de chegada porque é urgente e “necessário pensar não só em processos mais confusos, difusos e plurais mas, especialmente, supor que o sujeito que viaja é, ele próprio, dividido, fragmentado e cambiante” (LOURO, 2018, p.13).

Não é de nosso interesse com este trabalho mostrar como um sujeito se torna trans, até porque acreditamos ser impossível. Sabemos, apenas, que os roteiros cis-heteronormativos encontram formas de justificar como um corpo com pênis ou vagina se torna homem ou mulher. Acredita-se que a criação, que o biológico, que o sexo atribuído ao nascer são os fatores que definem isso, fazendo cair por terra a nomeação quando aparece um corpo transviado para mostrar que estas categorizações não são definitivas coisíssima nenhuma.

Até aqui, quisemos mostrar o que há no avesso da matriz normativa de sexo e gênero, do binário enquanto lei. Passemos agora para os conceitos de “*performatividade, performance e performativo*”, fundamentais para o *Queer* de Butler. Em seguida, partimos para a Linguística *Queer*, que denuncia os modos como a cis-heteronormatividade se vale da linguagem para aniquilar corpos LGBTQIAPN+ e se perpetuar no poder.

2.3 “Ei, hétero! Como está minha performance?” ...

Em seu livro “*Corpos que Importam*”, Butler ([1993] 2020) retoma questões de “*Problemas de Gênero*” ([1990] 2003) com o intuito de revisitar e aprimorar sua crítica. O último capítulo da obra de 1993, “*Criticamente Queer*”, nos serve como o limite entre *Queer* e a Linguística *Queer* (LQ).

Butler ([1993] 2020) inicia sua reflexão acerca do que se construiu em torno da palavra “*Queer*”, ao longo dos anos e como esta palavra serve de performativo no discurso. Enquanto ofensa, serviu por muito tempo como um enunciado de poder, até que em algum momento da história este mesmo enunciado passa a ter um sentido outro, o de representatividade de uma causa minoritária, e com isso uma inversão do performativo. Perceba, caro leitor, duas coisas: a primeira é que o *Queer*, a partir dessa virada, se instaura como signo vazio⁸⁸, e assim deseja sê-lo, muito obrigado. A segunda é que a palavra tem poder no discurso, a palavra tem o poder de acionar retoricamente enunciados prévios e de conhecimento entre os interagentes no discurso. Não faria sentido eu acionar um performativo para causar um efeito no outro se o outro não se afetasse por ele. O outro só se afeta por conta da historicidade, da relevância e do significado social daquele performativo no circuito de inteligibilidade dos interlocutores. Às claras, o jogo é: usar dos recursos linguísticos disponíveis no discurso para estabelecer meu poder; usar uma dinâmica senhor e escravo que, como já vimos, o senhor depende do escravo (e seu saber) para ser senhor. Butler diz que “grande parte do mundo heterossexual sempre precisou das pessoas ‘*Queer*’ [para que pudesse] ... repudiar usando a força performativa do termo” (p.369), até que o escravo se cansou de ser escravo desse enunciado.

Não nos esqueçamos que Judith Butler, como professora de retórica e estudiosa no assunto, se preocupa com o modo como essa virada no sentido da palavra “*Queer*” se torna um argumento convincente para questionar as ações violentas para com corpos não conformes com a normatividade, de modo a chacoalhar o sistema de valores daqueles que naturalizam a violência na certeza de que este é o único caminho e o último recurso para readequar os sujeitos LGBTQIAPN+ ao discurso predominante. Do mesmo modo, Butler se questiona se o “*Queer*” pode ser usado também para reclamar uma “reparação histórica” por parte da vítima, diante da proporção que o termo toma como “ressignificação afirmativa”, mas receosa de que esta dinâmica continue a sustentar “o ‘sempre velho’ nas relações de poder social” ([1993] 2020, p.369-370). De qualquer forma, e aqui fica uma nota para a

⁸⁸ Se o “*Queer*” é justamente a crítica a roteiros identitários que estabelecem a regra do jogo pelo poder, ele não pode se estabelecer como uma identidade, mas como um lugar onde reflito os interesses da identidade que assumo. Além disso, o “*Queer*” é o “portal” de onde novas formas de se fazer com o corpo emergem porque estamos estamos o tempo todo produzindo gênero.

sessão sobre psicanálise, para Butler o sujeito só desliza na cadeia significante, no caso de situações de injúria como a do termo “*Queer*”, se for pela dor ([1993] 2020, p.371) . Ou seja, a dor pode ser o combustível, ou mote, para que o sujeito saia de seu impasse⁸⁹.

Falaremos agora sobre três construtos fundantes do *Queer* de Butler: *performativo*, *performance* e *performatividade*. Butler ([1993] 2020) vai buscar em Austin e Sedgwick meios para pensar o que é a performatividade *Queer* e o modo como a heterossexualidade cria roteiros de performance que definem os modos de se fazer vínculos sociais. Para que possamos compreender o que ela ambiciona descrever, temos que compreender, primeiramente, a diferença entre os três elementos.

No início, tudo é apenas um corpo, destituído de qualquer referencial daquilo que se pode fazer com ele. Com a entrada do sujeito na linguagem, e conforme sua configuração sexo-gênero, este passa a absorver do discurso em que ele se constitui sujeito os roteiros de performance que seu corpo pode performar na ficção da realidade que ele habita. A performance roteirizada não é garantia de que o sujeito irá performar sempre a mesma coisa. Algo da performance sempre escapa denunciando algo da singularidade daquele sujeito, que será lida pelo outro e imediatamente corrigida de modo que este corpo volte a ser possível dentro do circuito ficcional da realidade que o treina para o social. A **performance** é, portanto, um conjunto de **performativos** (beijar, desmunhecar, falar grosso, usar brinco, usar a cor preferida, etc) que é constantemente fiscalizada pela **performatividade**⁹⁰, um “sistema de regulações que impõe limites para os contornos dessas (estiliz)ações” (BORBA, 2020).⁹¹ Mulan nos ilustra tais conceitos ao dizer que:

MULAN:

Eu era o papel de um menino, né?, e que de jeito nenhum poderia ser homossexual, entendeu? De jeito nenhum. Sou só um menino que gosta de dançar. Sou só um menino que tem... que é mais delicado, e tudo mais. E isso não me deslegitimaria enquanto MENINO.

⁸⁹ Conceito que será melhor trabalhado no capítulo sobre Psicanálise.

⁹⁰ Em 1990 ia ao ar a novela Pantanal de [Benedito Ruy Barbosa](#). O folhetim do horário nobre da TV Manchete, exibiu a exuberância do cenário pantaneiro, sua Cultura agropecuária e as tradições que caracterizam o homem do Pantanal. A cena que trazemos é do reencontro de José Leôncio, interpretado por Cláudio Marzo, e seu filho Juventino, Marcos Winter, que foram separados quando o Juventino nasceu. A cena é o desconforto causado por Juventino e sua performance de homem criado no Rio de Janeiro em contato com a performance de homem criado no Pantanal matogrossense. Percebe-se que, de acordo com o que Juventino faz com seu corpo, suas ações não são lidas como performance de homem para os pantaneiros. A ele é atribuído um nome, uma indexicalização: “É ou não é um flozô?”. <https://www.youtube.com/watch?v=8SMwi8OhGsk>

⁹¹ Caro leitor, se lembra do pajubá que abordamos no capítulo 1? Que tal revisitar com este olhar da performatividade?

Pelos dizeres de Mulan, compreende-se o que Butler ([1993]2020) quer dizer: que é através de nossos atos performativos que somos autorizados no discurso. Se o discurso que me formou sujeito não possui linguagem para decodificar minha singularidade, nunca serei autorizado neste, me restando performar aquilo que está disponível para ser performado no “cardápio”. Para consolidar,

Os atos performativos são formas de discurso de autorização: a maioria das falas performativas, por exemplo, consiste em enunciados que, ao serem proferidos, também realizam determinada ação e exercem um poder de conexão. Implicados em uma rede de autorização e punição, as sentenças performativas tendem a incluir sentenças judiciais, batismos, inaugurações, declarações de propriedade; são declarações que não só realizam uma ação, mas que conferem um poder vinculativo à ação realizada. (BUTLER, [1993]2020, p.372).

Este “*poder vinculativo à ação realizada*” descrito por Butler é o mote e a entrada da Linguística *Queer* (LQ), que busca compreender os traquejos da cis-heteronormatividade na construção de roteiros performativos que legitimam corpos e deslegitimam outros, além de apontar que “protestos de ódio são produto do medo ‘de mudança’ ... de deixar que as outras pessoas vivam de maneiras diferentes da sua” (BORBA, 2020, p.9-10).

2.4 E no fim é tudo linguagem...

A LQ dá um passo além daquilo que Butler (2003;2020) havia começado com o “*Queer*” e a performatividade. E ao se debruçar sobre as cenas das vicissitudes LGBTQIAPN+ com olhos de lince, a LQ busca a materialização tanto das muralhas da normatividade que aprisionam alhures os corpos ditos não conformes quanto dos algozes que ficam como sentinelas vigiando, garantindo e salvaguardando “a cis-heteronormatividade e os processos que a sustentam” (BORBA, 2020, p.14). Grosso modo

a LQ se configura como o estudo das relações entre língua, gênero, sexualidade e as dinâmicas de manutenção e/ ou contestação de normatividades (linguísticas e sociais) a partir de um posicionamento político que desessencializa identidades e desontologiza a língua, problematizando, assim, a relação supostamente sólida entre aquilo que falamos/ escrevemos e aquilo que somos (BORBA, 2020, p. 16),

e também o modo como o corpo *Queer* é negociado dentro das estruturas de poder heteronormativas.

A leitura da LQ se dá na dimensão da cena, na sua materialização através dos valores que supostamente devem ser exercidos, seguidos e obedecidos. O corpo passa a ser tanto o veículo quanto a projeção em outros corpos. Ou seja, um único indivíduo deve ser o container com os valores, o projetor que articula os valores na cena⁹², o professor que passa adiante para outros indivíduos os valores e, também, quem fiscaliza, possibilita e/ou constrange um outro sujeito na cena (BUTLER, [1997] 2021), caso os valores sejam transgredidos.

Para explicar como um sujeito é constrangido na cena, recorremos mais uma vez ao conceito de “*sameness*”⁹³ de Kumaravadivelu, o qual “*implica participação em uma ou mais categorias, como nação, etnia, raça, religião, classe, profissão ou gênero*” [tradução nossa] (2012, p.9)⁹⁴. Podemos acionar a cena do homem pantaneiro em contato com o homem carioca⁹⁵. Ser um peão pantaneiro conecta o sujeito a que tipo de performance e discurso? Ao discurso da lida no campo, dura e árdua, que não dá abertura para fragilidades; à performance do homem rústico que tem sua masculinidade constantemente colocada à prova; ao contexto familiar em que a mulher é subserviente ao marido; ao contexto de escolaridade limitada, sendo inexistente muitas vezes; aos costumes e valores produzidos nessa posição geográfica que servem de sistema reconhecimento a ser acionado por esses sujeitos.

Como sugere Kumaravadivelu (2012), a identidade é o que nos permite dizer que “*eu sou eu porque não sou igual a você*”. Entretanto, para as estruturas de poder, não basta diferenciar, deve-se oprimir o outro que difere de mim. A primeira fase é segregar, reconhecer o outro como diferente de mim; a segunda fase é indexicalizar, como com a palavra “*flozô*”, uma atribuição que diminui a agência do sujeito no discurso e o imobiliza de alguma forma.

Daqui podemos repensar Chomsky (1965), que diferencia competência (conhecimento inato da língua) e desempenho (performance situada), e seus efeitos no modo como “*várias áreas da ciência da linguagem... [passaram] a considerar a língua como um fenômeno independente de fatores sociais*” (BORBA, 2020, p.22). A Sociolinguística vem mostrar usos de acordo com o contexto demográfico e de gênero, como, por exemplo, dizer que mulheres usam mais diminutivo que homem (CALVET [1993] 2011, BORBA, 2020).

⁹² Conferir **anexo 1**, p. 154.

⁹³ Podemos traduzir livremente este trabalho como “**verossimilhança**”.

⁹⁴ “It entails membership in one or more categories such as nation, ethnicity, race, religion, class, profession, or gender.” (KUMARAVADIVELU, 2012, p.9)

⁹⁵ Conferir nota de rodapé 86.

Butler ([1990] 2003, [1997] 2020), por sua vez, mostra que não é o homem, a mulher ou o gay que usam a língua e suas linguagens; é pelo modo como se usa a língua e suas linguagens que as identidades emergem. Por isso, não se nasce mulher ou homem, torna-se, como disse Beauvoir (1949).

Uma identidade necessita de constante manutenção. Um homem hetero só será lido como hétero se estiver constantemente acionando as indexicalizações que o delimitam como hétero. Esse olhar cartesiano de performance - agora sou, agora não sou, agora você é isso ou aquilo - é uma dinâmica de reconhecimento imposta pela própria cis-heteronormatividade, principalmente para que assim se possa fazer a leitura dentro do discurso.⁹⁶ Podemos dizer, portanto, que a cis-heteronormatividade interpela o corpo pela leitura de sua performance, seguida de sua indexicalização.

Na cena do homem carioca (*nota de rodapé 89*), este foi lido como “homem-não-pantaneiro” e, por isso, renegado. Em seguida, uma indexicalização precisou ser atribuída para torná-lo inteligível naquele discurso, o “frozô”, que só surtirá efeito se o homem carioca se afetar pelo saber produzido sobre ele, estabelecendo a dinâmica senhor-escravo no processo de projeção da cena (confira Anexo 1). O corpo enquanto signo pode tanto ser vazio, recebendo indexicalizações múltiplas a partir do que ele passa a performar, quanto fixo, a depender do histórico que um discurso tem de leitura daquela configuração de corpo e performance. Vejamos como Mulan manifesta esta questão:

MULAN:

As minhas dificuldades são as minhas misturas com as minhas questões de identidade, né?, da maneira que eu sou percebida pelos espaços... é assim, buscar me defender... [buscar] uma forma de me manter no espaço, entendeu?, de não ser removida do espaço. Eu acho que é isso.

Sua fala corrobora nossas concatenações até aqui, ao nos mostrar que o corpo dissidente luta para se manter no discurso, a depender do sentido-conteúdo que recebe. Debruçamo-nos sobre o estudo de Aviz (2019) para pensar justamente isso, compreender como essa dinâmica de vazio e fixo se dá em um mesmo corpo.

Aviz investiga 6 homossexuais e como suas performances mudam quando estão na igreja para que possam caber dentro daquela realidade. Replicamos aqui a imagem e a fala de um de seus participantes:

⁹⁶ Cada discurso possui sua performatividade e linguagem constituintes.

Figura 4: Interlocutor Nazo (homossexual que frequenta a igreja evangélica)



Fonte: Aviz (2019,p.20)

NAZO: *Eu não preciso dizer que sou gay, uma vez que a minha vestimenta corresponde a qualquer um que está ali, e eu procuro ser discreto, e não agir de uma maneira em que eles possam me vê como gay, por isso, tudo fica “normal”, e eu continuo frequentando a minha igreja, pois me sinto bem, e sei que Deus não faz distinção do homem, mas quem o faz é o próprio homem de si. (AVIZ, 2019, p.20).*

Na imagem acima temos dois cenários: o primeiro em que Nazo se veste como gosta, usando cores, dando vazão à sua singularidade; o segundo em que ele se adequa ao roteiro de performance do ambiente neopentecostal da igreja que frequenta, para que não seja indexicalizado como homossexual, moderando seu gestual e procurando ser discreto, como ele mesmo diz. Aviz (2019, p.19-20) descreve a cena da seguinte forma:

As coisas ganham suas devidas representações conforme postas em determinado contexto, passando a fazer parte de toda uma representação simbólica, sendo os seus usos normais ou não a um grupo. Um exemplo disso é o que vemos nos grupos denominados evangélicos em Belém, no qual suas vestimentas e acessórios, usados dentro e fora da igreja, estão diretamente associados a sua relação moral e de afirmação do seu espaço na sociedade. Do uso constante da bíblia à vestimenta, tudo é pensado com muita cautela, afinal, segundo análise empírica, as roupas e acessórios representam a própria presença de Deus na vida do sujeito que se denomina evangélico. Pensando nisso, não obstante, os homossexuais que entram nessas instituições aderem ao uso da indumentária evangélica para somente não serem percebidos, como também serem aceitos e acolhidos, mesmo diante dos bloqueios a eles criados.

A cena acima mostra que para que sejamos lidos de uma forma e não de outra, basta acionar a linguagem, os valores, a performance de como quero ser visto e lido, corroborando

Butler ([1990]2003; [1993] 2020) que afirma que as identidades são fabricadas, não inatas. Portanto, o corpo é um signo vazio com potencialidades de vir-a-ser e a rigidez está nos valores e indexicalizações atribuídos a uma performance. No caso do discurso religioso, o corpo homossexual só possui um sentido e seus equivalentes: o pecado, a pederastia, a inconformidade com os planos de Deus.

A realidade de Nazo possui um agravante: o medo de sofrer discriminação e violência por ser quem é. No desejo de professar sua fé e não ser hostilizado, ele sucumbe aos valores da igreja sobre os corpos para que possa ter livre trânsito e ser lido como normal e moral. Sobre isso Foucault diz que (1984, p.26)

Por moral entende-se um conjunto de valores e regras de ação propostas aos indivíduos e aos grupos por intermédio de aparelhos prescritivos diversos, como podem ser a família, as instituições educativas, as igrejas, etc. Acontece dessas regras e valores serem bem explicitamente formulados numa doutrina coerente e num ensinamento explícito. Mas acontece também de elas serem transmitidas de maneira difusa e, longe de formarem um conjunto sistemático, constituírem um jogo complexo de elementos que se compensam, se corrigem, se anulam em certos pontos, permitindo, assim, compromissos ou escapatórias. Com essas reservas podemos chamar código moral esse conjunto prescritivo.

É por essa moralidade prescritiva que um corpo trans é lido. Fica o questionamento: como sensibilizar o outro para que este não aja com violência contra corpos transviados? Existe uma ética da não-violência capaz de desfazer o circuito de indexicalização pejorativa contra sujeitos LGBTQIAPN+, de modo a propiciar uma escuta ética de suas demandas? E quais os efeitos de tal domesticação nesses corpos? Mulan nos diz que:

MULAN:

Eu recentemente descobri que eu quero ser perfeita para compensar o fato de que me acho estranha.

Concluimos esta seção mostrando o poder deformativo de uma indexicalização. O corpo não aceito no discurso pode se considerar faltoso, disforme e, portanto, passível de ajustes. Vejamos a seguir como a noção de “rosto” pode nos servir para uma escuta ética de sujeitas trans e travestis.

2.5 A dimensão do “rosto”, enquadramento e a precariedade da vida...

Início esta seção com um questionamento de Butler: “é possível viver uma vida boa em uma vida ruim?” (BUTLER, 2015, p.213). Quem pode viver essa “vida boa”, num mundo desigual, que explora e expropria vidas, marginaliza outras por via de estruturas de poder? Para Butler

Muitos identificam a vida boa com o bem-estar econômico, a prosperidade e até mesmo com a segurança, mas sabemos que tanto o bem-estar econômico quanto a segurança podem ser atingidos por aqueles que não estão vivendo uma vida boa. E isso fica ainda mais claro quando os que afirmam viver uma vida boa o fazem lucrando com o trabalho dos outros, ou com base em um sistema econômico que reforça formas de desigualdade (2015, p.214).

Na realidade de Mulan, as formas de desigualdade se materializam quando ela é forçada a se adequar ao cenário das escolas particulares, passando por um processo de “higienização heteronormativa” de sua performance, ou quando tem uma oportunidade negada porque a rede de ensino não sabe lidar com um corpo trans, ou como geralmente dizem: “*Não fazemos este tipo de contratação*”.⁹⁷ Mulan nos ilustra da seguinte maneira:

MULAN:

(quando um aluno a chama de professora)... Porque aí vem depois é aquela correção social, né?... aquela correção social de que "NÃO. É mãe NÃO. Ele é o TEACHER. NÃO É sua mãe.", né? Mas sim, isso acontece, né, é... Quando não é assim, geralmente falam PROFESSORA, também né?, "Ôh professora", aí eles começam a se corrigir... Eu nunca corriji eles, né?... Não, mentira, já corriji sim. Mais recentemente porque eu vi pais corrigindo... eu vi pais corrigindo e aí eu fiquei... pensando... " Ah, isso vai ficar trazendo incômodo depois, isso vai gerar reclamação ao meu respeito".. ah, não sei, medo... de "Ah, se eu não corrigir, o que que eu vou fazer?", né? Então ... Eu sou obrigada a falar, a corrigir o aluno... eu sou obrigada a corrigir o fato de que eles me reconhecem enquanto sujeita, né? Isso é muito pesado.

Quando buscamos um emprego, quando fazemos uma solicitação à secretaria de uma escola, ou até mesmo um chamado ao Serviço Público de Saúde (SUS) , vocalizamos uma demanda, a qual esperamos que seja respondida. Colocando-se do lado de lá da cena, o que

⁹⁷ Algumas narrativas de Mulan foram compartilhadas antes e após o processo de formação do corpus e fazem parte deste, compiladas como mensagens de texto ou áudio enviadas por aplicativos de redes sociais.

me impede de agir com violência para com o outro que me demanda algo? O que precisa acontecer para que as demandas de Mulan sejam ouvidas de modo ético?

Em sua obra “*Vidas Precárias*” (2011), Butler nos brinda com reflexões que podem nos dar algumas pistas. Ela sugere que a vulnerabilidade pode ser a via de relação ética com a alteridade, uma proposta que depende do modo como eu me coloco diante do outro, de modo que eu não o interpele com violência. Dito de outra forma, há alguma possibilidade de resposta a essa alteridade radical, ao meu demandante, e que não suscite o apagamento das nossas diferenças⁹⁸? Butler busca inspiração em Emmanuel Levinas (com suas questões sobre o judaísmo), abandonando Althusser e Austin, para forjar a cena de interpelação que exige outra forma de relação e interdependência, e que seja mediada pela vulnerabilidade para me expor diante do outro, me desnudar e me fazer frágil (BUTLER, 2011, 2017).

Entretanto, a vulnerabilidade seria suficiente para conter o meu desejo de atacar e matar o outro? Haveria alguma diretriz ética por detrás da vulnerabilidade que me impediria de fazer isso? Butler dirá que a vulnerabilidade se servirá do “rosto”, na sua emergência, a primeira dimensão que projeta a cena do apelo (BUTLER, 2011).

Passando agora para uma definição mais clara do que o “rosto” representa, pode se dizer que sua noção é considerada complexa porque assume a característica de uma catacrese, mudando o sentido literal da palavra como a conhecemos. Nessa ressignificação, o “rosto” deixa de se referir à face humana e toma a forma da enunciação da agonia e do sofrimento que o evocam. O “rosto” é a demanda em forma de apelo, de chamado, de pedido de ajuda por parte de alguém que espera por uma resposta; é um ato de responsabilidade pelo outro como efeito, não pela via do discurso, já que o ‘rosto’ do outro não pode ser lido como um significado secreto. O imperativo que o “rosto” impõe, portanto, não pode ser imediatamente traduzido sob a forma de uma prescrição linguística formulada e seguida, como o signo SOS replicado em qualquer contexto global quando queremos dizer que estamos em perigo (BUTLER, 2011, p.16). Indo além,

Responder ao rosto, entender seu significado quer dizer acordar para aquilo que é precário em outra vida ou, antes, àquilo que é precário à vida em si mesma. Isso não pode ser um despertar, para usar essa palavra, para minha própria vida e, dessa maneira, extrapolar para o entendimento da vida precária de outra pessoa. Precisa ser um entendimento da condição de precariedade do Outro (BUTLER, 2011, p.19)

⁹⁸ Como no caso do menino Alexandre Ivo, em que a diferença foi apagada com a sua tortura e conseqüente morte.

Sendo o “rosto” uma forma de humanização, sou deslocado de meu próprio ego para dar lugar à demanda do outro, agora despido de qualquer forma de violência, na busca pelo entendimento de sua linguagem resultando em um possível avizinhamo (BUTLER, 2017). Acionando Levinas, Butler quer mostrar que a violência é engendrada pelo medo de não se saber se ela será necessária, uma ansiedade que pouco a pouco extrapola os limites do sentido (BUTLER, 2011, p. 21), “um excesso pulsional [que ocasiona]... a ruptura dos laços sociais constituídos no interior da Cultura” (SILVA JR & BESSET, 2010, p.325). Com Freud (1930) aprendemos que este “fora do sentido” que rompe o laço com o outro se dá na matriz do ser humano, no seu desejo de querer extravasar sua angústia e frustração no corpo do outro. Porém, Butler se apoia em Levinas ao dizer que “é o ético mesmo que salva alguém do circuito da má consciência ... [de modo que] a face do outro vem a mim de fora e interrompe... [o] circuito narcisista (2011, p.21-2).

O “rosto” produz a humanidade da escuta, a via de mão dupla entre a demanda e a resposta, e a condição de co-relação entre as duas. Pode-se dizer que a linguagem do outro e seu discurso me capturam previamente, sendo anterior a qualquer produção de resposta imediata. Por isso, Butler considera que a violência pode já estar no modo como somos “nomeados, submetidos a uma série de imposições, compelidos a responder a uma alteridade exigente “ (BUTLER, 2011, p.23) que nos interpela sem consentimento prévio.

Para que não nos esqueçamos, “rosto” é a materialização de uma agonia ou clamor, que necessita ser trabalhado na “esfera da aparência, daquilo que podemos ver e daquilo que podemos saber” (BUTLER, 2011, p.28). O que Butler quer dizer é que o modo como o “rosto” se apresenta determina o modo como será lido pelo outro. Muitas vezes a cena não é lida em sua completude porque o “rosto” produzido não abarca sua totalidade, e algo fica de fora. Podemos pensar no exercício da mídia que desloca o “rosto” levinasiano de modo que seu auditório veja apenas aquilo que lhes parece conveniente que vejam. Butler exemplifica esse traquejo midiático em “*Vidas Precárias*” (2011) trazendo o exemplo das afegãs que tiveram suas burcas violadas pelo exército americano:

O leitor norte-americano estava pronto para ver o rosto e foi para a câmera e por ela que o rosto foi, finalmente, exposto... [Entretanto,] onde está a perda nesse rosto? E onde está o sofrimento causado pela guerra? De fato, o rosto capturado pela câmera parecia ocultar ou deslocar o rosto no sentido levinasiano, uma vez que nós não vimos ou escutamos, por meio daquele rosto, nenhuma vocalização de lamento ou agonia, nem mesmo algum ruído da precariedade da vida (BUTLER, 2011,p.25).

A partir do supracitado, fica claro que para Butler a dimensão da ética da vulnerabilidade depende do contato que se tem com “rosto” da alteridade radical. Será, entretanto, em *Quadros de Guerra* que Butler abordará com mais afinco o conceito de “enquadramento midiático”, que se refere ao modo como a imagem que vocaliza uma agonia é veiculada pela mídia, bem como sua materialização e inteligibilidade. Como exemplo, Butler recorre às fotografias de Abu Ghraib presentes no livro de Susan Sontag (“*Diante da Dor dos Outros*”, 2003), para aguçar nossa percepção da humanidade existente nas mais diversas formas de vida, retratadas pelas lentes das artes, da mídia e da fotografia no enquadramento (BUTLER, 2011, 2015). Ou seja, a vulnerabilidade é lida na esfera da aparência com o auxílio do *frame* produzido da cena, que por sua vez tem sua dimensão de leitura determinada pelo modo como ocorreu o enquadramento do *frame*, girando em espiral num ciclo em que um é produzido pelo outro. Em suma,

Se as reivindicações do outro em relação a mim são feitas para me alcançar, elas devem ser mediadas de alguma maneira, o que significa que nossa própria capacidade para responder com não violência — de atuar contra certo ato violento, ou preferir o “não ato” diante de uma provocação violenta — depende dos enquadramentos mediante os quais o mundo é dado e o domínio da aparência é circunscrito. (BUTLER, 2015, p.251)

Portanto,

A não violência, por conseguinte, parece exigir uma luta no âmbito da aparência e dos sentidos, buscando a melhor forma de organizar a mídia a fim de superar as maneiras diferenciadas através das quais a condição de ser passível de luto é alocada, e uma vida é considerada como valorada ou, simplesmente, como uma vida a ser vivida. (BUTLER, 2015, p.253-4)

Nesse ponto, chega-se à conclusão de que o enquadramento é crucial e determinante ao se abordar o outro. Ao torná-lo abordável e digno, resulta-se daí a não-violência como resposta, indicando que a aparência fez seu trabalho: tornou possível a apreensão do “rosto” do outro. Reforçamos que a emergência do “rosto” está muito além de qualquer normatividade por não estar fixado em uma única forma de representação. O “rosto” emerge como efeito de um circuito, partindo primeiro do enquadramento que o possibilita vocalizar sua demanda, culminando na escuta ética desta pelo outro que, em seguida, lhe dará uma resposta (BUTLER, 2015). Ainda resta compreender o espírito de quem recebe a demanda do “rosto” do outro nesse circuito.

Butler em “Caminhos Divergentes” (2017) dialoga mais uma vez com o filósofo Emmanuel Levinas e suas empreitadas acerca do judaísmo. Dele, apropria-se o conceito de “desposseção”, um ponto final no processo de escuta dentro do circuito do apelo que ambiciona a não-violência. O “escutante” nessa dinâmica sai de seu egocentrismo nesse encontro com o apelo vocalizado pelo outro numa espécie de “desposseção de si mesmo” (BUTLER, 2017, p.50).

Na cena de Alexandre Ivo, um jovem de 14 anos carioca que foi brutalmente assassinado por ser gay, a “desposseção de si” por parte do agressor não ocorre mediante a vocalização de sua agonia. O outro não lê seu “rosto” de forma digna, mas com certo narcisismo e identitarismo, fazendo cumprir os valores, a linguagem e o discurso que servem de suporte para o ódio contra o corpo LGBTQIAPN+. Quando a “desposseção” acontece, somos deslocados, ou removidos, de nossas posições identitárias e sociais para estar diante do outro. Isso impede que o meu “eu” me coloque em primeiro lugar de novo; ou melhor, que o meu “eu” me coloque de volta em meu narcisismo.

Veremos que isso é uma questão de quebrantar o *superego*, ou *o ideal de eu*. Pode ser também uma questão do não-sentido localizado no encontro entre o Imaginário e o Real do nó borromeano de Lacan. De qualquer forma, a Psicanálise tem muito a dizer sobre a materialização do discurso do mestre, ou da *passagem ao ato* que mostra uma ruptura do *semblante*; questões que descrevem o que aconteceu com Alexandre Ivo, mas por uma perspectiva do inconsciente, conceitos que veremos com mais nitidez a seguir.

Passemos agora, caro leitor, para o segundo ato. Saímos do Outro da Cultura para entrar nas questões da singularidade do sujeito pela Psicanálise.

SEGUNDO ATO

A singularidade da Sujeita

Trans

Who is that girl I see?

CAPÍTULO 3

CENA 2: Psicanálise, do significante ao laço social

*“... I am beautiful, no matter what they say
 Words can't bring me down
 I am beautiful in every single way
 Yes, words can't bring me down, no, no
 So don't you bring me down today...”⁹⁹*

No capítulo anterior, acionamos as lentes dos Estudos *Queer*/ de Gênero e Linguística *Queer*, que culminaram nas noções de “rostos”, “enquadramento” e “ética da não violência”. Todas essas lentes, ainda que tragam algo que trate das singularidades, se voltam para o sujeito no social, no universo amplo da Cultura e da política. Neste capítulo, voltamos para o sujeito na sua singularidade, não apenas para o sujeito enquanto indivíduo, mas o sujeito que a Psicanálise aborda: o do inconsciente. Retomaremos algumas discussões apresentadas na seção anterior de modo que possamos olhar para a cena por um outro olhar.

Relembramos ao caro leitor que a escolha da Psicanálise como construto teórico parte da necessidade de proporcionar ao sujeito de pesquisa uma escuta em que ele possa se sentir à vontade para elaborar, reelaborar e ressignificar sua fala, e que permita ao pesquisador analisar, visto que “não há Psicanálise sem análise” (CELES, 2005, pg 25). Ao pensar a Psicanálise como uma “oferta da palavra”

Não se trata apenas de oferecer a palavra, mas de supor saber naquele que fala na pesquisa, surpreender-se com o que produz sobre sua realidade, sua vida, suas experiências, operando, no mesmo movimento, uma possibilidade de que se aproprie do que diz e no ato mesmo da enunciação, se renove e se crie. (FERREIRA, 2018, p. 131)

Em suma, queremos com este estudo de caso ancorado na pesquisa-intervenção de orientação psicanalítica permitir que a nossa participante, ao enunciar, volte-se para si e

⁹⁹ “*Beautiful*”, Christina Aguilera, 2002. <https://www.youtube.com/watch?v=eAfyFTzZDMM>

descubra o que de fato a constitui, possibilitando-nos compreender o modo como ela constrói sua singularidade a partir da alteridade, já que não existe realidade pré-discursiva.

A não existência de uma realidade pré-discursiva se dá no fato de que o sujeito é falado antes mesmo de nascer e sua entrada no mundo é a partir de um discurso já concebido. É falado pelo Outro do desejo, das demandas e das expectativas. O discurso familiar seria este primeiro discurso em que o sujeito se engaja através da sua entrada na linguagem. Com a fala, é possível vislumbrar aquilo que opera da estrutura do sujeito quando este enuncia, e ao enunciar pode desvelar seu sujeito do Inconsciente¹⁰⁰. Esse Inconsciente, segundo a teoria lacaniana, é simbólico, isto é, feito de significantes e leis simbólicas que o constituem como uma estrutura de linguagem. O trabalho da psicanálise, portanto, se faz da díade falar-ouvir. Ou seja, “falar” o que foi esquecido, sob a condição do “ouvir” específico do analista para que o analisando também “ouça” o que fala.(CELES, 2005, pg 30).

3.1 - O corpo trans em cena

É surpreendente que na atualidade muito tem se falado sobre os corpos trans, inclusive abordados nas telenovelas, trazendo para o centro das atenções algo que há muito tempo ficava velado, ou de lado. A Psicanálise se interessa pelas realidades trans em sua singularidade. E desde quando surgiu no início do século XX, ela vem desconstruindo paradigmas culturais como, por exemplo, aquele que se refere ao sexo voltado apenas para a reprodução, atrelando a sexualidade a uma dimensão binária do prazer, e sempre heterossexual. Na mesma esteira, podemos pensar nos processos de despatologização da homossexualidade e da transexualidade, situando-as nos atravessamentos da Cultura e seus efeitos no modo como cada um experiencia a sexualidade. A psicanálise é definitiva quando assume que qualquer experiência transexual é única e singular, não cabendo em nenhum tipo de generalização psicológica, pois cada sujeito representa uma constelação simbólica irreplicável e uma singularidade como as digitais dos dedos, o que impede que outro diga algo em seu lugar (JORGE & TRAVASSO, 2021, p.12-13).

Diante da pergunta “Sou homem ou sou mulher?”, poderíamos nos questionar sobre suas implicações, sobre a urgência na realidade trans, por exemplo; se haveria um momento em que a sujeita se vê diante de um dilema, um impasse que a coloca frente à escolha

¹⁰⁰ Colocamos com letra maiúscula por nos referirmos ao campo do Inconsciente lacaniano.

definitiva? Haveria definitivo? O entrelugar é um lugar habitável? É um lugar que causa angústia? E de onde viria essa angústia? Da necessidade de se estabelecer identitariamente porque precisamos fazer laço, ou é o laço que define a escolha a ser tomada? Para darmos conta da resposta, precisamos fazer um *zoom out*, rumo ao cerne da questão, partindo da entrada do sujeito na linguagem ao modo como este faz laço.

3.2 - A formação do inconsciente: e tudo começa no estádio do espelho...

E tudo começa com a entrada do sujeito no campo da linguagem, com sua formação inconsciente no *estádio do espelho*, em que a criança, diante da sua imagem refletida se vê e compreende o seu corpo completo, não despedaçado. Sua mãe não é uma extensão do seu corpo, mas o outro-sujeito que a insere na Cultura, que lhe dá uma identidade, nomes; a criança como uma produção do Outro (tanto outro sujeito quanto a Cultura, a língua, as instituições). "Mas quem é aquele refletido?", a criança se pergunta, "Sou eu?", e se volta para mãe, que confirma dizendo que aquela imagem também é ela. Forma-se, nessa fase, o Ego, que é de ordem *imaginária*, uma fase que Freud descreve como *narcisismo primário*, em que o sujeito transcende o auto-erotismo e assume a imagem do espelho como seu novo alvo de investimento libidinal, um novo objeto onde irá direcionar sua demanda de amor. O *narcisismo primário* é superado quando o sujeito passa a escolher outros objetos no exterior. Podemos dizer, também, que o *estádio do espelho* é o momento em que o sujeito começa a conviver com aquilo que é diferente dele mesmo, e passa a construir sua personalidade (LACAN, 1956-1957; JORGE, 2008).

Uma correlação que podemos fazer entre a Psicanálise e a Problematologia de Meyer (1993;2018) é quanto à construção do *ethos* efetivo e *ethos* projetivo. O *ethos* efetivo nada mais é do que o modo como o sujeito se percebe (o eu ideal¹⁰¹) que se direciona para um *pathos* projetivo (o imaginário que o *ethos* efetivo tem do auditório, ou do outro). Entretanto, o *pathos* efetivo (o outro de fato) devolve para "mim" o *ethos* projetivo (o ideal de eu), justamente a imagem que o outro faz de "mim". Para Meyer, o bem-estar social do indivíduo se estabelece quando *ethos* efetivo e projetivo se coincidem em algum grau, não necessariamente de forma exata.

¹⁰¹ "Instância psíquica que escolhe, entre os valores morais e éticos exigidos pelo supereu, aqueles que constituem um ideal ao qual o sujeito aspira... . Influenciado pelas críticas parentais e do meio exterior, as primeiras satisfações narcísicas buscadas pelo Eu ideal são progressivamente abandonadas, sendo sobre a forma desse novo ideal do Eu que o sujeito tenta reconquistá-las." (CHEMAMA, 1995, p.100)

Para a criança, a imagem que ela faz de si precisa ter seu lugar no campo do Outro. Ou seja, como exemplo bem simplório: não adianta a criança trans se ver no espelho como um super-herói se o outro não a vê assim também. Dessarte, o que acontece quando a criança se reconhece como trans no espelho, mas o outro não? Herculeamente, o sujeito tenta se inscrever no campo do Outro a partir do que há de disponível para ele se significar, para que seu corpo fale¹⁰².

Podemos, assim, definir o *estádio do espelho* como o momento em que a criança compreende que ela e a mãe não são a mesma pessoa, mas universos subjetivos completamente singulares e únicos em sua essência. Uma vez cindido o sujeito de sua mãe, podemos passar para o complexo de Édipo e de Castração, a lei da ordem simbólica e suas formas de sintoma.

3.3 Uma breve definição de Complexo de Castração e Complexo de Édipo...

A falta é constitutiva do ser humano, somos e seremos sempre faltosos, desejantes no entendimento de nós mesmos e, por isso, tentaremos infinitamente nomear nossa falta ao longo da vida. Compreendemos de Freud (1905) a Lacan (1956) que os nomes dados a nossa falta são nomes que representam o modo como lidamos com a castração, do medo de perder o falo (meninos) e a inveja do falo (meninas). Esta relação tem seu início no complexo de Édipo e no complexo da Castração.

A cena da castração se dá de duas formas: no menino, este acredita que todos os corpos possuem pênis. Entretanto, ao ver o corpo da menina, ele acredita que ela é um menino que teve seu membro mutilado. A partir do contato com o sexo oposto, ele crê que a mesma cena pode acometê-lo e o medo de ser castrado se instaura. Na vida adulta o medo de perder o falo pode ter outros nomes: medo de perder o emprego, medo de ser largado pela esposa, medos infinitos... A menina, por sua vez, ao descobrir que não possui pênis, se sentirá inferior ao menino, alimentando certa raiva por sua mãe ao acreditar que ela a fez faltosa. Na menina, a castração é que dá acesso ao Édipo, por sua raiva e aversão à mãe, pela inveja do pênis, ela busca no pai aquilo que lhe falta para ser completa, tornando-o seu alvo de investimento objetal¹⁰³ (FREUD, 1905, CHEMAMA, 1995).

¹⁰² E nessa relação de *eu ideal* e *ideal de eu*, poderíamos fazer mais uma correlação com a teoria de *performance* e *performatividade* vista no capítulo anterior (BUTLER, [1990] 2003; [1993] 2020).

¹⁰³ Não necessariamente é o que vai acontecer, pode ser que a menina desista de sua investida sexual ou que ela persista em sua busca pela masculinidade. (CHEMAMA, 1995, ROUDINESCO & PLON, 1998).

O menino, entre seus 2 e 3 anos, dá início a suas investidas sexuais principalmente ao descobrir que o órgão sexual é fonte de prazer, manuseando-o de forma voluptuosa, encontrando ali sua forma de satisfação. O corpo do pai e o da mãe também se tornam alvo das investidas sexuais da criança, as quais precisam ser redirecionadas para outras instâncias. No estágio pré-edípico, para Freud, há a identificação do menino com a imagem do pai, um tanto quanto ambivalente, porque ao mesmo tempo que é o pai herói e viril, é também o vilão e adversário. O complexo de Édipo se instaura quando a lei (o pai) determina para o menino que ele não pode extravasar seus impulsos sexuais na mãe, forçando-o a buscar outras formas de identificação para dar vazão à sua pulsão. Ressaltamos que muitos confundem pulsão sexual com sexo. A pulsão pode ser extravasada de outras formas, como, por exemplo: vendo uma flor, apreciando uma comida. E é nessa busca por outros repertórios de significantes que funcionem como um invólucro, um corpo materializado, uma superfície de aderência do gozo que se destina a missão do Édipo. Lacan nomeia o Édipo como “*nome-do-pai*”, momento em que o indivíduo sai de sua primitividade (dar vazão à pulsão apenas pelo sexo e se sexualizar igual bicho) e se insere na Cultura, no campo do Simbólico. (FREUD, 1905; CHEMAMA, 1995, ROUDINESCO; PLON, 1998) Ou seja, “se a sociedade humana, como sublinha Lacan, é dominada pelo primado da linguagem, isso quer dizer que a função paterna não é outra coisa senão o exercício de uma nomeação que permite à criança adquirir sua identidade (ROUDINESCO & PLON, 1998, p. 542).

É propício salientar que a função paterna é tão simbólica quanto seu efeito. Em outras palavras, o pai não se encontra no corpo com pênis. Qualquer configuração de corpo pode assumir este papel-função. Para a discussão que queremos trazer aqui, “o mais importante não é sobre a presença de um pai, quer seja ele biológico ou não, mas, sim, do Outro, que tanto pode estar ancorado no pai quanto nos irmãos, avô, avó ou quem quer que seja” (AMAZONAS & BRAGA, 2004 *apud* MOREIRA & BORGES, 2010, p.72).

Uma crítica que Lacan faz a Freud é sobre a atribuição de valores morais e religiosos ao complexo de Édipo. Lacan o subverte ao dizer que o Édipo se reduz ao falo como significante, ou sua falta na castração, o que prepara o indivíduo para a vida adulta e o convívio social (CHEMAMA, 1995). De um modo mais expandido:

Para a teoria psicanalítica de Freud, o momento crucial da constituição do sujeito situa-se no campo da cena edípica. Dessa forma, o Édipo não é somente o complexo nuclear das neuroses, mas, também, o ponto decisivo da sexualidade humana, ou melhor, do processo de produção da sexualidade. Será a partir do Édipo que o sujeito irá estruturar e organizar o seu vir-a-ser, ou acontecer

psíquico, sobretudo em torno da diferenciação entre os sexos e de seu posicionamento frente à angústia de castração (MOREIRA & BORGES, 2010, p.72).

Diante do já posto podemos falar de algumas questões relativas à sexuação.

3.4 É menino ou menina? Independente do que seja, “não há relação sexual” ...

Podemos começar este tema com a ideia de identidade/semblante rumo ao cerne do apontamento de Lacan de que “*A mulher*” não existe. Partimos de Robert Stoller.¹⁰⁴

A empreitada de Stoller, em 1968, foi buscar evidências nas áreas da Biologia, Psicologia e Sociologia que dessem conta de mostrar como homem e mulher se constituem, trazendo à baila questões de sexo e gênero. A partir das perspectivas biológica e cromossômica sobre os órgãos atribuídos a cada corpo, das possíveis anomalias que levam sujeitos a terem dois sexos, ele indaga sobre questões psicológicas que conduzem o sujeito rumo à constituição de uma *identidade de gênero*. Para Stoller, o contexto de influência dos pais dita o modo como a criança irá se ver. Ainda que uma criança nasça XO, neutra em nível cromossômico e sem útero, Stoller afirma que cabe aos pais atribuir a identidade “normal” feminina, por escolha escópica. O que intriga Stoller, e inclusive Freud em seu trabalho “*Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*”, são questões como a homossexualidade em corpos ditos “normais”. No caso da transexualidade, alvo desta pesquisa, a disforia de gênero aponta que o sujeito não se reconhece no corpo em que está, exigindo a adequação através de cirurgias de redesignação (FREUD, 1905; CHEMAMA,1995). Entretanto, há casos em que a readequação se faz necessária não pelo sujeito, mas por uma questão de laço, porque

existem muitos homens transexuais que desejam realizar mastectomias apenas porque o colete compressor machuca, porque os seios os “denunciam” e por isso sentem medo de sofrer represálias onde circulam (quando isto não ocorre realmente) ou não conseguem entrar em banheiros públicos nem masculinos nem femininos. Igualmente alguns alegam a necessidade de hormonioterapia não pelo incômodo com o corpo, e sim pela dificuldade de reconhecimento social no gênero masculino (TENÓRIO & PRADO, 2016, p.45).

¹⁰⁴ Autor do livro “*Sex and Gender*” (1968).

Para Lacan, no seminário 18: “*de um discurso que não fosse semblante*”, a identidade de gênero é uma questão de **semblante**, já que

para o menino, na idade adulta, trata-se de parecer-homem. É isso que constitui a relação com a outra parte. É à luz disso, que constitui uma relação fundamental, que cabe interrogar tudo o que, do comportamento infantil pode ser interpretado como orientando-se para esse parecer-homem (1970-1971, p.31),

Essa asserção corrobora Butler ([1990]2003; [1993]2020) quando afirma que aprendemos roteiros de performance, ou Beauvoir (1949) com seu aforismo de que não se nasce mulher, torna-se.

Para Lacan, mostrar para o outro que se o é isso ou aquilo é uma questão de semblante, daquilo que eu espero que o outro capture de mim. Ele aborda que essa exibição do semblante está no reino animal e não seria diferente com o menino e a menina. A exibição, ele prossegue, resulta numa copulação de ordem sexual e que também traz em si traços de identidade (LACAN, 1970-71, p. 31), “fato de se reconhecer e ser reconhecido como pertencentes a um sexo” (CHEMAMA, 1995, p.99).

O semblante, para Lacan (1970-71), se constitui no bojo do discurso e nele tem seu efeito, um esforço que às vezes escapa ao se deparar com o real, como também diz Butler sobre a performance. Butler ([1990]2003, [1993]2020) nos mostra que a performance não é contínua, ela sempre permite que o sujeito deslize e algo emerja de sua singularidade. Por exemplo, o “machão” que flerta com o colega novo do trabalho de modo inconsciente, mas logo interdita para não desfazer o semblante de macho-hétero, ainda que um pleonasma, para que o outro não note traços de homossexualidade em sua performance, não o identifique com o feminino, o passivo. Atenha-se caro leitor, ao fato de que o falo representa o poder. Não conseguir sustentar o semblante leva a alguns efeitos, como dirá Lacan, de *passagem ao ato*, e violação do corpo, seja do homem sobre a mulher ou vice-versa. Ou, também, um pouco menos agressivo, o *acting out*, que implica na materialização do semblante na cena, se provar macho, dar prova de suas paixões (LACAN, 1970, p. 31-32).

O falo enquanto forma de gozo articula-se a um semblante, a uma *identificação sexual*. A Cultura, nesse processo, vem para mostrar à menina que existe o menino, e para o menino que existe a menina, não por uma questão de gênero identitária, mas por uma questão de um poder completar o que falta no outro, uma vez que ambos já foram completos para si mesmos, mas em um fase pré-edípica. O que se ensina, contudo, ao menino e à menina é que ambos devem buscar a parte que falta para poderem gozar; o Édipo é a lei que determina essa

dinâmica de busca, ou, como forjou Lacan, o *Nome-do-pai*. (LACAN, 1970; CAMARGO, 2009).

Lacan (1970-71) também define a mulher como a “*hora da verdade*” (p.33) para o homem, no sentido de que é ela quem confirma/afirma seu semblante. Simplificando, quem diz que o homem é “macho de verdade” é a mulher. Como diz Lacan: “É certamente mais fácil para o homem enfrentar qualquer inimigo no plano da rivalidade do que enfrentar a mulher como suporte dessa verdade, suporte do que existe de semblante na relação do homem com a mulher.” (LACAN, 1970-71, p.33). Em suma, o que Lacan quer estabelecer é que o semblante também é uma forma de gozo, mas que também instaura um mal-estar porque o homem só goza de seu semblante a depender do saber que a mulher tem sobre ele. Se o falo é sinônimo de poder, cabe à mulher dizer se o falo que o homem tem é poderoso de fato, ou não. O medo de perder o falo pode ser compreendido também como o medo do homem de perder sua potência, seu semblante de potência diante da mulher. O que não acontece na mesma proporção com a mulher, já que “quando se trata de uma mulher, não é a mesma coisa, porque a mulher tem uma enorme liberdade com o semblante. Consegue dar peso até a um homem que não tem nenhum.” (LACAN, 1970, p.34). Nesse mesmo seminário, Lacan desliza para outro tema, o de que não há relação sexual. O que há é uma relação com o *objeto @*, causa de desejo. O corpo do outro é onde me aventuro, mas nunca gozando dele todo, sempre em partes: goza-se de um pé, de um pênis, do cheiro. O gozo, portanto, é sempre parcial e há sempre um empuxo ao *mais-de-gozar*.¹⁰⁵ Chegamos, portanto, ao ponto de organização sexual, a escolha do modo de gozo que Lacan descreve com a fórmula da sexuação.

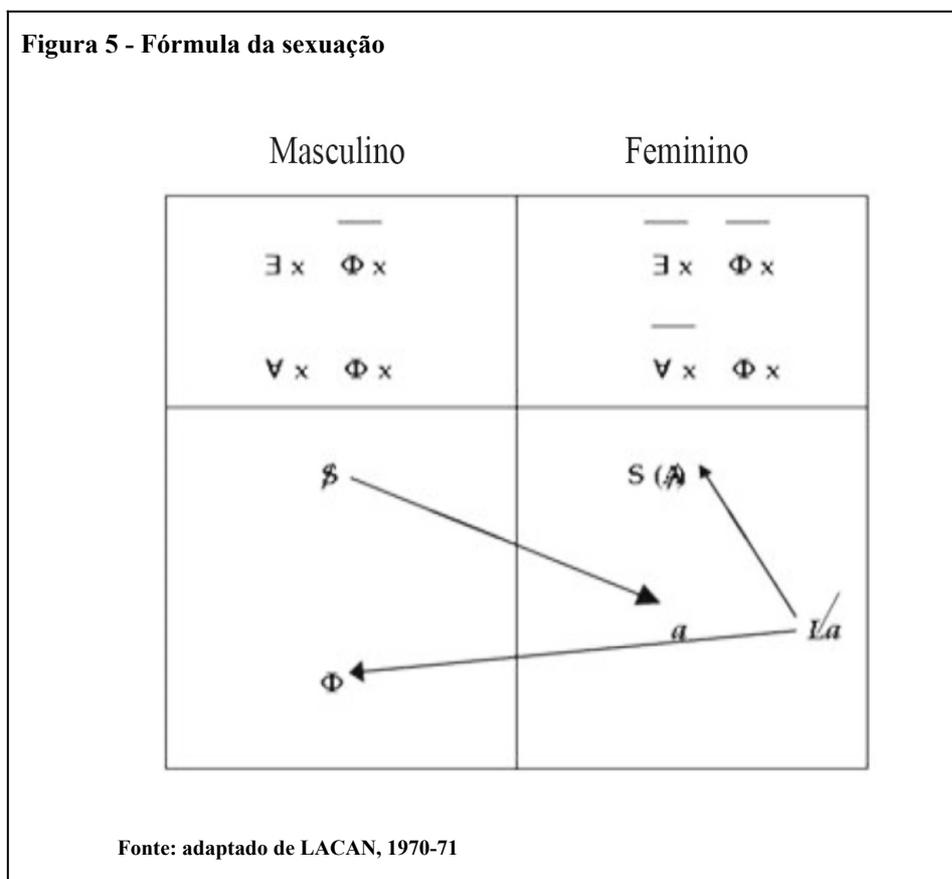
Lembre-mos que Freud¹⁰⁶ nos mostra que o processo de organização sexual infantil se inicia na fase anatômica, no modo como a criança enxerga o corpo, principalmente no caso das meninas, por acreditarem que há mulheres com pênis, que não passaram pelo processo de castração. O falo é, portanto, a inscrição do sexo no campo do simbólico e no inconsciente infantil, e nele só existe a díade falo e castração. Percebe-se que a feminilidade não existe,

¹⁰⁵ A título de curiosidade, na “caçada” pela mulher ideal que complete sua falta, Freud estabeleceu alguns critérios que descrevem o gosto do homem: 1) deve haver uma terceira pessoa que se afetará com o processo, outro homem; 2) a mulher não pode ser pura e casta. Algo de seu semblante deve indicar traços de imoralidade; 3) a mulher deve manter-se íntegra em sua fidelidade com o homem e ser uma “puta” na cama. Ou seja, “recatada e do lar” para os amigos e voluptuosa com seu marido; 4) o homem deve sentir que está salvando a mulher amada, e que sua presença na vida dela resguarda sua moral. As mulheres, por sua vez, são narcisistas, quando assumem o modo de gozo não-todo, e querem ser servidas, o que aguça o desejo do homem que renunciou a seu narcisismo em busca de seu objeto de amor. O homem passa a se questionar sobre o amor da amada quando ela transfere seu narcisismo para os filhos (RIBEIRO et al, 2015).

¹⁰⁶ “*A organização genital infantil*” (1923).

não possui um suporte no inconsciente, uma vez que o Édipo fabrica apenas o homem (RIBEIRO et al, 2015), o que nos leva à máxima de Lacan de que “*A mulher*” não existe.

Vejam os:



A fórmula proposta por Lacan não diz respeito ao sexo biológico mas sim ao modo como cada indivíduo responde à ordem fálica. Passemos agora para a leitura de cada quadrante:

Quadro 2 - Interpretando a fórmula da sexuação

Fonte: adaptado de LACAN (1970-71)	Homem	Mulher
QUADRANTE 1	<p>Linha 1: Existe “<i>O Homem</i>” que não se fixa na ordem fálica/ não submetido à castração.¹⁰⁷</p> <p>Linha 2: Para todo Homem há a inscrição da função fálica.</p>	<p>Linha 1: Não existe “<i>A Mulher</i>” que não esteja submetida à ordem fálica/ que não seja castrada.</p> <p>Linha 2: Para não-todo sujeito há a inscrição da função fálica/ castração.</p>

¹⁰⁷ Para que a regra se estabeleça, de que todo homem segue a função fálica, precisa haver um que não o seja. Toda regra precisa de sua exceção para ser uma regra. Em “*Totem e tabu*” (1913), Freud mostra que Deus, o pai da ordem primitiva, ocupa este lugar. Portanto, para o homem, tudo é o falo, uma potência e o medo de perdê-la.

QUADRANTE 2	Da seta que parte do masculino para o feminino, temos $\$ \langle \rangle a$, a fórmula da fantasia que indica que o homem se relaciona com partes da mulher, que possa montar a fantasia; uma relação de fetiche.	Da seta que parte do campo da mulher para o homem, mostra que ela entra na ordem fálica para também ter o gozo fálico. Já a seta que parte do próprio campo para o S (A-barrado) mostra um gozo suplementar, místico, um gozo Outro.
--------------------	---	---

Dizer que “A mulher” não existe quer dizer que não existe no inconsciente uma estrutura de poder que ele reconhece como autoridade. Seria como dizer para uma Cultura monoteísta que na verdade existem dois Deuses e que a sociedade será separada de acordo com o Deus que você escolher seguir. O inconsciente não serve a dois senhores, a duas estruturas de lei distintas. Só há uma única lei: o falo. Quem determina o falo como modo-de-gozo, seguirá um caminho específico sintomático e de relação com o Outro; Quem escolher ser não-todo fálico, seguirá outro perfil de modo-de-gozo e, conseqüentemente, outra forma de sintomas e de abordagem ao outro sexo. Ou seja, ou você acredita que a vida é o falo e fará de tudo para não perder o falo (se manter no poder), ou você passa sua vida querendo ter o falo (o poder) e se enxerga de modo passivo, não-todo e que goza de outras formas por se sentir castrado. Ter o pênis ou ter vagina não determinam o modo como o inconsciente dita o modo de gozo. O problema é que atribuiu-se o modo-de-gozo não-todo ao corpo com vagina, autoritariamente.

O que há no inconsciente de modo fixo é masculinidade com ou sem falo (ativo ou passivo), modo-de-gozo-homem e modo-de-gozo-mulher. O **modo-de-gozo-mulher** não está preso no “cercado” do falo porque não se prende a ele; o falo lhe faz barra, como um significado que não se fixa a um significante. Já o **modo-de-gozo-homem** circula no cercado do falo e, portanto, não ex-siste fora dele. O modo-de-gozo-mulher, por sua vez, navega tanto pelo universo do falo, quanto fora dele. Podemos concluir, também, “que a mulher é sintoma do homem, já que é por meio dela e com ela que o homem, como sujeito, goza do inconsciente” (RIBEIRO et al, 2015, p. 83).

Historicamente, os modos de gozo foram atrelados às identidades de gênero mulher e homem, gozo fálico e não-todo. Entretanto, quando enunciamos homem e mulher no discurso psicanalítico, não estamos enunciando construtos sócio-históricos, mas modos de gozo. A mulher, por mais que ela não esteja submissa ao falo como o homem, por mais que ela tenha

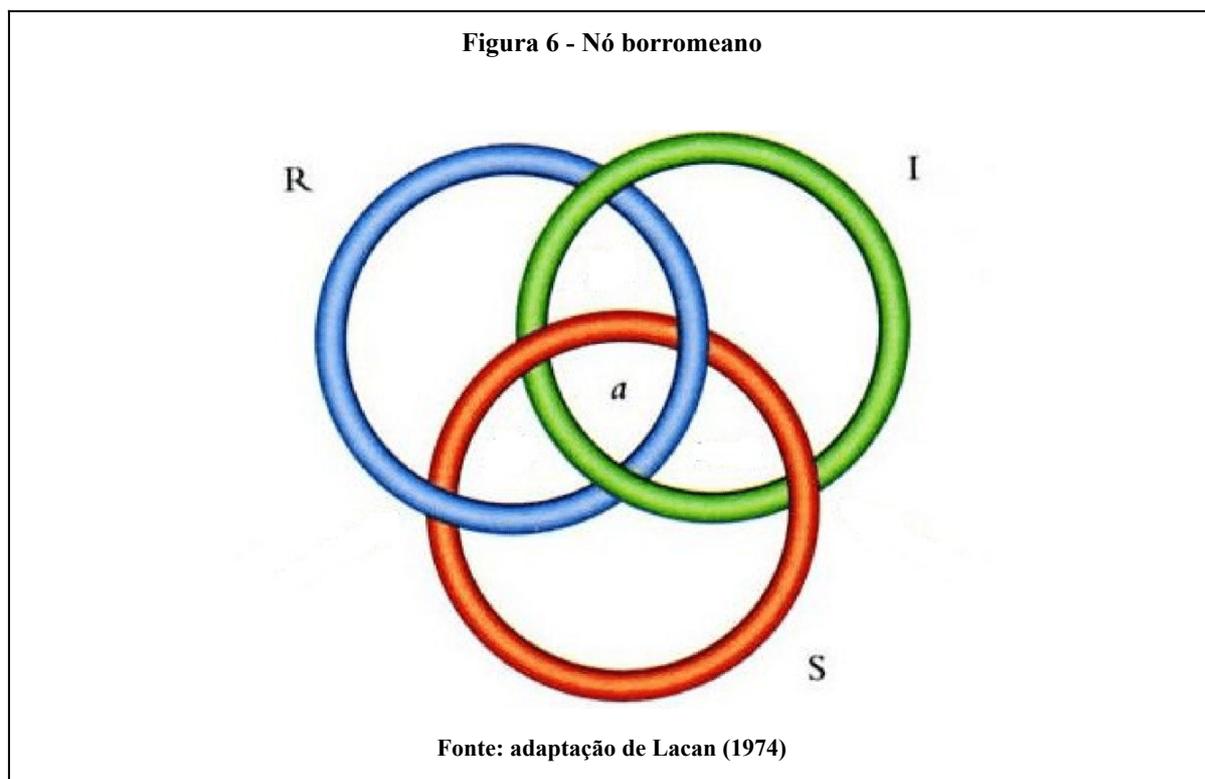
mais liberdade que o homem de gozar por outras vias, isso não indica que não há função fálica na mulher, que ela não se assujeita ao “*nome-do-pai*”. A função fálica é basilar na constituição do sujeito porque estrutura as neuroses e permite ao sujeito questionar-se o que lhe falta. Ou seja, a função do “*nome-do-pai*” é tornar o sujeito desejante.

No seminário 23, Lacan (1975-76), fala sobre as soluções que James Joyce encontrou para dar conta do “*nome-do-pai*” falho, que não conseguiu se estruturar enquanto lei. Joyce será um exemplo de *sinthoma*, conceito que abordaremos melhor após compreendermos como o inconsciente se manifesta na sua relação com o *objeto @*.

3.5 Como o inconsciente se manifesta?...

Vimos que é no *estádio do espelho* que o Ego se forma, que o sujeito compreende que não é uma extensão do corpo da mãe, formando, assim, um imaginário de si, a imagem narcísica diante do espelho. Passamos, também, a compreender que o inconsciente não se vê e que a linguagem é como uma barreira entre o Eu e o Outro. Já no complexo de Édipo, o sujeito busca formas de satisfazer a pulsão (gozar), mas o gozo não pode ser satisfeito ao bel prazer. Édipo é a lei que domestica o gozo, nomeada por Lacan como *nome-do-pai*. Dessarte, podemos adentrar as questões sobre RSI (Real, Simbólico e Imaginário) e o modo como significamos nossa falta na cadeia significante.

Precisamos partir do ponto de que a falta quer ser simbolizada. Lacan estabelece no seminário 11 (1964-1965) a falta como *objeto @*, com essa dupla face da certeza e da dúvida, esse horizonte inalcançável que, de modo jocosos, faz com que *o cachorro continue perseguindo o próprio rabo*, mas nunca o alcance. Quando acha que alcançou, não se satisfaz, saindo em busca de outro objeto que tampone sua falta. Uma vez estabelecido o modo-de-gozo e de *sinthoma* do sujeito, essa lei que o torna Um, com que armas ele sai em busca da matéria-prima para seu gozo, *objeto @*? É através do RSI, ou nó borromeano, articulado por Lacan com maior afínco no seminário 22 (1974-1975). Vejamos:



É pelo nó borromeano em torno do *objeto @* que o sujeito tenta dar sentido à sua falta. Pelo **imaginário**, tentando atribuir-lhe sentido; pelo **simbólico**, uma vez que o duplo sentido é uma característica desse e o significante não se fixa em um único sentido; pelo **real**, que emerge da relação com o **simbólico** desvelando o equívoco, o não sentido, ou a falta dele (TFOUNI et al, 2017; JORGE, 2008). A linguista Bethania Mariani (2008), citada por Tfouni *et al*, (2017, 142), traz com clareza esta questão

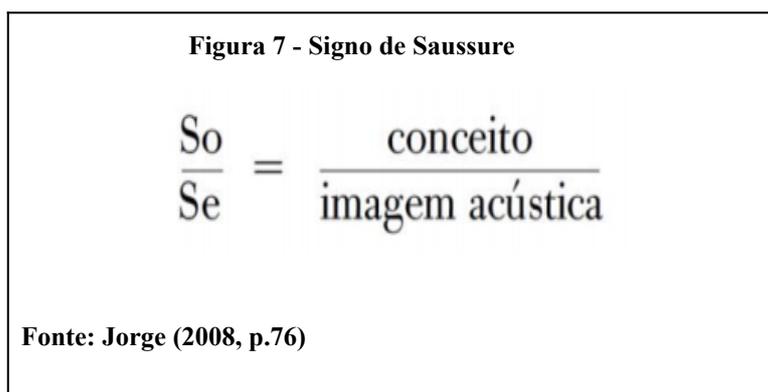
[...] na falha da cadeia significante encontramos o real articulado no simbólico, inscrito nessa cadeia: o real promove a escrita da falta de um significante e, paradoxalmente, é inapreensível, não se dá a ver, a escutar, não se apreende, escapa sempre. O real só é apreensível pela via do imaginário, pelas tentativas de produção de sentidos que dão conta dessa falta (de um significante) que nos funda como sujeitos.

Como bem diz Lacan, "só há causa para o que manca" (1964, p. 27), e o inconsciente se manifesta aí, no que manca, no que escapa indomado (NEVES, 2021). Não temos acesso ao inconsciente e não temos controle sobre ele. De modo kairológico, ele se manifesta quando quer, por ser este o Outro que nos habita.

Tfouni (2017), Mariani (2008), Neves (2021) são pesquisadoras dentro do campo da Linguística e da LA que acionam em seus trabalhos não apenas a Psicanálise, mas também a

AD Pecheutiana. Pêcheux, por sua vez, busca referência na Psicanálise para dar conta da crítica que estabelece aos trabalhos dos linguistas de sua época que, como Saussure, tentam anular o equívoco da língua, apagar a marca do **real**, estabelecendo uma relação imaginária com ela. (TFOUNI, 2017). Cabe-nos trazer aqui a noção de significante de Lacan para darmos continuidade a nossa concatenação sobre RSI.

Sabe-se desde Saussure que dois interlocutores que possuem a mesma língua enquanto convenção suscitam uma imagem acústica de dado conceito na psique, seguida de sua materialização na fala (1999). A imagem acústica se refere ao significante, uma parte do signo que se completa com seu significado, a ideia acionada na fala. Nessa lógica de Saussure (1999) significante e significado estão atrelados ao signo fixamente, respeitando o estruturalismo linguístico de dada língua que estabelece seu valor na relação com os outros signos (ANDRÈS, 1996, p.472; ROUDINESCO & PLON, 1998, p.708). A representação do signo para Saussure se dá da seguinte forma:

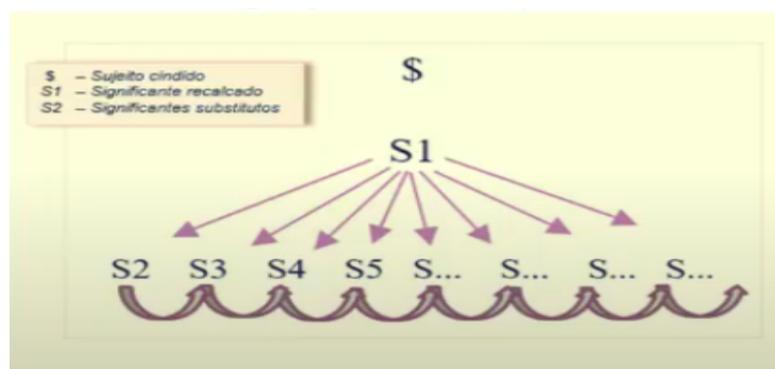


Para demonstrar o conceito de Inconsciente (Ics) da segunda tópica de Freud (do Eu, Supereu e o Isso) Lacan se apoia no estruturalismo linguístico de Saussure e dele se vale para conceito de significante ao dizer que seu significado é volátil, desconectado, não fixo, subvertendo, assim, a ordem saussuriana. Desse modo, a posição entre significado e significante é invertida e o significante passa a estar desprovido de significação, ainda que decisivo enquanto função dentro do discurso, principalmente em relação ao destino do sujeito do Ics. Lacan n'*O seminário, livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*, apresenta o Ics como uma estrutura que se organiza já antes mesmo de qualquer vivência no social. E na entrada do sujeito no campo da linguagem, este buscará apreender significantes no campo do Outro, inaugurando, assim, as relações humanas. Ele quer mostrar com isso que

o sujeito do Ics é integralmente privado de controle sobre a linguagem e será no processo de significação, relação entre significante e significado, que algum sentido lhe será atribuído através da linguagem. Este processo é fortuito porque o significante recebe diferentes significados ao deslizar pela cadeia significante. (LACAN, [1964] 2008; TFOUNI, MONTE-SERRAT & PEREIRA, 2012).

Não confundamos o sujeito que enuncia com o sujeito do enunciado, sendo o último o que se refere ao Inconsciente. O Inconsciente se manifesta nos "enunciados para além do que é evidenciado em seu dizer, seja pela falta, pelo resto, ou pelo o que escapa indomado" (NEVES, 2021, p.402). Portanto, para Lacan "o equívoco, na língua, é a via pela qual o sujeito existente pode ex-sistir ao enunciado, ao dito, sendo no ato, sujeito do Inconsciente" (SOUZA, 1985, p.16). E como dito anteriormente, o sujeito desliza na cadeia significante, e o fará pela via do Simbólico porque não cessa em querer se inscrever, se simbolizar. O campo do Outro será este paraíso dos significantes em que busco dar sentido à minha falta, uma relação que Lacan chama de *falta-a-ser* (CAMARGO, 2009). Vejamos como se dá o deslizamento na cadeia significante:

Figura 8: Deslizamento Cadeia significante



Fonte: Franco (2016)

Na representação acima temos o S1, o significante mestre e primeira experiência de gozo que tentará se simbolizar mais uma vez, mas nunca da mesma forma. Sendo sempre uma cópia não satisfeita, ela ficará insistentemente se inscrevendo no S2, o saber do campo do Outro. E por não se satisfazer numa representação definitiva, o S1 desliza pelo S2, S3, Sn de forma infinita. Trazemos aqui uma definição já abordada anteriormente sobre o Outro para que consigamos compreender melhor sua ação no S1:

[a] categoria do Outro percorreu toda a Filosofia e de maneira alguma poderia passar despercebida por Lacan, que a aborda durante toda a sua obra, pois que ela não é unívoca durante o seu ensino, passando por diferentes significações, dependendo do contexto em que está inserida. [Temos, portanto] ... o Outro como lugar do inconsciente, o Outro como objeto causa de desejo, o outro do laço social e o Outro como o Outro sexo, portador de um gozo Outro, barrado ao sujeito na posição masculina. Em todas as variações do Outro, ou do outro, está presente ora uma relação de amor, ora uma relação de desejo, ora de gozo (MOREIRA, 2017, p.9).

Retomando a discussão sobre RSI e o equívoco na língua, relembramos o caro leitor que o equívoco é uma marca do Inconsciente, e é por ele que seu sujeito escapa, no encontro do que um significante é para outro significante. O equívoco “como constituinte da cadeia significante inconsciente, é sustentado pela pulsão, revelando a fala do desejo, sendo, portanto, uma fala marcada pela incompletude” (TFOUNI, 2017, p. 143). Em outras palavras, a pulsão nunca é totalmente satisfeita e, por isso, a incompletude. Já o sujeito desejante, este nunca está satisfeito com o sentido, com o efeito do significante que lhe foi atribuído na significação, exigindo sempre outros sentidos, tornando o processo sempre incompleto, provisório, nunca definitivo.

O **real**, portanto, transita na língua, o que marca como pedra fundamental a incompletude desta e do sujeito (TFOUNI, 2017, p.143). Pêcheux diz que o real está:

[...] no interior do que se apresenta como universo físico-humano (coisas, seres vivos, pessoas, acontecimentos, processos...), ‘há real’, isto é, pontos de impossível, determinando aquilo que não pode não ser assim. (o real é o impossível... que seja de outro modo). Não descobrimos pois o real, a gente se depara com ele, dá de encontro com ele, o encontra (PÊCHEUX, 1997, p. 29 *apud* TFOUNI, 2017, p. 143).

O que esta citação nos elucida, de modo metafórico, é que o real é uma “*massa de modelar*” que pode assumir formas a partir do simbólico, do Inconsciente. O real é a força criativa, uma hiância de onde tudo pode passar a ser, sempre podendo ser outra coisa. O problema é que para um processo civilizatório, não tem como se criar do zero uma civilização a todo momento. A massa de modelar passa a ser um gesso endurecido, com sentido fixo. Vez ou outra vem alguém e joga água nesse gesso para tentar mudar alguma parte dessa forma enrijecida; às vezes com êxito, às vezes nem tanto, baixo críticas, represálias e fobias, como no caso da cis-heteronormatividade.

Temos aqui o que Pêcheux define como Ideologia (1969) manifestada em múltiplos discursos, em múltiplas águas de onde um sujeito pode emergir sujeito; aquilo que resiste à ordem simbólica, congelando a vida numa grande ficção imaginária. O que rompe a ficção é justamente o equívoco, a água que amolece o gesso, que evidencia que nada é estático, nada tem um sentido definitivo, nada é completo; é o deparar-se com o real que Pêcheux traz na citação anterior.

Lacan chamará essa manifestação do inconsciente pelo equívoco de “*lalangue*”¹⁰⁸, a língua da lalação do bebê que quer falar antes mesmo de fazer qualquer sentido, “um cruzamento entre a palavra e a linguagem” (CHEMAMA, 1995, p.103). Ele diz que

Eu faço *lalangue* porque isso quer dizer lalala, a lalação, ou seja, é um feito muito precoce do ser humano fazer lalações, assim, basta apenas ver um bebê, escutá-lo, e verificar pouco a pouco que há uma pessoa, a mãe, que é exatamente a mesma coisa que *lalangue*, exceto que se trata de alguém encarnado que lhe transmite *lalangue* (LACAN, 1974, s/p, *apud* TFOUNI, 2017, p.146).

Como já articulado, é no campo do Outro que o sujeito buscará significar sua falta, desde o Édipo, inserindo o sujeito na Cultura de modo que ele busque outros objetos com que se identificar, para além do corpo da mãe e o corpo do pai. Passemos agora para a noção de *falasser*.

3.6 - Sujeito do significante, Sujeito do gozo, Sujeito do desejo e Falasser...

Caro leitor, esperamos que esteja claro até aqui que o nó borromeano, nunca estático, corresponde ao modo como interagimos com o *objeto @*. Também importante, o inconsciente se estrutura como uma linguagem que quer *ex-sistir* ao enunciado através da língua (*lalangue*) nos equívocos. Todavia, isso se dá a partir do não-sentido do **real** que tenta se simbolizar, mostrando que o *objeto @* possui duas faces, aquela que se atribui um sentido provisório, e aquela que ainda não passou pelas nomeações do verbo (hiância), como a lua que possui uma face aparente e uma outra a qual não vemos.

¹⁰⁸ Seminário “O saber do Psicanalista” (1971-72). Equívoco que acontece por ocasião do encontro de dois significantes “Laplanche”, autor de dicionário de psicanálise e “Lalande”, dicionário de francês” (TFOUNI, 2017, p.146).

Entretanto, parar nessa reflexão aqui é supor que o **real**, “*a massa de modelar*” que metaforicamente descrevemos na seção anterior, modela-se sozinha a partir do vazio do não sentido do **real**, que o não-sentido é o ponto de partida que propulsiona o desejo de materializar a cena, seja ela qual for. De modo mais claro, o **real** não é a faísca inicial, a pederneira que dá início a tudo; não é da “*falta-a-ser*” (LACAN, 1956) que nosso *vir-a-ser* se iniciou. O **real** é da ordem da linguagem, o inconsciente é uma linguagem, um saber. E houve um momento na história de todo e qualquer ser humano em que o inconsciente não existia; o inconsciente já foi “Pangeia”, digamos. Ou seja, houve um momento em que nós não procurávamos nos significar no campo do Outro, porque o “Eu” e o Outro materializado na mãe eram a mesma coisa. O bebê e a mãe já foram a mesma coisa.

Lembre-se, caro leitor: nós só temos de nosso o S1, a primeira experiência de gozo. Supor que temos um S2 ao nascer é dizer que o sujeito nasce com Cultura. Nada do que vem depois do S1 é nosso. O inconsciente, portanto, é um reservatório de saberes Sn infinitos TODOS vindos do campo do Outro, entregues no laço com o Outro. Nesse tempo, sem Inconsciente, quem demanda o gozo, já que a demanda do Outro só aparece com a entrada na linguagem? O corpo e suas pulsões. O corpo é o veículo do ser. Nessa fase sem Inconsciente, a única coisa que queremos é sentir prazer, e o fazemos de forma una: via corpo da mãe ou através do auto-erotismo. *Eu-corpo-que-gozar + mãe = 1 corpo só = S1*, já que não existe linguagem ainda para deslizar a mãe na cadeia significante para longe do bebê.

No estádio do espelho, na formação inconsciente, a busca pelo S1 no S2 (campo do Outro) é o nosso desejo de tornar o nosso corpo uno com a mãe de novo, é o nosso desejo de voltar a ser Pangeia de novo. Por que? Porque o CORPO quer gozar. E agora, se ele quiser gozar, vai ter que se haver com o Inconsciente para lhe ajudar, e não mais se valer da mãe. Mas que movimento é este?

Entrar na linguagem é fazer o filho se voltar para a vida, se socializar, fazer laço com o que é diferente dele. A linguagem faz com que a criança perceba que sempre houve o outro-corpo, e que o outro-corpo não é ela. Uma vez adentrado na linguagem, não há mais volta. Não há como voltar para o corpo da mãe, para o S1, ou fazer-UM, como diz Tfouni:

O real se manifesta no equívoco e revela ao sujeito sua incompletude constitutiva, interditando a esse sujeito o fazer-UM com a língua; esse não fazer-UM relaciona-se diretamente com duas máximas lacanianas: “não há relação sexual” (pois o desejo nunca pode ser satisfeito, afinal o objeto do desejo é uma ilusão) e “não existe metalinguagem” (nada pode ser dito fora da linguagem e, tudo não se diz). Incompleto e sem conseguir fazer-UM, o sujeito continua a

desejar um objeto ilusoriamente perdido e que é trazido a todo o momento no discurso (2017, p. 154).

Buscar o S1 (agulha) no S2 (palheiro) é a *pulsão de vida* localizada no nó borromeano entre o Real e o Simbólico, naquilo que faz equívoco. Encontrar a agulha (dar um nome, uma palavra, um sentido definitivo ao S2) é a *pulsão de morte* localizada no encontro do Simbólico com o Imaginário. Por isso, é obrigação do inconsciente dizer que a agulha encontrada (S2) não é a certa (S1), o que leva o sujeito a buscar a correta no palheiro (Sn - discurso - Outro) de novo, mas nunca encontrá-la.

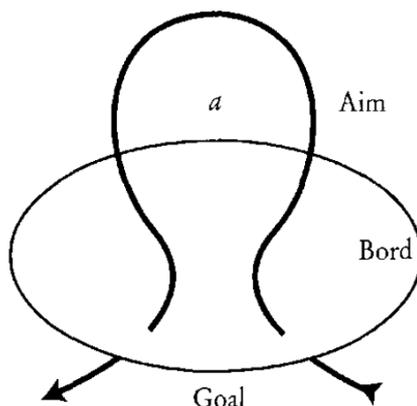
Pulsão (*Trieb*), descrita por Freud (1915) é sempre parcial e onipresente, recalcada ou manifesta. A pulsão possui uma fonte (oral, anal) que se direcional a um alvo na resolução de um conflito no interior do sujeito. Freud mostra que o destino da pulsão sexual não é apenas a reprodução. Isso é uma crítica à ideia de pulsão como instinto, no sentido animalesco, de cio, desconstruindo qualquer tendência normativa que atrela sexo à Cultura e à moral. Anterior a concepção de *pulsão de morte e vida*, Freud apresentava as pulsões como sendo *sexual e de auto conservação*, ambas divididas em duas faces. Na face positiva temos: a) manutenção da espécie - sexual; b) se alimentar - autoconservação. Já na face negativa: a) colocar o indivíduo em perigo - sexual; b) narcisismo que privilegia o sujeito apenas e coloca a espécie em perigo - autoconservação. Ambas as faces são reguladoras da dinâmica subjetiva. Podemos acrescentar também a essa dinâmica a *pulsão objeto*, que visa a destruição deste, como, por exemplo, o desejo de explorar o corpo do outro, ou torná-lo objeto de uma satisfação libidinal. Freud denomina, portanto, a face positiva como *pulsão de vida*, e a negativa como *pulsão de morte*, primordiais para a vida psíquica do sujeito. De modo metafórico, a pulsão de morte é o que faz com que o sujeito “libere o ar da panela de pressão interna” e satisfaça o prazer; a pulsão de vida tira o sujeito do estado de inanição, do desejo de voltar a ser pó. (CHEMAMA, 1995; JORGE 2008). Resta-nos, agora, compreender como a pulsão se manifesta.

Já sabemos que a pulsão quer ser satisfeita e que sua satisfação não é completa por ser uma força constante no sujeito. O inconsciente (o Outro) é aquele que regula as pulsões, os desejos e demandas do corpo, permitindo ou reprimindo sua satisfação de acordo com a dinâmica de vida e morte, equilibrando o prazer sexual e a relação com a realidade e com outros sujeitos, também descrito por Freud como id e ego¹⁰⁹.

¹⁰⁹ Entretanto, essa relação é conflituosa, sempre uma tentando cobrir a outra. O sintoma emerge quando o sujeito não dá conta de resolver o conflito porque tanto **id** quanto **ego** demandam de forma intensa. O adoecimento pode ser um reflexo entre a satisfação da consciência moral e o desejo reprimido que seria visto no

Lacan descreve a pulsão no seminário 11 (1964-1965) como um circuito, representado da seguinte maneira:

Figura 9: o circuito da pulsão



Fonte: Lacan (1964-65, p. 169.)

Na imagem acima podemos ver que a pulsão tem um trajeto (*aim*) e um alvo (*goal*) que não necessariamente corresponde à coisa que estava diante da mira. O alvo, para Lacan, corresponde ao tiro, acertá-lo. A pulsão, portanto, nunca atinge o alvo (*objeto @*), sempre lhe faz curva e se satisfaz parcialmente, provocando, ainda, o empuxo para que se tente acertar o alvo novamente. É como uma criança que acabou de sentir o frio na barriga por descer a montanha russa e quer voltar para a fila e sentir a mesma sensação novamente¹¹⁰. A borda aparece quando a pulsão percorre seu circuito em torno do *objeto @*, alvo nunca atingido, dando-nos a certeza de que o *objeto do desejo* de fato não existe; o que vemos nesse circuito é o *objeto da pulsão* (LACAN, 1964-65, p.169).

Podemos nos direcionar agora às questões do *fallasser*, uma vez que já sabemos que a pulsão quer ser extravasada a partir da *lalangue*, em seus equívocos e incompletudes como marca do real, da face daquilo que não foi dito no dito. Sabemos, também, que a pulsão tem

social como errado. Podemos dizer que o Outro que habita o inconsciente é o manual de boas maneiras que o ego segue, mas o id nem tanto. A pulsão possui, portanto, alguns destinos: sua satisfação parcial e que volta para o próprio sujeito; a resolução do conflito direcionando para seu reverso, do id pelo ego ou do ego pelo id (silenciar a demanda um pelo outro); recalcar e não lidar com a cena por conta da rigidez do ego; sublimação que permite que o id descarregue seus desejos em outras formas de satisfação que não o ato sexual ou a agressividade. Por exemplo: jogos, atividades físicas, artes e ciências, estudos, etc. Para Freud, o sintoma é a formação de compromisso em que um dos lados deve ceder para que a vida continue seu fluxo (FREUD, 1915; TFOUNI 2017).

¹¹⁰ A repetição também é uma forma de satisfação da pulsão, o que indica que algo quer insistentemente se significar em todas as tentativas.

seu objeto, seu significante onde ela faz sua aposta, sua trajetória, e acaba não se satisfazendo toda.

Essa relação entre saber e gozo é da ordem da fantasia, cuja fórmula é $(\$ \Leftrightarrow a)$, que apresenta o sujeito do inconsciente barrado em uma dupla relação com o *objeto @*. O losango na fórmula apresenta uma relação de conjunção e disjunção, em que a conjunção representa o *sujeito do gozo*, e a disjunção o *sujeito do desejo*. Já sabemos que o sujeito do significante emerge diante de outro significante. Portanto, temos uma tripla relação em que sujeito do gozo (SG) entrega para o sujeito do desejo (SD) o sujeito do significante (SS). O SD, por sua vez, analisa os efeitos que aquele SS possui, porém exige do SG outro SS, já que nenhum efeito/significante será definitivo, último e derradeiro (CAMARGO, 2009).

Lacan, no seminário 20 (1972-73) volta-se para o sintoma por este conter o gozo e o desejo, colocando-nos diante de um corpo vivo que quer sentir prazer. Lembra-se, caro leitor, que anteriormente falávamos que no instante S1, localizado fora da linguagem, tudo era gozo? Lacan abandona a ideia de *falta-a-ser* para substituí-la pelo *falasser*, o corpo que goza na linguagem, que se apropria do significante para dar vazão à sua forma de gozo, uma vez que cada significante possibilita uma manifestação do gozo completamente diferente da anterior. Ou seja, cada significante possui sua *substância gozante*.

Agora podemos retomar o conceito de *sinthoma* que deixamos em aberto ao final da **seção 3.4**.

3.7 - A não-toda mulher trans...

Considerar os sujeitos como *falasser* foi um salto da Psicanálise freudolacanianiana. Vemos, agora, o corpo como aquele que busca palavras, significantes, sentidos que manifestem sua singularidade. O campo do Outro se tornou um grande “*self-service*” em que o *falasser* experimenta, degusta dos sentidos, dos efeitos de cada palavra e passa a ser, se (re)fazer a cada novo experimento; a fome por novas palavras, esta é insaciável e seu fundo está para fora da linguagem; uma cena que a psicanalista Gabriella Dupim recorta muito bem:

Permitir que o outro seja é uma demanda de amor... Aos 11 anos exigia que o cabelo não fosse mais cortado e que suas roupas fossem Unisex, ratificando que toda demanda é demanda de amor e que talvez a condição da fantasia fosse ser amada como única. Se antes o Unisex era a abertura para o não-binarismo, hoje cada um pode se *tra-vestir* como quiser de forma singular. (2022, s/p).

Lembre-mo-nos, caro leitor, que sexo e gênero deixaram de ser uma questão natural há muito tempo e passaram a ser uma questão discursiva: homem e mulher são semblantes. O que de fato interessa para a psicanálise não é o gênero, mas os modos de gozo.

Stoller (seção 3.4) caracteriza a *identidade de gênero* como um núcleo, a alma do ser, sua verdadeira face, que se forma também por imposição do Outro do discurso binário. O olhar de Stoller sobre o sexo estagna-se no segundo tempo do processo de sexuação, sendo o primeiro relacionado à anatomia. O terceiro tempo, não elaborado por ele, refere-se à escolha inconsciente que o sujeito faz, a eleição do sexo que ocorre na infância. Lacan, portanto, nos apresenta duas formas de lidar com o gozo: fálico e gozo Outro/não-todo. Não estamos aqui atribuindo formas de gozar do corpo com pênis e do corpo com vagina. Estamos falando do modo como o sujeito reage diante do *nome-do-pai*, podendo ser: neurose, perversão ou psicose. Na psicose, o sujeito não quer aceitar a realidade, tendo que lidar com o não sentido do real, o inconsciente a céu aberto da lei foracluída; na neurose e perversão, o sujeito tem dois caminhos: gozo fálico ou gozo não-todo fálico (místico / Outro). Sua escolha de modo de gozo indica o modo como o sujeito irá lidar com o Outro sexo (HENRIQUES & VIDAL, 2019, p. 1-2). Como bem resume Soler:

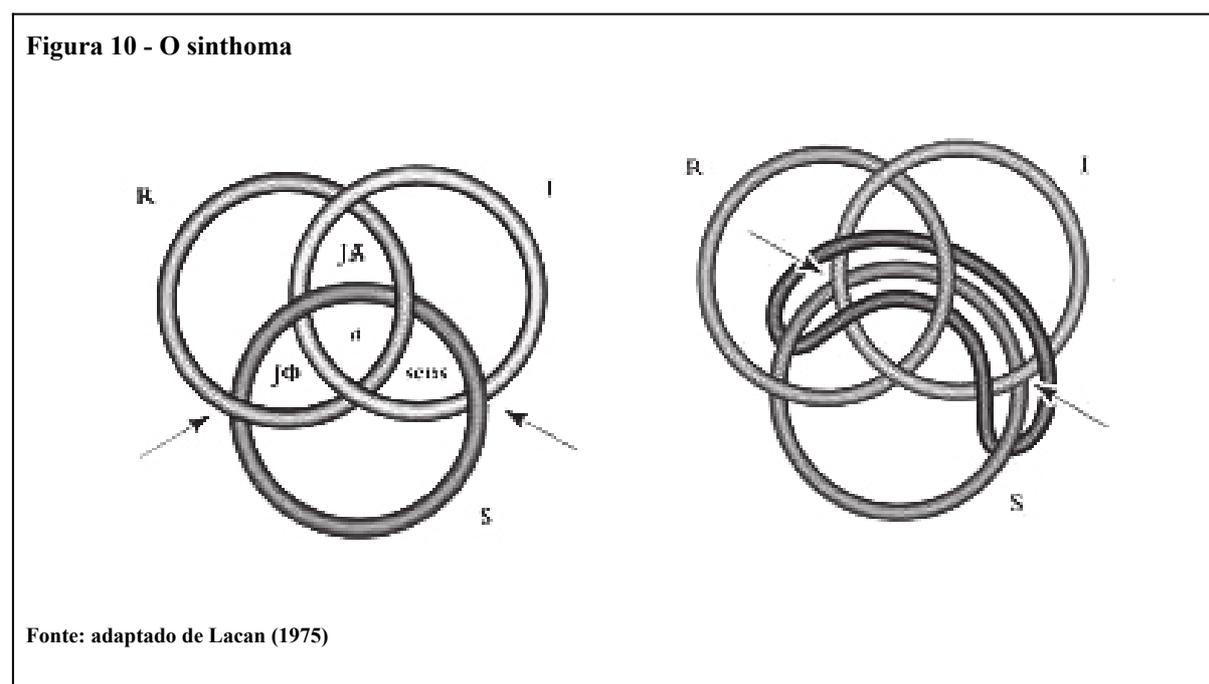
É homem o sujeito inteiramente submetido à função fálica. Por isso, a castração é seu destino, assim como o gozo fálico, ao qual ele tem acesso por intermédio da fantasia. É mulher, ao contrário, Outro, o sujeito que não está todo submetido ao regime do gozo fálico e ao qual cabe um outro gozo, suplementar, sem o suporte de nenhum objeto ou semblante. (2005, p. 138)

Portanto,

importa mais o gozo escrito via lógica da sexuação do que os semblantes de gênero, regidos pelas dimensões imaginária e simbólica, adscritos ao Outro social. Portanto, é com a sexuação que nos ocuparemos, já que uma análise impele o sujeito justamente a assumir a singularidade de seu ser de gozo, o nó de seu *sinthoma* (HENRIQUES & VIDAL, 2019, p. 1-2).

Lacan no seminário 23 (1975-76) se questiona dos porquês que fazem de Joyce um caso que não sucumbiu à psicose. Diante de suas produções literárias e de sua biografia, Lacan percebe que a imaturidade ou personalidade frustrante do pai de Joyce não teriam sido suficientes para servi-lo como *nome-do-pai*. Se o *nome-do-pai* for falho, o sujeito sucumbe, o corpo se despedaça, e o RSI (real, simbólico e imaginário) se tornam um campo aberto e imprevisível. O sujeito necessita de uma lei que o mantenha sociável. Diante disso, Lacan traz o *sinthoma* como marca singular do significante Um (S1) que está anterior à entrada do

sujeito no campo simbólico do inconsciente, o qual regula sua forma de gozo, e lhe serve como domesticação, como a lei. Joyce usa de sua linguagem para satisfazer a singularidade de seu gozo, enquanto *falasser*; conclui Lacan. Portanto, o nó borromeano deve possuir um quarto nó: o do *sinthoma*, da domesticação do gozo. O *sinthoma* é a singularidade do S1, o qual está fora do campo da linguagem, o vácuo do sentido, servindo-se do RSI e unindo-se a ele como enodamento para sustentar os três ao redor do *objeto @*. (LACAN, 1975-76; HENRIQUES & VIDAL, 2019). Vejamos:



A Psicanálise aborda a mulher trans através de seu *sinthoma*, causa de sintoma. Ou seja, o sintoma evidencia o *sinthoma* e o *sinthoma* causa sintoma no laço com o Outro. Passamos agora para o entendimento dos modos de laço apresentados por Lacan em seu seminário 17, “*O avesso da Psicanálise*”.¹¹¹

3.8 - Os 4 discursos de Lacan

O discurso como laço social, ao aparelhar o gozo com a linguagem, exige do sujeito uma renúncia pulsional no estabelecimento das relações. Ou seja, sempre haverá perda de

¹¹¹ Conferir anexo 4, p. 169.

gozo no enquadramento da pulsão resultante do laço social. Por isso, as quatro profissões ditas impossíveis (governar, educar, analisar, fazer desejar) geram um mal-estar (PENA, 2017). Pensar a Psicanálise como um furo no discurso universitário e da ciência significa, ao nosso ver, poder lidar com as singularidades, com os diversos modos do vir-a-ser dos sujeitos. Através do discurso da histérica, que dá origem à Psicanálise, o analista entrelaça teoria e *práxis* para ajudar o sujeito dividido a recuperar sua dignidade. Com os discursos, Lacan apresenta estruturas clínicas que, segundo Coelho,

[...] quando falamos em estruturas clínicas estamos falando não de sintomas, mas da posição do sujeito frente à castração. Lacan chama de castração a falha que existe na estrutura, sendo que toda estrutura tem, por definição, uma falha. (COELHO, 2006, p.117).

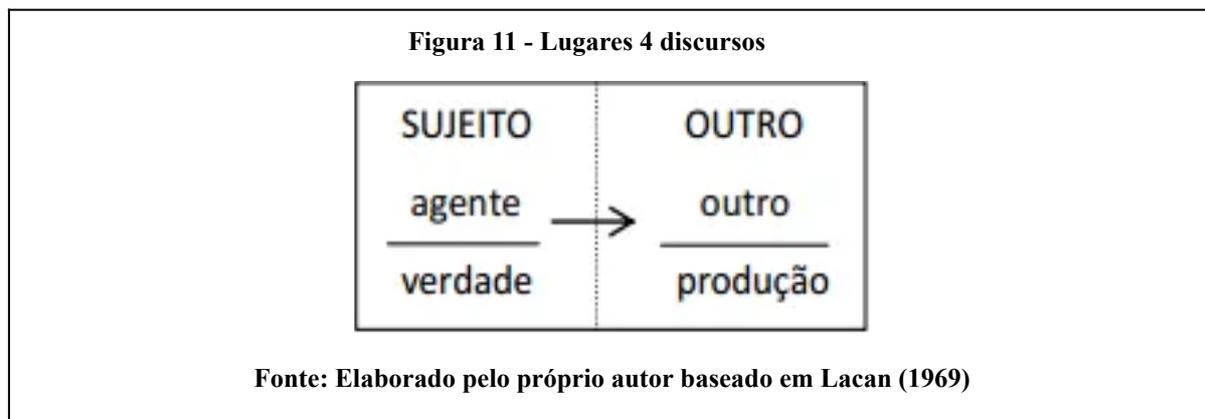
Para a clínica, o discurso da histérica é que permite ao analista acessar o sujeito sintomático. O analisante precisa histerizar-se, se perguntar os porquês do seu sofrimento para que a análise tenha início. Através da transferência, o analisante fará de seu analista objeto de desejo (@-nalista), vazio, onde se é depositado todas as suas angústias para que algo do inconsciente se revele através da associação livre. Sobre isso, Lacan diz que

Para o analisante que está ali, no \$, o conteúdo é seu saber. A gente está ali para conseguir que ele saiba tudo o que não sabe, sabendo-o contudo. O inconsciente é isso. Para o psicanalista, o conteúdo latente está do outro lado, em S1. Para ele, o conteúdo latente é a interpretação que vai fazer, na medida em que esta não é aquele saber que descobrimos no sujeito, mas o que se lhe acrescenta para dar-lhe um sentido (LACAN [1969-1970] 2007, p. 106).

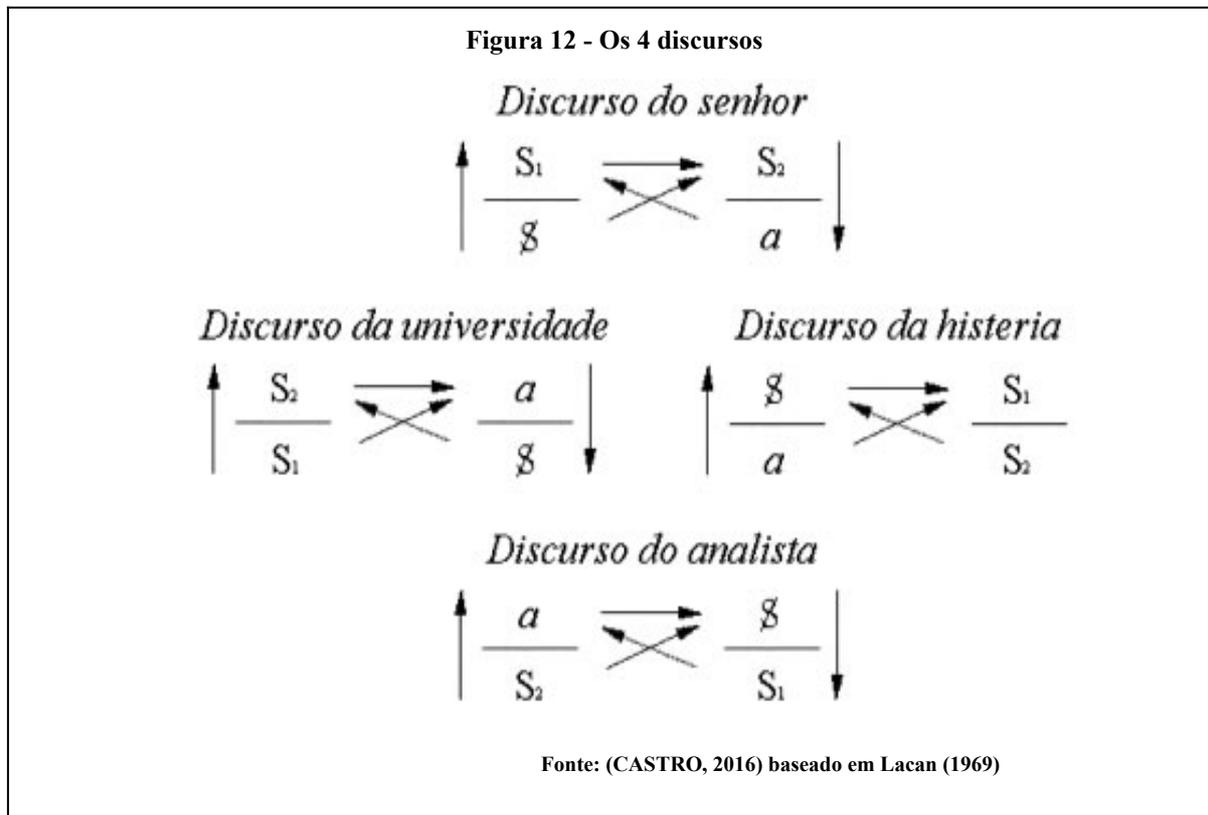
Este saber de que fala Lacan é o saber do sujeito do significante (SS), que se insere em cadeia de forma “pontual e evanescente, pois ele só é sujeito por um significante, e para outro significante” (LACAN, 1972-1973). O SS não se fixa em nenhuma significação porque quando há furo em seu saber produzido, quando não dá mais conta de satisfazer o sujeito do desejo (SD), este exigirá que sua falta seja ressignificada, exigirá outro significante. Portanto o SS emerge nessa relação com outro significante, como efeito e desliza sempre que questionado pelo sujeito SD (CAMARGO, 2009). Podemos pensar na histérica que demanda do mestre um saber sobre seu desejo e que não se identifica com nada que lhe é ofertado, por exemplo. Veremos como isso se dá nos 4 discursos a seguir.

Lacan nos mostra que o modo como o sujeito se insere na linguagem evidencia seu modo de laço. Podemos nos colocar, portanto, de 4 formas: pelo discurso do mestre, da histérica, da universidade e do analista, deixando o mais um (o capitalista) como um deslize

no discurso do mestre. Para representá-los, Lacan lhes dá vida através de 4 matemas (\$, S1, S2 e *objeto @*) e suas respectivas posições na fórmula: no campo do sujeito AGENTE sustentado por uma VERDADE que se dirige para o campo do OUTRO fazendo com que ele produza (PRODUÇÃO) algo, ficando da seguinte forma (COELHO, 2006):



Vale lembrar que “os discursos são [...] os quatro modos de relacionamento apontados por Freud (1930) como fontes do sofrimento do homem: governar, educar, analisar e fazer desejar” (COELHO, 2006, pg.108). Também, não podemos fixar um sentido nos matemas porque em cada discurso eles podem representar algo a depender da posição que passam a ocupar no ¼ de giro. Como base, temos o **S1** significante mestre, marca da singularidade do sujeito, saber recalcado ou marca da primeira experiência de gozo que tentará ser ressignificada no campo do Outro; **S2** é o saber que se forja no laço, no deslizamento da cadeia significante, ligando o S1 ao Sn infinito; *objeto @*, resto não simbolizado, mais-de gozar, causa de desejo que impulsiona o sujeito a continuar se inscrevendo; \$ representa o sujeito do Inconsciente que não se fixa em uma única forma de discurso e pode se deslocar entre as quatro possibilidades evidenciando a forma de laço que o sujeito estabelece através da linguagem.(LACAN [1969-1970] 2007; SOUZA, 1985; QUINET; 2009; JORGE, 2002; ROUDINESCO & PLON, 1998). Vejamos a seguir como os matemas se articulam em cada discurso:



O discurso do mestre, também discurso do Inconsciente, é sustentado pelo sujeito barrado que faz semblante de mestre (S1) forçando o outro, ou o escravo, a produzir algo (*objeto @*) se valendo de seu saber (S2). Essa produção ou resto indica aquilo que cai e que não pode ser de todo gozado, ou simbolizado. Este discurso estabelece a dinâmica do senhor-escravo, dialética hegeliana que aponta que para que o senhor seja senhor, ele precisa do escravo, o Eu precisa do Outro para se tornar Eu, se descobrir em busca da evolução do espírito. Ao mesmo tempo este discurso se caracteriza pelo discurso da lei, da igreja, da obediência. O mestre faz semblante de ser completo, mas o que ele teme é que o escravo descubra que é também em sua essência castrado. Com um quarto de giro, temos o discurso da histérica, sempre queixosa de seu sintoma, do sujeito do Inconsciente (\$) que quer ter acesso àquilo que lhe falta (*objeto @*), demandando do outro o saber sobre sua verdade (S1). Entretanto o que este discurso produz são significantes (ou saberes S2) aos quais ela não se identifica, contestando os efeitos por eles produzidos, exigindo outros e sempre mais e mais... . Este discurso se coloca como sedutor, também, uma vez que a histérica quer um

mestre para seguir, e ao consegui-lo ela fará de tudo para destroná-lo. Outro quarto de giro, chegamos ao discurso do analista, do vazio (*objeto @*), do tonel sem fundo (*objeto @*), avesso do discurso do mestre, uma vez que não exige que o outro produza um saber para lhe satisfazer, e sim sobre si, que se volta para o próprio sujeito demandante. Sustentado pelo saber produzido pelo outro (S2), o analista devolve para o analisando em forma de pergunta os restos não significados na aposta de que nos lapsos, chistes e atos falhos o sujeito do Inconsciente (\$) desvele sua verdade (S1). No último quarto de giro, chegamos ao discurso da universidade, que tem como verdade a ordem do mestre (S1) que sustenta o saber científico, universitário (S2), destituído de sujeito no campo do sujeito, se direcionando para o aluno no campo do Outro como um container vazio (*objeto @*) produzindo um sujeito cindido, não todo e subversivo que questionará sempre o saber, exigindo sempre mais. (LACAN [1969-1970] 2007; ORNELLAS, 2012; BANDIN & MARTINHO, 2018).

3.9 Sobre um discurso que não faz laço...

Como os sujeitos conseguem dar conta da falta na contemporaneidade? Freud¹¹², no final do século XIX, nos elucida que a falta - a castração, o vazio -, inerente ao ser humano, é impossível de ser preenchida. Entretanto, o consumo exacerbado promovido pelo discurso capitalista tenta dar conta dessa falta. Ou seja:

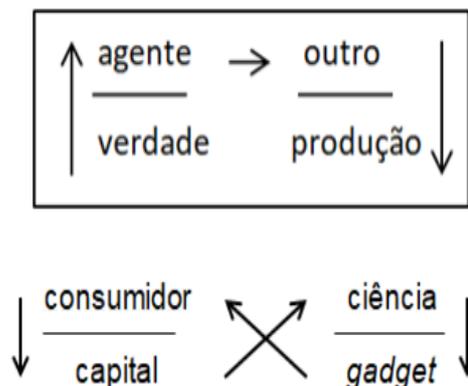
Enquanto a psicanálise de Freud e Lacan defende a tese de que a falta humana é impossível de ser preenchida, o discurso capitalista, ao contrário, munido de seus gadgets, segue numa direção oposta, desconsidera as proposições da psicanálise e assegura a possibilidade de tamponar a castração, sustentando assim, uma promessa de felicidade (BADIN & MARTINHO, 2018, p. 141)

Este discurso se caracteriza como o encontro do Discurso do Mestre com a Ciência, a quem é demandada a produção de *latusas*, nome dado por Lacan, ou *servomecanismos* - “artefatos que a ciência permite fabricar e enviar ao mercado para seu consumo massivo e que estão destinados a uma rápida obsolescência e funcionam como análogos do objeto causa do desejo, do *objeto @*” (BRAUNSTEIN, 2010, p.149).

¹¹² Tais reflexões estão presentes em sua obra “*O mal-estar na civilização*” (1930-1936).

No discurso capitalista, as posições em que os matemas giram são renomeadas para dar sentido à dinâmica do circuito capitalista, em que um elemento recebe a ordem do antecessor, circulando em um circuito fechado. Vejamos:

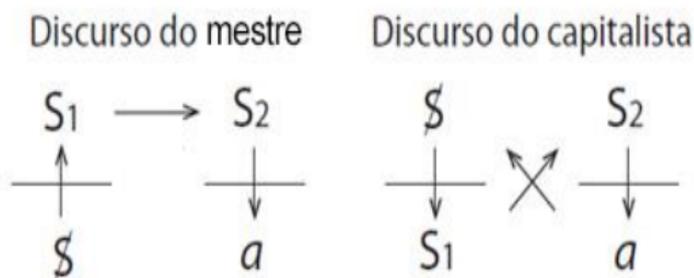
Figura 13 - Das posições do Discurso Capitalista



Fonte: elaborado pelo próprio autor baseado em LACAN (1969)

Nos quatro discursos temos do lado do sujeito um **agente** (dominante) sustentado por uma **verdade** que ordena a função da fala. O agente se dirige ao campo do **Outro** (dominado) tendo como **produção** o efeito do discurso. Já no DC, Lacan renomeia alguns lugares: o agente passa a ser o *semblante* (consumidor), o outro passa a ser o *gozo* (ciência), a produção se torna *mais-de-gozar* (ciência) e a *verdade* (gadget) continua a mesma.

Figura 14: Dos matemas do Discurso Capitalista



Fonte: (BRAUNSTEIN, 2010)

Lacan vai apontar para este discurso como uma variante do discurso do mestre em que S1 (significante mestre) passa a ocupar o lugar da verdade e o SI (\$) ocupa o lugar de semblante. A posição do sujeito do Inconsciente (\$) como agente é a mesma do discurso da histórica. Porém, diferente da histórica que se dirige ao mestre forçando-o a produzir um saber que dê conta de seu gozo, o capitalista não se dirige a ninguém (eventualmente seria o proletário) eliminando qualquer relação com o saber. Ou seja, “Já não importa quem é o anônimo e desfigurado produtor do *objeto @*. Mas importa, sim, que o produto volte às mãos do capitalista (BRAUNSTEIN, 2010, p. 151). Temos, portanto, um sujeito narcisista, cego em suas demandas que através de seu capital faz agir S1 a ordem do mestre operando através do saber científico S2 na produção dos servomecanismos, circulando em um circuito que se consome e se consuma; um sujeito que goza sozinho com seus *gadgets* (BADIN & MARTINHO, 2018, p. 148-149). Em suma, o consumo desenfreado se tornou uma nova norma social, sustentada por um imperativo de gozo do supereu. A satisfação incompleta da pulsão desencadeia o consumo desenfreado como uma ação repetitiva na “busca do gozo prometido pelo mercado e exigido pelo supereu” (PENA, 2017, p. 75).

No discurso do mestre temos uma dinâmica hegeliana entre senhor e escravo que passa a ser entre capitalista e proletariado no DC. O saber (S2) nesse discurso está a cargo da ciência que produzirá os servomecanismos (BRAUNSTEIN, 2010). Quem os produz é o proletário, que vende ao capitalista seu trabalho em troca de remuneração. Passamos a ter nessa dinâmica capitalista o trabalho como produto do mercado, pela primeira vez na história. Ao vender seu trabalho, o proletário abre mão de seu gozo para satisfazer os desejos do capitalista. Breno Pena nos elucida que

O trabalhador é forçado a abrir mão de algo que é dele, em favor do capitalista, uma parcela de gozo que não poderá gozar, mas que a rigor também nunca gozou. Entretanto, agora, que abriu mão dessa parcela de gozo, pode tentar recuperá-la, em uma tarefa inglória, por meio do consumo de objetos, que passam a ser um mais-gozar; assim, nota-se que é essencialmente a perda de gozo que possibilita e articula o mais-de-gozar. (PENA, 2017, p.77)

Podemos compreender então que a função do S2 é a renúncia ao gozo, enquanto que a função do mais-de-gozar é a busca pelo gozo perdido. Portanto, o DC se torna um sistema vicioso em que o proletário se torna o consumidor dos produtos que ele mesmo produz. Sendo assim, agora compreendemos o vetor que sai de @ para \$ na fórmula do DC: o sujeito se torna escravo de seus gadgets. Por isso

O consumista é perfeito para o capitalismo, por querer ser escravizado. Na verdade implora por isso e, quanto mais se escraviza consumindo e se submetendo ao discurso capitalista para “manter” a ilusão de ser feliz e completo – tanto para ele quanto para o outro –, mais é aprisionado pelo gozo, afasta-se do seu desejo, atende a gula do supereu e do próprio sistema econômico que é o que mais se beneficia atualmente com esse modo de gozar (PENA, 2017, 80).

Estamos caminhando, caro leitor, para o fim de nossa segunda cena. Esperamos que esteja gostando de nosso espetáculo até aqui. Antes de fecharmos as cortinas para o segundo ato, uma breve performance relacionada a língua inglesa, que nos parece pertinente trazer aqui.

3.10 Uma grata surpresa: seria o inglês uma via?

MULAN:

(sobre falar inglês) Eu sinto uma liberação. Eu sinto que eu tenho mais possibilidades de ser quem eu quiser... mais confiança... um novo lugar em que você pode... em que parece ser mais seguro.

Trazemos esta seção porque em nossos dados Mulan escolhe falar e escrever em inglês em alguns momentos, por se sentir mais confortável, como em seu dizer supracitado. As reflexões que aqui trazemos dialogam com Revuz (1998) em seu texto “*A língua estrangeira: entre o desejo de um outro lugar e o risco do exílio*”. Vejamos alguns conceitos:

O saber de um outro idioma revela que o sujeito investiu tempo e desejo em busca de outras formas de laço rumo a outros significantes, outras formas de gozo para além da língua/ linguagem materna. Muitos institutos de língua inglesa fazem do processo de aprendizagem de um novo idioma algo refratário, como um reflexo daquilo que enxergam enquanto língua ideal, como um imaginário apenas. Descartam completamente dimensões como “afirmação do eu, trabalho do corpo e dimensão cognitiva” (REVUZ, 1998, s/p).

Lembremo-nos que para a criança a sua entrada no mundo é a partir de um discurso já concebido. A criança é falada pelo Outro do desejo, das demandas e das expectativas. O discurso familiar seria este primeiro discurso em que o sujeito se engaja através da sua entrada na linguagem. Ainda que a criança esteja na fase em que não consegue articular gramática e frases, ou comunicar-se satisfatoriamente, ela está inserida neste universo e as palavras não lhe são indiferentes. Essa não-indiferença se dá porque a voz da mãe é fonte tanto de prazer como também de desprazer. As palavras são sempre carregadas de sentidos, atreladas a discursos e valores que ditam o que pode e o que não pode ser feito com a língua.

Sendo os nossos desejos todos constituídos no campo do Outro, a criança passa a articular a língua de modo a formar compromisso com suas vontades, se valendo da linguagem também do Outro nessa formação de compromisso. A língua também é a lei que estabelece o código social, por ditar as regras de como se comunicar, o que evita o cenário em que todos falam mas ninguém de fato se ouve. Falar, entretanto, também é estar à deriva em seu barco feito de enunciados, em busca de si, podendo, a qualquer momento, se chocar contra os *icebergs* do campo do Outro. Em suma, a língua também faz sintoma. (REVUZ, 1998).

No caso de um novo idioma, a impotência, o retorno ao estágio de pré-fala, permeia o processo. Entretanto, o corpo fala, segundo Lacan (1972-73), e nada como proporcionar ao aparelho fonador outras formas de gozo oral, novas possibilidades de prazer ao se reproduzir um som. Entretanto, há uma questão de **semblante** (LACAN, 1970-71): na sala com os outros colegas, ninguém quer ser alvo de risos por conta das tentativas frustrantes e insucessos na reprodução dos sons. A escrita, porém, passa a ser uma fonte de alívio para estes, já que enunciados completos dotados de sentido aliviam um pouco a angústia do não-sentido. Nesta fase, encontra-se de tudo: se a palavra é *schedule*, haverá uma nota de rodapé com seu som materializado na língua materna: /skédiu/. A língua materna tenta mediar os impasses (FRANCO & NEVES, no prelo), no sentido de proporcionar um alívio ao que é familiar e estranho ao mesmo tempo, uma vez que muitos sons produzidos na língua materna se encontram na língua adicional, porém de forma desordenada. (REVUZ, 1998).

Ao mesmo tempo, há quem se esbalde com os sons, como a degustar desses novos significados. A língua estrangeira passa a ser uma boa música que, mesmo que não faça sentido, gera prazer em ser articulada. Como estabelece Lacan (1972-73), a *lalangue* é a língua da lalação, do prazer em se produzir sons. Obviamente, este processo de se produzir sons, ainda que sem sentido algum, como o foi na aquisição da língua materna, não seria diferente com a língua do Outro¹¹³ estrangeiro. Podemos, portanto, trazer uma díade: de um lado os que se “jogam” no processo; do outro os que se contraem. Ambos os casos evidenciam algo na relação tripartite **corpo-saber-gozo** (REVUZ, 1998).

Diferente do processo da língua mãe, o aprendiz de línguas estrangeiras passa por um processo de nomeações. A cada aula ele aprende a nomear algo diferente. A criança que está aprendendo a língua mãe faz suas nomeações sob a supervisão do adulto, que interage atribuindo sua carga afetiva de acordo com os efeitos dos significantes enunciados e sua relação com os outros da cadeia significante (LACAN, [1964] 2008; TFOUNI,

¹¹³ A língua materna é a língua do Outro, no sentido de que o saber vem do campo do Outro.

MONTE-SERRAT & PEREIRA, 2012; REVUZ; 1998). Em outras palavras, causam-se efeitos tanto em si quanto no outro-sujeito.

Como visto nas seções anteriores, uma das marcas do real é mostrar que os significantes podem ter outros significados. Na língua estrangeira, não só tudo passa a receber novas nomeações, como também há o deslocamento das marcas de afetividade. Para além disso:

A língua estrangeira não recorta o real como o faz a língua materna. Essa constatação que se impõe desde os primeiros momentos da aprendizagem provoca com frequência surpresa e escândalo. Que haja somente uma palavra em russo para dizer braço e perna, que o sol seja feminino em alemão, que os ingleses digam "eu sofri o" e os russos "a mim 25 anos"; é desconcertante, e muitos são os que ficaram fiéis as suas faltas de gênero ou de sintaxe antes de adotar uma outra maneira de ver as coisas. O que se estilhaça ao contato com a língua estrangeira é ilusão de que existe um ponto de vista único sobre as coisas; é ilusão de uma possível tradução termo a termo, de uma adequação da palavra a coisa. Pela intermediação da língua estrangeira se esboça o descolamento do real e da língua. O arbitrário do signo linguístico torna-se uma realidade tangível, vivida pelos aprendizes na exaltação... ou no desânimo (REVUZ, 1998, s/p).

Como dito, a língua materna se forma nessa relação afetiva do sujeito com o gozo e seu efeito tanto no corpo quanto no Outro. Se voltarmos no dizer de Mulan que abre a seção, percebe-se que ela manifesta maior liberdade ao falar inglês, e que há um contraponto entre liberdade e prisão manifesto nessa díade língua materna/ língua estrangeira (do Outro). Ao mesmo tempo, este é um saber que também perpassa suas experiências corporais com ambas.

Sabe-se, também, que palavras de baixo calão, ofensas e palavras de cunho sexual têm forte apelo em uma discussão mais acalorada. Entretanto, uma ofensa dita na língua estrangeira, por não sofrer os mesmos efeitos de recalque que ocorrem na língua mãe, parece ser dito com maior naturalidade e sem tanto remorso. Podemos dizer que, neste aspecto, o supereu não é tão punitivo, e a língua do outro se torna

um **espaço de liberdade** ... porque o *eu* da língua estrangeira é jamais o da língua materna [em perigo e] ... nem todo mundo está pronto para essa experiência ... e essa ruptura [entre língua materna e língua estrangeira] pode ser temida e evitada, pode ser procurada por ser **salvadora**, ou pode ser tensão dolorosa entre dois universos [grifo nosso] (REVUZ, 1998, s/p).

Esta citação vai ao encontro do dizer de Mulan acima. É com ela, caro leitor, que passamos finalmente para os gestos de análise.

CAPÍTULO 4

CENA 3: Gesto de Análise

*“Look at me
 You may think you see who I really am
 But you'll never know me
 Every day it's as if I play a part
 Now I see, if I wear a mask
 I can fool the world, but I cannot fool my heart...”¹¹⁴*

4.1 Se faz pesquisa em tempos de pandemia!

Como anunciado anteriormente, esta pesquisa se dá em condições de produção do discurso pandêmico, de experiência limitante, e que exigiu deste pesquisador muita criatividade para lidar com os imprevistos, inclusive espaciais e temporais. Nesse período, vários processos aconteciam ao mesmo tempo: conclusão de disciplinas obrigatórias; estágio docente na disciplina "Ensino de Habilidades Orais" na graduação, sob a supervisão da professora Leina Jucá; e o levantamento bibliográfico. Ainda que inseguro quanto ao modo de conduzir uma entrevista clínica, por não dispor de mais tempo para leituras, ou uma formação de corpus piloto, depus minhas apostas no percurso que apresento a seguir.

Optamos por fazer a gravação das entrevistas, cinco ao todo e com duração em torno de 50 a 70 minutos, através de uma plataforma de reuniões online, respeitando o distanciamento social. As reuniões foram gravadas em áudio e vídeo, mediante termo de consentimento exigido pelo COEP/UFMG¹¹⁵, seguindo as datas abaixo:

¹¹⁴ “Reflections”, tema do filme “Mulan” (1998, 2020). <https://www.youtube.com/watch?v=nMF0oX9SSNw>

¹¹⁵ Comitê de ética na pesquisa da Universidade Federal de Minas Gerais. O termo se encontra nos anexos.

Quadro 3: data das entrevistas

DATA	TEMA
8 de julho de 2021	ENTREVISTA 1 - O percurso escolar e acadêmico
15 de julho de 2021	ENTREVISTA 2 - Minha relação com o inglês
22 de julho de 2021	ENTREVISTA 3 - Por que ser professora de inglês?
29 de julho de 2021	ENTREVISTA 4 - O laço com o Outro
5 de agosto de 2021	<i>ENTREVISTA 5 - Who is that girl I see ? Is my reflection someone I don't know?</i>

Fonte: Elaborado pelo autor

Vejamos os horizontes que sulearam¹¹⁶ os dizeres de Mulan.

4.2 - Os horizontes suleadores

Nosso intuito com o roteiro, foi partir desde o percurso escolar de Mulan, passando por sua formação acadêmica e profissional, culminando no modo como ela se vê diante do espelho. A estratégia de partir da formação à atuação profissional nos deu margem para compreender de modo mais amplo a incidência do Outro em cenas específicas de sua trajetória no mundo, em diferentes formas de laço.

Usamos a palavra “sulear” porque acreditamos que o sul global deve produzir episteme que ilustre e decifre suas próprias vivências. O fazemos incitados por Paulo Freire e Kumaravadivelu (2015; 2012), que nos convidam a realizar uma quebra epistêmica, romper a interdependência com o norte global.

A seguir, apresentamos os slides que preparamos para orientar as entrevistas e que foram utilizados de forma que Mulan os abrisse em sua tela e se orientasse por eles no decorrer das entrevistas.

¹¹⁶ Segundo o site da REVISTA BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO BÁSICA, para compreendermos o verbo sulear, “precisamos retomar a obra “Pedagogia da Esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido”, pois é nela que identificamos o verbo “Sulear”, criado pelo físico Marcio D’Olne Campos. Em diálogo com Freire, Campos reflete sobre o senso comum em torno do termo “Nortear” como um guia de caráter ideológico. “Norte é Primeiro Mundo. Norte está em cima, na parte superior, assim Norte deixa “escorrer” o conhecimento que nós do hemisfério Sul ‘engolimos sem conferir o contexto local’”. (FREIRE; 1992, p. 113, apud CAMPOS, 1991, p. 59-61).

Disponível em <http://rbeducacaobasica.com.br/sulear-e-esperancar-a-america-latina-nao-e-ela-esta-sendo/>

Quadro 4 - horizontes suleadores entrevista 1

Slide 1¹¹⁷ - HORIZONTES SULEADORES

ATIVANDO A MEMÓRIA: da primeira aula na escola até se formar professora na universidade, sua narrativa enquanto **ALUNA**.

- O seu corpo nesses espaços (trans)formadores;
- O seu modo singular de fazer vínculo com esses sujeitos e esses espaços;
- Formação & Deformação;
- Sua relação com o saber nesses espaços.

Fonte: corpus da pesquisa

As entrevistas estão divididas em dois blocos: *a) de 1 a 3 ativando as memórias*, em que busco compreender o laço com a escola, com a academia, com a profissão e com a língua inglesa; *b) 4 e 5 ativando as percepções*, em que busco compreender os efeitos da ação do Outro na percepção de si.

Como diretor desta peça, sou atravessado por minhas memórias na montagem deste espetáculo, e por elas me vi inspirado a compor este primeiro horizonte suleador. Recentemente, a convite da professora Andrea Mattos¹¹⁸, participei da 14ª edição do SEVFALE¹¹⁹ na mesa do NECLLE¹²⁰, trazendo para o debate a seguinte temática: “*Gênero e Sexualidade na Formação de Professores de Línguas*”. À ocasião, abordei uma cena que ocorreu comigo em 2007 em uma aula de português no 1º ano do ensino médio: a professora me faz uma pergunta e durante minha explanação, um colega de sala se vê impelido a gritar “FALA IGUAL HOMEM!”. A partir deste dia, minha relação com o aprendizado, o meu modo de fazer laço foram diretamente afetados, principalmente porque a professora, diante dessa cena, nada fez, chancelando outras cenas de *bullying* protagonizadas pelo mesmo agressor.¹²¹

¹¹⁷ Os slides se encontram em anexo ao final da dissertação.

¹¹⁸ Para mais informações sobre sua atuação profissional e acadêmica: <http://lattes.cnpq.br/7749222257907067>

¹¹⁹ Semana de eventos da FALE-UFMG

¹²⁰ Núcleo de Estudos Críticos sobre Linguagens, Letramentos e Educação

¹²¹ Esta apresentação no NECLLE é baseada em meu artigo “*Reflexões sobre gênero e sexualidade: a formação de professores de línguas para as realidades LGBTQIA+*” que saiu pela revista Trem das Letras -UNIFAL (<https://publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/tremdeletras/article/view/1674>).

Quadro 5 - horizontes suleadores entrevista 2

Slide 2 - HORIZONTES SULEADORES

ATIVANDO A MEMÓRIA: desde seu primeiro contato com a língua e a sua importância/ relevância na sua vida hoje.

- inglês como via para minha performance trans;
- inglês como direito / privilégio;
- “ Pensar o meu nome em inglês foi mais fácil.” - Enunciado durante participação na disciplina “Teaching Oral Skills”. Explicação sobre a pronúncia adequada do *female name*.
- ser eu mesma em inglês, ser eu mesma em português: (im)possibilidades.

Fonte: corpus da pesquisa

Ao longo de minha jornada no mestrado, tive a oportunidade de estagiar em duas disciplinas: de agosto a novembro de 2020 “*Fundamentos metodológicos do ensino de inglês*”, sob a supervisão da professora Valdeni Reis¹²², e depois de dezembro de 2020 a abril de 2021 “*Ensino de habilidades orais*”, sob a supervisão da professora Leina Jucá¹²³. A segunda disciplina me propiciou mais liberdade porque fiquei responsável por organizar o conteúdo programático, avaliações e participações. Desse modo, pude convidar Mulan para dar um workshop sobre “*Ensino bilingue para crianças*”. Os itens foram inspirados em falas ao longo de sua apresentação e *insights* que tive durante sua passagem pela disciplina.

Quadro 6 - horizontes suleadores entrevista 3

Slide 3 - HORIZONTES SULEADORES

ATIVANDO A MEMÓRIA: desde sua formação, passando pela primeira experiência como professora até hoje.

- o modo como ensino, meus recursos singulares (voz e corpo);
- o ensino para crianças (MY HANNAH MONTANA DOPPELGANGER);
- Academia: formação para o mercado de trabalho - mulher trans;
- o lugar da professora trans no ensino de línguas.
- onde me encontro na relação com a profissão?

Fonte: Corpus da pesquisa

¹²² <http://lattes.cnpq.br/9315824655279602>

¹²³ <http://lattes.cnpq.br/9278798937869761>

Por que ser professora de inglês? Em algum momento houve o desejo por outra profissão? A partir destas perguntas, quis compreender a agência política da mulher trans na sociedade, os lugares que estes corpos podem navegar.

Lembro-me de uma situação um tanto quanto peculiar logo quando defini qual seria meu projeto definitivo de pesquisa. Um motorista de aplicativo me pergunta o que faço e, com receio de dizer a verdade, decido ser sucinto: “*Trabalho com a realidade de uma professora de inglês trans*”. Não satisfeito, ele me pergunta o que é *trans* e lhe explico: “*Uma mulher que nasceu no corpo de um homem, ou vice-versa*”. Seu semblante e sua resposta me fazem compreender a importância e relevância desta pesquisa: “*Eu só acho que escola é lugar de aprender e as crianças não têm nada com isso*”.

O dilema central da narrativa de Mulan é não poder performar sua singularidade para caber nas exigências do mercado de trabalho e do discurso conservador, como o do motorista supracitado. Foi possível notar, e veremos com mais detalhes nas análises, que ela assume um *doppelganger*, uma persona para conseguir atuar em sala. Nestas situações, ela passa a performar o teacher Fa-Ping, que tende ao que é lido pela cis-heteronormatividade como masculino. Entretanto, algo em sua performance escapa, evidenciando Mulan.

Quadro 7 - horizontes suleadores entrevista 4

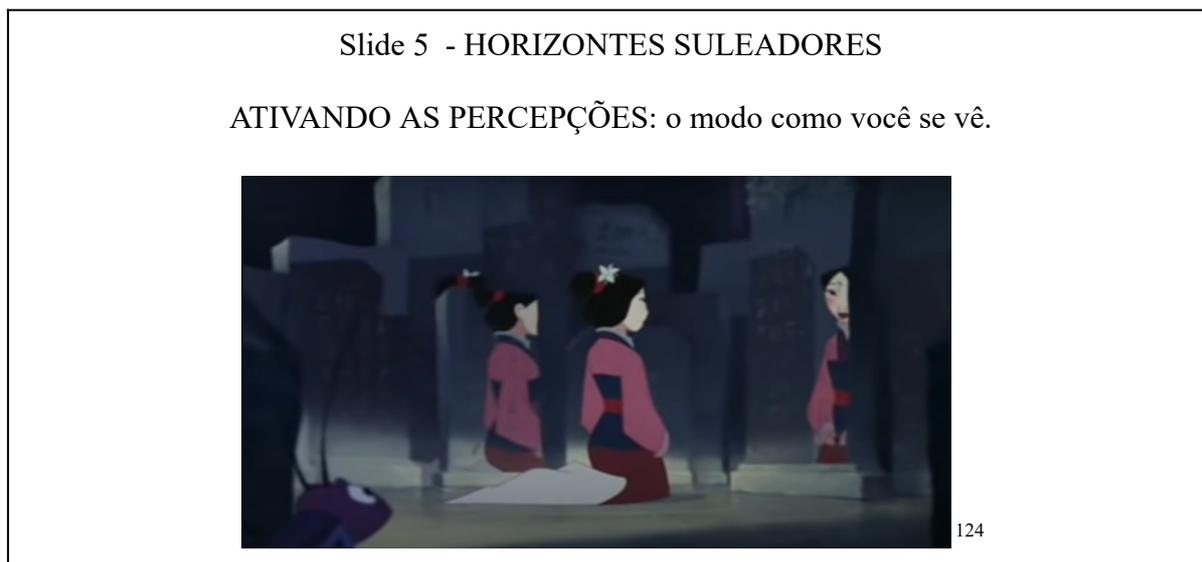
<p>Slide 4 - HORIZONTES SULEADORES</p> <p>ATIVANDO AS PERCEPÇÕES: o meu corpo no vínculo com o Outro.</p> <ul style="list-style-type: none"> ● o vínculo/ laço com os alunos, os colegas de trabalho, com os pais dos alunos, os chefes e a comunidade (família e amigos); ● como acho que o outro me vê? ● como meu corpo influencia nas relações de trabalho e nas relações pessoais.
--

Fonte: corpus da pesquisa

De certa forma, as entrevistas 1-3 abordam as questões propostas nos horizontes suleadores da entrevista 4 e 5. Entretanto, como abordado acima, o inconsciente tem seu próprio tempo para concluir (LACAN [1945], 1998; ARANTES, 2015), e uma nova entrevista acarreta colocar o sujeito em outro ritual enunciativo, olhando para o problema de outro espectro, levando-o a outras problematizações e conclusões. A partir da entrevista 4, quisemos ativar as percepções, as marcas deixadas pelo Outro; quisemos saber onde

realmente dói, e como Mulan lida com isso. O que fazer com isso que não muda? Após tantas (de)formações, o que vejo diante do espelho?

Quadro 8 - horizontes suleadores entrevista 5



Fonte: corpus da pesquisa

A cena acima enquadra o ápice dos questionamentos da personagem Mulan. Enquanto se olha no espelho, ela se pergunta: *“Quem é aquela garota que vejo olhando diretamente pra mim? Por que o meu reflexo é alguém que não conheço?”*. O final da jornada com Mulan a trouxe para este lugar, para os segredos da alma, onde ela também pôde se perguntar: *“O que o Outro fez de mim?”*.

4.3 - A fase do espelho

A **“fase do espelho”** remete à nossa inovação metodológica. Esta inovação emerge por circunstância da pandemia que nos obrigou a fazer as entrevistas usando recursos tecnológicos de gravação e de encontros a distância. Na segunda fase de formação de corpus, passamos para a escrita na aposta de que este código trouxesse outros significantes, nos

¹²⁴ Cena do filme *“Mulan”* (1998;2020).

possibilitando ter um entendimento mais profundo, amplo e complexo da linguagem de Mulan.

Após a primeira fase de formação do corpus em agosto de 2021, prosseguimos para a segunda fase do processo, colocar Mulan diante de seu próprio dizer para que, além de se sentir tocada com o que diz, com a própria imagem e voz, ela pudesse ressignificar algum dizer através da escrita. Orientamos Mulan para que escrevesse aquilo que lhe viesse à cabeça, sem censura, e colocasse no papel os sentimentos que dali emergiram, bem como suas percepções sobre si.

As gravações salvas na nuvem foram disponibilizadas a partir de setembro de 2021. Ao longo do processo, notamos que Mulan estava com certa resistência à escrita devido algumas cenas que a atravessavam no momento, principalmente em relação à escola que lecionava, fazendo com que ela nos entregasse o último manuscrito apenas em dezembro de 2021. Em nossas análises traremos recortes dos escritos de Mulan que evidenciem os efeitos que essa inovação provocou.

Passemos, agora, para nosso gesto de análise.

4.4 - Gesto de Análise: Mulan diante do Outro...

Caro leitor, partimos agora para nosso gesto de análise dos dizeres de Mulan. Trouxemos anteriormente alguns dizeres que passam agora pelas lentes da Psicanálise, muitos sobre suas memórias evocadas a partir das provocações que lhe apresentamos. Relembramos que nosso intuito, até aqui, foi trazer o Outro cis-heteronormativo da Cultura sob as lentes críticas dos Estudos *Queer/* de Gênero que desnuda os construtos socio-históricos sobre sexo e gênero. Da mesma forma, buscamos mostrar o modo como a Psicanálise capta o corpo trans, partindo desde sua entrada na linguagem e chegando aos modos de se fazer laço. Como já visto, o laço social proposto por Lacan, baseado nos impossíveis de Freud, mostram como os sujeitos falham diante desses impossíveis. Em algum momento, a impossibilidade de querer tudo governar, educar, desejar e psicanalisar apontará uma falta nos laços, resultando em efeitos nos sujeitos envolvidos, que saem de suas posições, assumem outras, girando todo tempo nesse quadrípode freudo-laciano. Colocaremos os dizeres de Mulan no tear da Teoria dos 4 discursos e da Teoria da Significação de Lacan de modo a fazer girar sua forma de laço com o ‘grande’ Outro.

Achamos importante frisar que para a Psicanálise o modo como Mulan conta os eventos, as escolhas que faz para narrar de sua história, é mais importante do que aquilo que de fato fala. A veracidade de seus dizeres, portanto, é a sua verdade, não cabendo ao pesquisador nenhum juízo de valor. Sobre isso, Lacan disse que

[na clínica] estamos diante de um dizer que é o dizer de um outro que nos conta suas besteiras, seus embaraços, seus impedimentos, suas emoções e que é nisto que se trata de ler o quê? – nada, senão os efeitos desses dizeres (LACAN, [1972-1973] 2008, p. 51).

Mas de onde começa esta última cena de nosso espetáculo com Mulan? Deixemos que a estrela nos aponte os caminhos para o nosso gesto de análise.

MULAN: Eu acho que **a minha trajetória acadêmica, ela é muito misturada com a minha trajetória de identidade.** Então, assim, estudar, aprender, é:::, questionar, é:::, refletir, tentar entender, é:::, (...) Tudo o que a gente, faz analisar, isso:::, não é difícil pra mim, isso nu:::um é uma coisa que eu não vou conseguir fazer, não é uma coisa que eu tenho limitação sabe? Em algum momento, talvez, eu posso sentir alguma dificuldade, mas é algo que eu vou correr atrás e eu::: (...) **Sim, eu sei que eu consigo, eu sei que eu posso, eu sei que isso tá em mim.** Mas as minhas dificuldades são **as minhas misturas com:::com::: ... com as minhas questões, né?, de:::de identidade, né?, de::: ... d:::de eu:::de eu (...)** da **maneira que eu sou percebida pelos espaços** e como eu tenho q:::que::: ... como::: (...) é assim, é uma bus.(...) buscar poss.(...) **buscar me defender e me::: ... (...)** uma forma de::: **de me manter no espaço, entendeu?, de não ser removida do espaço. Eu acho que é isso.**

Buscamos, portanto, compreender, nos dizeres, os efeitos que emergem ao falar de sua trajetória acadêmica e de construção de sua identidade. Ficaremos atentos aos significantes e ao modo como eles deslizam na cadeia significante de forma a (des)velar a verdade de Mulan. Queremos compreender os efeitos de ela ter que se submeter à norma do Outro enquanto tenta se colocar como objeto de desejo no laço, nas suas tentativas de identificação com aquilo que se aproxima da singularidade de seu modo-de-gozo, ou seja, de sua tentativa de se haver com seu desejo, causado por aquilo que lhe falta., daquilo que a faz Mulan. Para que não percamos de vista as metas desta pesquisa, replicamos, a seguir, nossos objetivos específicos e perguntas suleadoras:

- Tentar apreender a singularidade de seu modo de fazer laço com o Outro da Cultura em sua formação docente e profissional;
- Destacar alguns dos efeitos advindos das intervenções que a pesquisa causou durante o processo de revisitação de suas memórias.

Considerando os objetivos específicos acima, e diante do nosso *corpus*, retomamos aqui as perguntas de pesquisa:

- Quais os significantes que apontam para sua impotência diante da impossibilidade, tanto no ensinar, quanto no governar e no fazer desejar?
- Quais parecem ser as saídas que Mulan encontrou/criou do lugar da impotência frente ao impossível?
- Ao retornar à sua narrativa, Mulan pode ressignificar algum evento/significante?

Passemos aos recortes que escolhemos.

4.4.1 “Eu me recusava a não pertencer”...

Caro leitor, na época em que Mulan gravou as entrevistas, ela estava contratada em uma escola bilíngue como professora de inglês do fundamental I e II, tendo as crianças como seu maior público. Afastada pelo INSS¹²⁵ por motivos pessoais, Mulan estava desgostosa com o ambiente escolar e seu padecimento diante da situação lhe exigiu passar por um tratamento medicamentoso para lhe auxiliar quanto ao quadro que estava vivendo à época.

Mulan estabeleceu com o pesquisador um excelente laço transferencial, traduzido no seu interesse em sempre se dispor a falar e a demonstrar estar desejosa de se posicionar. Abrimos as análises com uma cena um tanto quanto curiosa por ter se passado em uma aula de língua portuguesa. Atentemo-nos aos recortes 1 e 2.

Recorte 1 - Entrevista 1

MULAN: eu queria **entrar em espaços e em situações** que ficavam sendo muito fechad' (...) que eram // (...) **que se fechavam pra mim dentro da própria escola.** É::, então, é:: ques' (...) e eu era (...) eu sempre fui uma pessoa muito:: // (...) Hoje um pouco menos mas ((risos)) / mas eu sempre fui uma pessoa muito sincera. É::, a m' a minha formação de caráter foi uma formação de caráter muito **pautada**, assim, na:: na s' na:: / na **sinceridade** e na:: // e na e **na VERDADE**, entendeu?, assim:: / de:: **de não mentir.** E eu tenho muita **dificuldade pra mentir.** Então:: **eu me complicava** muito. Que **todo mundo mente. Mente muito, né?** Então::, é:: // **eu me complicava muito.**

Percebemos que inicialmente, o significante **ESPAÇO** tem um duplo sentido atribuído: ou ele era fechado ou ele se fechava. Supomos que Mulan constrói os espaços a partir do seu corpo, os lugares onde percebia que seu corpo era permitido, ou excluído por

¹²⁵Instituto Nacional do Seguro Social.

não caber naquele contexto. O modo como ela constrói a frase “... *dentro da própria escola*”, leva-nos a entender que para ela a escola não deveria se fechar para os alunos. Essa questão nos remete à pergunta inicial: por que, para Mulan, a escola se fechava para ela?

Onde indicamos que há ((*risos*)) temos, no dizer de Mulan, algo que contradiz seu dizer acerca de se considerar muito **SINCERA**. Ao mesmo tempo, ao dizer que todo mundo mente, ela também se coloca, mostrando-nos que há algo para além da **SINCERIDADE**. Há nessa sua verdade uma dinâmica que só pode ser entendida no laço. Podemos apostar que nesta cena, o que Mulan está querendo dizer é que todos fazem o que for preciso para sustentar seu semblante. Como diz Lacan (1970) no seminário 18, ao mesmo tempo em que o semblante é um modo-de-gozo, este também pode causar um mal-estar. Supomos isso porque Mulan, na época da entrevista, se queixava de não poder ser a mulher que queria ser dentro da sala de aula, o que a levava a performar um semblante masculino. Esse semblante ela sustenta para dar conta das exigências do mercado de trabalho¹²⁶, onde ela deseja estar, deseja ser aceita pelo outro, contudo, também dando a entender que nesse lugar não representou o mesmo papel sempre. Por isso acreditamos que ela carrega algo desse detalhe sobre si: “*Hoje um pouco menos...*”. Vejamos como o entendimento desse trecho se completa no seguinte.

Recorte 2 - Entrevista 1

MULAN: Eu lembro que u::uma professora d::de português, é::, na quinta série, que é o sexto ano, perguntou (...) fez um:: (...) tava fazendo uma coisa de primeiro dia de aula, da primeira aula dela. E ela pediu pra gente sentar e pra gente falar com quem que a gente se identificava, né?, **se tinha alguma pessoa na sala que a gente se identificou**. Ninguém falou nada, ficou todo mundo olhando um pro outro e tal e **a b' e a BOCUDA foi lá e levantou a mão e foi falar**. Eu falei assim "Não, porque eu me identifiquei com o colega ali, o Gustavo." **Aí todo mundo começou com aqueles risinhos**, com aquelas piadinhas, o menino também ficou super desconfortável. É:: // e aí eu percebi que foi uma coisa, tipo assim::, que o meu meu com' o meu / o meu comentário foi **super sexualizado** ali pelas próprias crianças, sabe?, ah:: // sendo que, na verdade, é::, **a minha identificação com o:: o menino era porque ele tinha cabelo liso e cabelo grande /**, né?

Como dito, o semblante pode ser uma forma de gozo e fonte de mal-estar. Assim como quem sustenta o semblante do homem é a mulher (LACAN, 1970), o Outro é quem sustenta meu semblante, como no discurso do mestre, que só pode ser mestre se tiver o escravo para sustentá-lo nesse lugar. Acreditamos que Mulan é deslocada para a impotência porque os alunos que riram dela estavam sustentados pelo discurso universitário, um imaginário universal sobre o que é ser homem.

¹²⁶ Veremos mais adiante esta informação manifestada em sua fala e em sua escrita.

O conceito **IDENTIFICAÇÃO** para a Psicanálise é o que há de mais fundamental na constituição dos laços; é trazer para si aquilo que é do Outro, uma vez que não somos ilhas, mas espelhos uns dos outros. Supomos que no discurso da sala de aula acima o imaginário da cis-heteronormatividade quanto ao que é permitido a um menino se identificar foi extrapolado na fala de Mulan; a representação imaginária dos outros alunos sobre sua identificação com o menino, enquanto um ato performativo, convocou a performatividade (BUTLER, 2003, 2020) para lhe readequar à norma, ou seja, corrigi-la de um deslize de performance daquilo que se espera de um menino que compulsoriamente deve ser hétero. Quanto à sua identificação com os cabelos de seu colega de sala, ela traz um dizer que parece esclarecer um pouco mais a cena:

Recorte 3 - Entrevista 1

RAFFUXU Você podia ter cabelo grande e liso?

MULAN Não, é:: / é::, a minha família sempre cortava o meu cabelo quando começava a crescer. E a::, é:: / eu não gostava de cortar o cabelo e a minha família sempre cortava o meu cabelo, sempre me mandava pra cortar o cabelo. E:: / ah, isso era um, assim, era um sofrimento eterno para mim, né? Era muito difícil...

Compreendemos que o sujeito nomeia seus objetos de gozo como uma fantasia de completude que não se sustentará pois esses objetos nunca serão suficientes. Assim, o que Mulan chamou no recorte 2 de identificação pode ser visto também como a escolha de um objeto, e fixando-se a ele, passa a um status de fetichização.

CORTAR O CABELO parece-nos, então, um sinal de impotência diante da demanda familiar. Mulan parece se identificar com os cabelos do colega porque seu desejo era ter cabelos longos, um indício de que seu *eu ideal* teria que se submeter ao imperativo do *ideal de eu* (CHEMAMA, 1995, p.100) estabelecido pela cis-heteronormatividade e questionado pelo *Queer*.

Sobre a afirmação “*era um sofrimento eterno*”, podemos dizer que a escolha por um objeto é uma saída para a angústia que o sujeito cria. Ao eleger seus objetos, o sujeito tem a ilusão de apaziguar os efeitos do gozo-não-todo, isto é, da sua falta.

Passamos, agora, para outra cena, uma em que Mulan descreve sua relação com os meninos na escola:

Recorte 4 - Entrevista 1

MULAN: E:: eu e eu me sentia ((risos)), é:: / eu me sentia, assim, dentr' (...) NOSSA eu sentia::, é:: // é igual aqueles aqueles filmes, assim, de desenho, sabe? Tem um **coelhinho ((risos)) e tem os coio'(...)** igual rei leão, sabe?, o **Simba entrando na na:: / ali no meio das hi' (...)**no:: na na:: no **território, assim, das hienas, né?**, na::

RAFFUXU Você se sentia **vulnerável?**

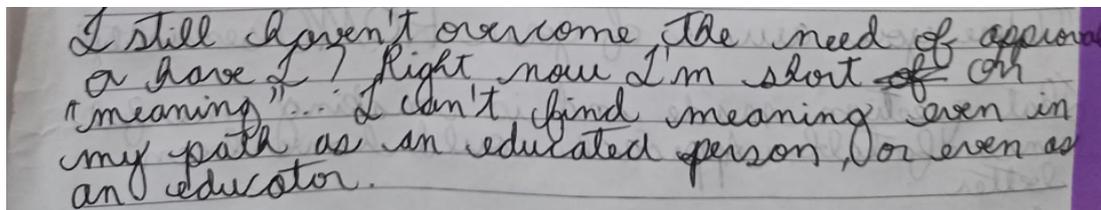
MULAN Demais, porque, é:: / é:: // é:: / os men' ,assim:: / o-os meninos, acho que era uma / **por uma questão de s' de s:: /de tá ali n:: do do background, talvez, deles, ah:: /é:: / Eles tinham muitas:: / muitos:: (...)** eles tinh' / **maldade em termos, né?**, é:: grosso modo, né? Mas aquela:: / **aquele:: JULGAMENTO, né?** A psicologia fala que é o: "desenvolver o julgamento", né?, da ah::, né?, é:: / **Eles tinham muito mais isso do que eu.** Eles tinham muito mais **contato:: com o MUNDO** do que eu, né?, de de como:: / do do que que a:: **do que a vida é, né?**

“E:: eu e eu me sentia ((risos)), é:: / eu me sentia, assim, dentr' (...) NOSSA eu sentia::, é::”, lembremo-nos que para a psicanálise o modo como se diz é tão ou mais revelador quanto o dito. Neste trecho há algo que só pode ser sentido pelo real do corpo, que está fora da linguagem, tentando se significar. Percebemos pela fragmentação do que vem a seguir: “*Tem um coelhinho ((risos)) e tem os coio'(...)* igual rei leão, sabe?, o **Simba entrando na na:: / ali no meio das hi' (...)**no:: na na:: no **território, assim, das hienas, né?**, na::. Entre risos e meias palavras, os significantes vão deslizando nas pausas, nas interrupções, da representação de um predador a outro, sem se fixar. Após o pesquisador oferecer a palavra **VULNERÁVEL**, seguimos com a descrição da cena.

Em sua segunda fala, Mulan interdita o que apostamos ser o significante **SOBREVIVÊNCIA** que desliza para o significante **MALDADE**. A palavra sobrevivência também é questionada por ela ao dizer “*em termos, né?*”, (des)velando ser o que ela entende como julgamento dos meninos um ato predatório de sobrevivência, o qual ela também supunha ter, mas em menor grau comparado ao dos outros meninos: “*Eles tinham muito mais isso do que eu*”. Apostamos que sua impotência diante do julgamento dos outros meninos a faz cair no discurso da universidade, ao comparar os saberes e supor em seu saber um saber faltoso, assim colocando os outros meninos como fonte desse conhecimento que é da ordem do imaginário (LACAN, 1969; 1974). Entretanto, caro leitor, a depender do modo como ela se coloca diante desses meninos, podemos deslizar para o discurso do mestre, uma vez que ele representa o discurso do poder. Lembremo-nos de que em uma sociedade falocêntrica os homens se posicionam enquanto ativos ou passivos a depender do poder que podem exercer sobre os outros (BARBO, 2008). A seguir, apresentamos algo que Mulan diz a respeito de sua forma de fazer laço com o Outro.

Recorte 5 - Entrevista 1 (fragmento 1)

MULAN: eu sempre fui muito, assim, dessa:: dessa energia que eu trago mesmo, assim de:: / de mu' de muito pa' de paz e amor, de:: de querer ser amiga das pessoas, de querer colaborar, de estar junto, e tal. De **querer gostar das pessoas e querer que elas gostem de mim, né?** E eu já tô (...) e ultimamente eu tenho esbarrado tanto nisso ((risos)) / de perceber o quanto que eu quero que as pessoas gostem de mim / que eu tô até assustada.

Fase do espelho - Entrevista 1 (fragmento 2)


Tradução: “Eu ainda não superei a necessidade de aprovação , ou superei? Certo, agora me faltam palavras ... Eu não consigo encontrar um sentido nem mesmo no meu percurso enquanto uma pessoa escolarizada, ou até mesmo como educadora.”

Nos dizeres acima, Mulan descreve suas oscilações entre se posicionar como independente do discurso do Outro e a sua necessidade de ser reconhecida e amada. Entretanto, ela parece se manter impotente diante da necessidade de aprovação do Outro; teme ser julgada como não amável em sua função de educadora.

Mulan, talvez corroborando o que postula Revuz (1998), busca na língua inglesa a chance de se expressar para se constituir mulher, ser outra pessoa, uma vez que na língua do Outro, nosso supereu não é tão punitivo quanto o é na língua materna. Portanto, quando lhe pedimos para que escrevesse o que lhe viesse à mente ao longo do momento que nomeamos **fase do espelho** (seção 4.3) a deixamos livre para decidir em que língua escrever. Dessarte, alguns trechos para análise estão em inglês e por nós livremente traduzidos.

Percebemos, então, dois momentos nesses recortes. No primeiro, vemos Mulan se colocando como objeto de desejo do Outro, típico do discurso da histórica. Acreditamos que Mulan, nessa cena, se depara com o impossível de tudo fazer desejar, e isso a assusta. Entretanto, no segundo recorte, ao se assistir 4 meses após esta gravação¹²⁷, ela escreve em inglês e na escrita percebemos um deslize significativo demonstrado no vacilo: “*Eu ainda não superei a necessidade de aprovação , ou superei?*”. Ainda que esteja buscando se significar, temos como pista dois cenários: o que ela está na posição de aluna (“*educated person*”) e na outra em que já está na posição de professora (“*educator*”). Apostamos que no laço com seus

¹²⁷ Esta entrevista foi feita em 8 de julho de 2021. Mulan escreveu seus manuscritos de novembro a dezembro.

alunos, algo emerge enquanto efeito que lhe coloca em dúvida se ainda estaria necessitando da aprovação deles. Atentando aos detalhes, ela fez laço em português com seus colegas na escola, enquanto que com seus alunos, ela o faz não só na expressão em português, como também em inglês. Diferentemente da primeira cena, a dúvida emerge justamente quando ela está escrevendo em inglês. Ela se depara, na relação com seus alunos através do uso da língua inglesa, com a falta intrínseca e o que gera a expressão “*short on meaning*”. Passemos agora para outro trecho em que aprofundamos um pouco mais no modo como Mulan estabelecia laço na escola.

Recorte 6 - Entrevista 1

MULAN: Eu tinha que **ficar sempre me defendendo, né?** Eu tinha que ficar **sempre me defendendo e não tinha ninguém, assim, pra::: ... (...) não existia autoridade ali naquele espaço que, é:::, respeitava, ali, ou que tava ali pra garantir o meu direito, entendeu?, de ser::: ... de ser respeitada.** E aí eu tinha muito medo também de, é:::, **partir pra briga porque eu não conhecia o pessoal.**

Butler ao articular as noções da ética da não violência (2011; 2015; 2017), nos elucidada que o medo gerado pela incerteza de não se saber se a violência será necessária, faz com que a violência seja retroalimentada. A violência, enquanto “*passagem ao ato*” (LACAN, 1970) indica que o sujeito não deu conta de sustentar o semblante, rompendo com o laço social. Ou seja, é quando a Cultura não dá conta de conter os impulsos mais agressivos do sujeito. Diante de ter que se defender, de não saber se deve se defender, de não ter quem a defenda, Mulan se mantém impotente. O gesto de deixar o cabelo crescer sugere um giro no discurso, giro este que ela não conseguiu sustentar. Vejamos:

Recorte 7 - Entrevista 1 (fragmento 1)

MULAN: E, assim, eu deixei o meu cabelo crescer, meu cabelo ficou muito grande. Mas, assim, eu não sabia cuidar do cabelo também, aí ele ficava muito feio o cabelo. Fo:::foi um período, assim, muito difícil que eu que::: ... **que aí eu comecei a ter muita disforia mesmo,** porque não::: ... **eu não conseguia assumir a imagem que eu queria.** E aí sempre:::, é::: ... e aí o:::o:::o dano psicológico das outras pessoas que estavam ali, o **dando que elas me causavam era muito grande.** É:::, de falar que v:::vai me pegar e raspar minha cabeça...

Fase do espelho - Entrevista 5 (fragmento 2)

I have the mind going on inside me,
why do I have to answer the questions
to validate my identity, why can't I
just be left alone?

Tradução: “Tem tanta coisa se passando dentro de mim , por que EU tenho que responder esses questionamentos para validar minha identidade, porque simplesmente não me deixam em paz?”

Partindo do “I” em destaque, este fez com que a continuação de seu dizer fosse fisicamente deslocada na página. Seria essa uma manifestação inconsciente do papel do sujeito enquanto agente de seu próprio deslocamento?

Partindo para a disforia de gênero, podemos pensar em Lacan, recuperando de nosso referencial teórico, ao mostrar que para o outro-sujeito, ser isso ou aquilo é uma questão de semblante, daquilo que eu espero que o outro capture de mim. A exibição do semblante está no reino animal e não seria diferente com o menino e a menina. A exibição resulta numa copulação de ordem sexual e que também traz em si traços de identidade (LACAN, 1970-71, p. 31), “fato de se reconhecer e ser reconhecido como pertencentes a um sexo” (CHEMAMA, 1995, p.99).

Mulan se vê sujeitada ao saber universal do discurso da universidade que permeia o ambiente escolar sobre aquilo que, imaginariamente, pode ser de menino ou menina. Acreditamos que ao mencionar sua disforia de gênero seja alvo dos ajustes provocados pelo *ideal de eu* diante do *eu ideal* que Mulan buscava construir sobre si, uma identidade interpretada pelo Outro (as instituições e outros alunos) como *Queer*¹²⁸. Apostamos que a disforia de gênero a colocava em um impasse (FRANCO & NEVES, no prelo): se assumir menino para atender às demandas do Outro, indo contra seu desejo; ou ir ao encontro de seu desejo e ser castrada pelo ‘grande’ Outro em forma de atos violentos. “*Porque simplesmente não me deixam em paz?*”, porque, como diz Butler ([1997] 2021) o discurso nos interpela sujeitos para nos tornar possíveis dentro dele ou para nos constranger. E mais uma vez Mulan parece que se vê impotente diante do Outro.

Após algumas cenas que caracterizam sua impotência, fizemos indagações acerca do sentimento de pertencimento ao espaço da escola. Encontramos este trecho:

Recorte 8 - Entrevista 1

MULAN: Na escola básica **eu me senti pertencente, é:::, até o momento em que eu colocava a minha identidade.** Então, a partir, assim, da minha adolescência, no início da minha adolescência, eu:::eu **me recusava não pertencer.** Então eu ficava me:::, é:::, eu ficava, **lutando para pertencer, né?** assim, do sexto ano até::: ... até o fim, né?, da Educação Básica. Eu fazia esse:::esse:::esse::: ... tipo, assim **"NÃO, eu vou pertencer sim." ((risos)) ... é:::, "... que a escola é minha também.", né?**

¹²⁸ Usaremos Queer, por esta abraçar qualquer manifestação de identidade, ou forma de identificação.

No dizer: “*eu me senti pertencente, é:::, até o momento em que eu colocava a minha*”, acreditamos que há um conflito entre o “eu ideal” de Mulan, e o “ideal de eu” exigido pelo espaço escolar. Vale a pena recordar, caro leitor, que “influenciado pelas críticas parentais e do meio exterior, as primeiras satisfações narcísicas buscadas pelo Eu ideal são progressivamente abandonadas, sendo sobre a forma desse novo ideal do Eu que o sujeito tenta reconquistá-las.” (CHEMAMA, 1995, p.100). Diante do impossível de fazer desejar, Mulan não se vê mais impotente. Pelo contrário, ela se vê compelida a criar saídas para se sentir pertencente ao espaço escolar, podendo esse ato configurar um possível movimento do lugar de impotência para o da impossibilidade constituinte de todo laço social.

Considerando sua identidade um ponto destacado no recorte anterior, buscamos por outros trechos em que ela aborda o tema:

Recorte 9 - Entrevista 1

MULAN: É:::, era (...) eu era o papel de um menino, né?, e que, é:::, de jeito nenhum eu:::eu p:::eu poderia ser homossexual, entendeu? De jeito nenhum. Sou só um menino que gosta de dançar. Sou só um menino que tem (...)q:::que é mais delicado, e tudo mais. E isso não me desleg:::deslegitimaria enquanto MENINO. E menino, no caso, seria um menino que é heterossexual, é::: ... Como é que fala? ... Compulsoriamente, né? Então, até 15 anos, foi dessa forma.

Entendemos desse recorte que o discurso cis-heteronormativo se articula como o “*nome-do-pai*” lacaniano (LACAN, 1970), a lei que regula o gozo. “*De jeito nenhum eu:::eu p:::eu poderia ser homossexual, entendeu?*”, temos nesse dizer evidências do discurso do mestre, caracterizado como o discurso que quer governar o gozo do outro. Mais uma vez, a questão semblante é crucial no percurso de Mulan, pois, ao nosso ver, manter o semblante de menino “*compulsoriamente*” hétero possibilita que os espaços não se fechem para ela, como visto no **recorte 1**. E essa pode ser uma saída que ela encontra, temporariamente, para seu impasse, como uma forma de manter o laço, ainda que seja na posição de objeto do Outro. Como explica Butler (2003,2020) o gênero emerge a partir de nossas escolhas de performativo¹²⁹. Porém, algo de nossa performance sempre escapa, evidenciando algo de nossa singularidade. Vejamos no trecho a seguir.

¹²⁹ Mas para a Psicanálise são as escolhas inconscientes que interessam. Contudo, isso não quer dizer que o semblante de menino hetero tenha sido sustentado conscientemente, embora assim o pareça. Vale lembrar que suas falas são no *après-cours*, portanto não podemos afirmar que ela tomou essa decisão anteriormente.

Recorte 10 - Entrevista 1

<p>MULAN: ... mas a professora de educação física, ela continuava me:::, é:::, me excluindo dessa forma sabe? Tipo assim, ela tinha grupo das meninas que continuavam do ano passado e eu lembro de uma vez que era um::: ... que ela falou que ela ia dar aula de ginástica, é:::, rítmica, né?, que a gente ia aprender a fazer dança, movimento com::: com::: / com:::com bambolê, com:::com fita, essas coisas, ela não::: ... ela não deixava eu participar, assim, ela saía pra lá, deixava o rádio com as meninas...</p>

A professora de educação física, sustentada pelo saber universitário, elabora suas atividades baseadas na construção imaginária sobre aquilo que é apropriado para ser desempenhado por um corpo feminino e um corpo masculino em suas aulas. Deslizando para o discurso do mestre, o de tudo querer governar, apostamos que a professora impõe sua autoridade e não permite que Mulan participe. Entretanto, Mulan, na posição de histérica que não permite ser governada pelo mestre, destrona a professora de seu lugar, a qual escapa da cena, no que Lacan chama de “*acting out*” (1969), um comportamento inesperado dentro de uma cena que produz um recalque e uma resposta imediata. Mulan, diante do impossível, não desliza para a impotência. Busca uma alternativa para dar conta de seu desejo pela dança. Vejamos.

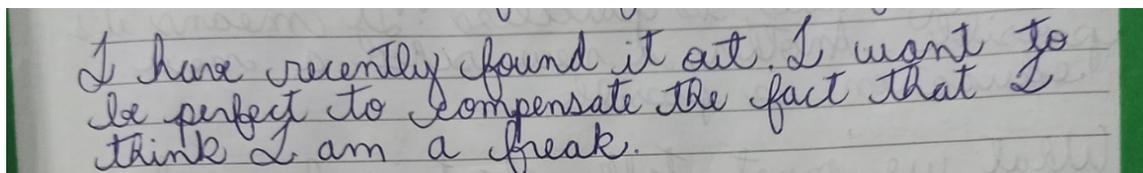
Recorte 11 - Entrevista 1

<p>MULAN: Inclusive, pra eu fazer a organização do meu grupo de dança, eu também tinha que providenciar o meu rádio, a minha música, é:::, tudo. Tudo era por minha conta, entendeu?... Eu comecei a tentar me articular com as coordenadoras pedagógicas. Eu começava a falar assim "Se eu escrever um projeto pra eu ter o me'(...) um grupo de dança da escola, pra eu, é:::, poder fazer uma coisa que vai s:::(...) vai representar a escola nos eventos. Seria le'(...)possível?..." A gente conseg'(...) que aí eu consegui organizar, é::: ...é:::, os coleguinhas que queriam participar comigo pra apresentar no dia da:::da festa junina. E aí eu agradei e falei no microfone e tudo. É:::, foi muito::: ... foi muito legal.</p>

Como sabemos, o discurso do mestre tem como produto a falta (*objeto @*). Diante da falta produzida pelo seu laço com a professora de educação física, acreditamos que Mulan, movida pelo discurso da histérica, busca outro mestre que dê conta de sua falta: a coordenadora pedagógica. A histérica demanda a verdade para o mestre, e percebemos no lapso “*ter o me'(...) um grupo de dança da escola...*” que o desejo de Mulan é governar, a partir do discurso da histérica. No segundo lapso, “*Seria le'(...)possível?*”, supomos ser **LEGÍTIMO** a palavra que Mulan contorna, evidenciando um efeito de sua falta gerada pelo laço com a professora de educação física: na verdade de Mulan, apostamos que diante da lei do mestre, da professora de educação física, ela não se considera uma aluna legítima. Entretanto, não é apenas nas aulas de educação física em que ela buscou ser legítima:

Recorte 12 - Entrevista 1 (fragmento 1)

MULAN: Então essa questão do do:: do **desempenho acadêmico**, assim... É:: / foi assim **a forma que eu busquei ter uma l' uma:: legitimidade** dentro do espaço, **porque o es' o espaço não era, é::, eu não era legítima pro espaço, né?** Então era uma forma que eu buscava, é:: /// Era como se fosse, assim::: ... **não sei se era uma arma ou se era um escudo, né?**

Fase do espelho - Entrevista 4 (fragmento 2)

Tradução: “Eu recentemente descobri que eu quero ser perfeita para compensar o fato que eu me acho estranha.”

Desde o **recorte 9** temos que a questão do semblante, ter que se parecer como menino, é algo compulsório no manejo de seu laço com o Outro cis-heteronormativo. Lembremo-nos que o Outro da Cultura é quem estabelece o sistema de valores e regras a serem cumpridas e obedecidas pelos sujeitos (CHEMAMA, 1995) Sabe-se, também, que é no **estádio do espelho** que o sujeito descobre que ele e a mãe não são a mesma pessoa e a partir deste momento a imagem no espelho se torna o objeto de investimento libidinal da criança em seu “*narcisismo primário*”. Este estágio é superado quando a criança busca no exterior outros objetos com que se identificar. Desde a nossa primeira cena, percebemos que Mulan é castrada, constrangida, ignorada diante de suas escolhas que, para ela, são apostas significantes que dizem muito sobre seu modo-de-gozo. Lembremo-nos que o *estádio do espelho* é o momento em que o sujeito começa a conviver com aquilo que é diferente de si e passa a formar sua identidade (LACAN, 1956-1957; JORGE, 2008).

Ao dizer “*porque o es' o espaço não era, é::, eu não era legítima pro espaço, né?*”, percebemos que algo é recalcado em sua primeira tentativa de formulação da sentença: “*porque o espaço não era...*”, seria a palavra **LEGÍTIMO** a que melhor completa esta sentença? O que evidenciaria que ela não encontra no espaço escolar significantes que dêem conta de sua singularidade. Portanto, diante da impossibilidade de tudo fazer desejar característica do discurso da histérica, surge como efeito a representação imaginária sobre si, um S2 produzido como efeito do laço com o Outro: “*eu não era legítima pro espaço, né?*”. Uma vez que o mestre não dá conta de lhe dizer sobre sua falta, a histérica vai buscar no ‘grande’ Outro o S2 que possa simbolizá-la.

Retomando a questão do semblante, sua validação parte do Outro. Como visto anteriormente, o semblante pode ser tanto um modo-de-gozo quanto de mal-estar (LACAN, 1970). Ao nosso ver, o que Mulan ambiciona é que seu semblante pare de lhe causar mal-estar no laço com o Outro, ou seja, que pare de lhe colocar no lugar da impotência. Com o desejo de não ser mais impotente, ela faz do seu saber adquirido através do discurso universitário uma “*arma e um escudo*” para sustentar seu semblante.

Entretanto, encontramos na fase do espelho na entrevista 4, indícios de uma reelaboração do significante **DESEMPENHO ACADÊMICO**. Em seu dizer: “*Eu recentemente descobri que eu quero ser perfeita para compensar o fato que eu me acho estranha.*”, notamos que, ao se colocar como objeto de desejo do Outro e no intuito de atender às suas exigências, Mulan deixa de construir saberes sobre si. Em outras palavras, queremos doar a nossa falta a alguém e nos colocar sob o olhar desse alguém como um objeto amado, não por posse, medo ou para realizar um sonho nosso, não porque aquela pessoa faz sentido na nossa vida, mas porque com ela o registro do sem sentido emerge constantemente e precisa ser constantemente significado. Pedimos ao outro o preenchimento da falta, mas só se descobre o amor de fato quando deixamos de tentar preencher a nossa falta e a falta do outro, aceitando a “*não relação sexual*” (LACAN, 1970). Diante da impossibilidade de se fazer desejar, Mulan não tem nem o amor do outro-sujeito e nem o seu próprio.

Chegamos ao final desta seção com indícios e uma questão suleadora: a singularidade trans de Mulan aponta que, em sua infância e adolescência, seu *eu ideal* trans buscava se simbolizar no discurso da cis-heteronormatividade. Como visto, o corpo de Mulan aponta para a incompletude deste discurso cujo saber imaginário, sustentado pelo discurso universitário, aponta para a impossibilidade de se imaginar outras nomeações de um corpo com pênis. Portanto, os significantes disponíveis no discurso cis-heteronormativo não dão conta de sua singularidade, o que acaba por deslocá-la para a impotência, através da ordem do mestre exercida pela lei do “*nome-do-pai*” presente na Cultura cis-heteronorma, adequando seu *eu ideal* ao *ideal de eu*.

Girando para o discurso da histórica, faltosa, que não se subordina à ordem do mestre, ela busca soluções para se fazer **LEGÍTIMA** nos espaços, se fazer pertencente, ou, se fazer desejável. Porém, ao se colocar no lugar de desejo do Outro, não o consegue, e seu desejo de completude tenta esconder seu medo de não ser amável. Diante desta realidade, levantamos o seguinte questionamento: para dar conta das demandas de seu modo-de-gozo e poder construir o seu *eu ideal* enquanto mulher trans, para quais lugares Mulan se desloca? Onde ela busca significantes para elaborar seu eu feminino? Vejamos na seção seguinte.

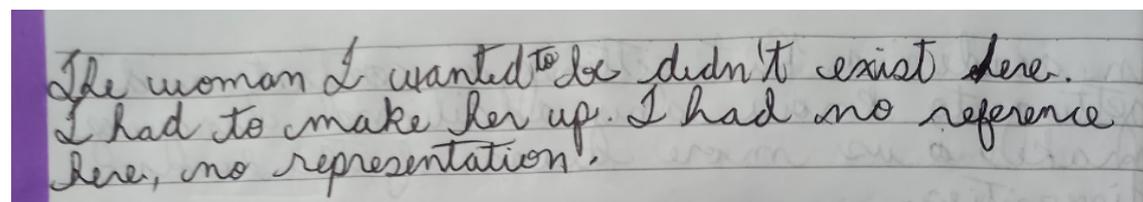
4.4.2 Being a girl in the English multiverse...

Em nossa última seção vimos que Mulan, ao falar a respeito da própria imagem, a partir das nomeações dadas pelo Outro, o faz presa em uma representação imaginária de si que, de certa forma, aumenta sua falta e mantém a sua dinâmica de ficar à mercê do gozo do outro para tirá-la daquele lugar de “*freak*”¹³⁰. Mulan nos apresenta neste recorte o inglês como a possibilidade de ser outra pessoa, a possibilidade de deslizar na cadeia significativa e se simbolizar de outras formas. Revuz, (1998, s/p) diz que “aprender uma língua é sempre , um pouco, tornar-se um outro”. Vejamos como Mulan o faz a partir do recorte 13.

Recorte 13 - Entrevista 2 (fragmento 1)

MULAN: Eu sinto uma **liberação**, assim. Eu sinto... /// ... Eu sinto que eu **tenho mais possibilidades** de ser quem eu quiser. // ... **mais confiança, mais::: ... /// ((50s)) ... eu não tenho vergonha da:::da língua portuguesa. Não tenho.** Mas... se a gente vê o que está na base da Cultura brasileira, **não tem espaço pra mim.** Eu vejo isso... Mas::: ...É mais possível se pensar dentro desses ... dentro desses ... dentro dos ... dentro do universo inglês. É ma:::é mais possível::: /// É possível você entrar dentro de um outro::: universo, dentro de um:::de um outro mundo em que::: ... em que as:::as relações estão estabelecidas..., não precisam ser as mesmas. É um:::é um lugar, é:::, em que::: ... // é um novo lugar em que você pode::: ... // em que parece ser mais seguro...

Fase do espelho - Entrevista 2 (fragmento 2)



Tradução: “A mulher que eu queria ser não existia aqui. Eu tive que inventá-la. Eu não tive referências aqui, nenhuma representação.”

É importante lembrar, caro leitor, que o discurso cis-heteronormativo se articula como uma estrutura de poder sexo-gênero que se constitui dentro da linguagem (BORBA, 2020). A partir do que o sujeito aciona enquanto performativo, este será interpretado pelo repertório imaginário do Outro da Cultura e este saber universal lhe permitirá existir naquele discurso ou não (BUTLER, [1997], 2021). Diante do corpo de Mulan, o outro-sujeito aciona as indexicalizações já constituídas ao longo da história para criar um invólucro em torno deste corpo, e assim poder instaurar a dinâmica do poder. Entretanto, parece-nos que os sujeitos

¹³⁰ Estranha.

trans tendem a desafiar o significante imposto pelo outro. Uma habilidade de TRANSposição não só para as nomeações do avesso mas também ao desestabilizar o imaginário cis-heteronormativo como sendo tão fixo.

Mulan acredita que na língua do Outro alcançará uma formação de compromisso com suas vontades (REVUZ, 1998) por ter se deparado com a lei em sua língua mãe, o “*nome-do-pai*” (LACAN, 1970), que impera desde o discurso cis-heteronormativo a respeito das (im)possibilidades de ser do corpo trans. Na língua do Outro, diferente da língua mãe, ela possui maior liberdade para experimentar outras formas de vir-a-ser, uma vez que, como ela mesma diz: “*A mulher que eu queria ser não existia aqui. Eu tive que inventá-la*”, e ela o faz a partir do inglês.

Ao dizer “*mais confiança, mais::: ... /// ((50s)) ... eu não tenho vergonha da:::da língua portuguesa*, percebemos que, ainda que ela goze deste lugar outro proporcionado pela língua inglesa, algo de seu gozo não é completamente satisfeito neste lugar, levando-a a reelaborar seu saber sobre a língua mãe, o português. Chama-nos atenção a pausa de “50” segundos entre uma elaboração e outra, evidenciando que algo entre a língua mãe e o inglês ainda tangencia o sem-sentido do real.

Mulan aposta ser o Outro da língua inglesa o lugar onde será capaz de simbolizar sua singularidade trans, uma vez que se desloca para o discurso universitário em busca de outro saber (S2), se colocando como um container vazio diante do inglês para que este lhe diga sobre sua falta. Ao mesmo tempo, a Cultura do Outro pode emergir como o mestre do discurso da histórica, em quem Mulan assume um saber, demandando respostas para sua falta.

Chama-nos a atenção, também, o modo como Mulan inicia sua fala com certa confiança do que supõe ser este lugar outro onde pode se significar. Entretanto, após uma pausa longa em que algo sobre seu saber tangencia o real, suas certezas de antes passam a ganhar outros tons, tons de incerteza, como em seu último dizer “*é um novo lugar em que você pode::: ... // em que parece ser mais seguro...*”. Entre o **PODE** e o **PARECE**, houve um intervalo de 10 segundos em que mais uma vez, diante de seu dizer, suas certezas passaram pelo não sentido do real e, desvelando um saber imaginário de que na língua do Outro, aparentemente, não seria tão castrada quanto na língua mãe. Percebendo suas incertezas, o pesquisador lhe faz uma pergunta acerca disso:

Recorte 14 - Entrevista 2

RAFFUXU: Você acredita que na cultura do Outro você não seria podada?
--

MULAN: CLARO. SEM DÚVIDA NENHUMA. É:::, e:::, né?, eu não con:::não:::é::: (...) a conclusão do que eu::: (...) porque que eu disse isso, né? Mas eu sinto, por exemplo, que um lugar que, apesar... (...) não sei, pode ser uma ideia muito equivocada da minha parte. (...) eu vi a possibilidade do ser, de:::de::: (...) eu vi que é:::é possível ser::: ... o que eu imaginava ser, o que eu queria ser, é possível. Mas ao mesmo tempo, a gente vê, agora, também, que não é tão possív' (...) Eu vejo agor' que não é tão possível... ou que é possível, e::: (...) não sei, eu só, e:::eu (...) mas eu acho ainda menos violento do que aqui.

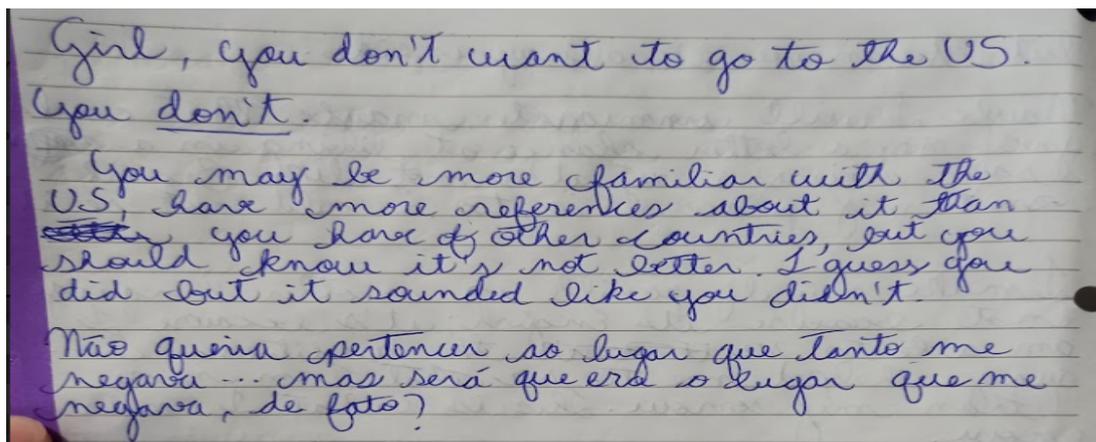
Vale lembrar o leitor da fórmula da fantasia de Lacan ($\$ \langle \rangle a$) em que o sujeito cindido cria uma fantasia de completude em torno do *objeto @*, em um processo de conjunção e disjunção entre gozo e desejo. O sujeito do gozo busca significantes para extravasar a pulsão, ficando a cargo do sujeito do desejo questionar os efeitos produzidos por aquele significante, exigindo sempre outros (CAMARGO, 2009). Sendo o gozo a satisfação da pulsão, ela possui seu circuito que tem como alvo atingir o *objeto @*, mas sem nunca atingi-lo, mostrando que o que se manifesta é o objeto do gozo e não aquilo que nos falta. (LACAN, 1964).

Ao dizer “*CLARO. SEM DÚVIDA NENHUMA.*”, percebemos uma satisfação pulsional porém incompleta que serviu como empuxo para tentar se significar outra vez. Entretanto, considerando a fórmula da fantasia acima, o sujeito do desejo questiona o efeito produzido por este enunciado enfático, exigindo outras formas de simbolizar a falta, uma vez que esta simbolização não satisfaz. Mulan, diante de seu próprio dizer, emerge no discurso da universidade como produto desse discurso, se colocando como o sujeito dividido que questiona o saber S2 imaginário. Ela tenta se simbolizar e acaba se deparando com o real do não sentido: “*É:::, e:::, né?, eu não con:::não:::é::: (...) a conclusão do que eu::: (...) porque que eu disse isso, né?*”

A partir desse último dizer, temos subsequentes tentativas de se simbolizar, e no encontro entre os significantes o inconsciente se manifesta. Ainda como a histérica, cindida, produto do discurso universitário, ela questiona todos os saberes imaginários quanto à Cultura americana: “*é possível ser::: ... o que eu imaginava ser, o que eu queria ser, é possível. Mas ao mesmo tempo, a gente vê, agora, também, que não é tão possív' (...)* *Eu vejo agor' que não é tão possível... ou que é possível, e:::’.* Sendo o saber uma fonte de gozo, ela tenta recuperar o gozo de sua primeira enunciação, porém este já é irrecuperável, restando-lhe seu resto, “*mas eu acho que ainda é menos violento do que aqui*”, que ainda assim insiste em gozar do saber de que lá fora é mais seguro que em seu próprio país.

Perguntamo-nos, ao analisar seus manuscritos, se haveria algo sobre este seu dizer, se ela ainda goza sobre este saber (S2). Encontramos os seguintes recortes.

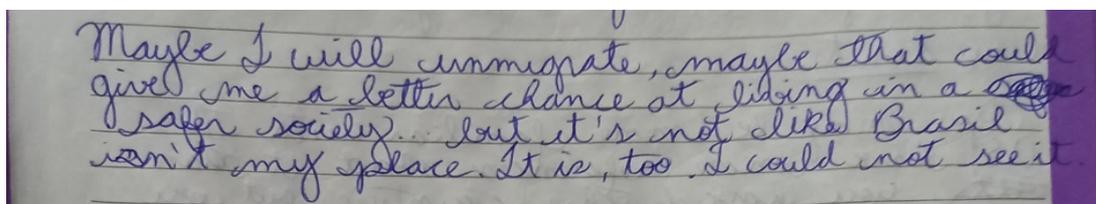
Recorte 15 - Fase do espelho - Entrevista 2 (fragmento 1)



Tradução: “Garota, você não quer ir para os Estados Unidos. Você não quer! Você pode até estar familiarizada com os Estados Unidos, ter mais referências sobre ele do que sobre outros países, mas você deveria saber que não é melhor. Eu pensava que você sabia, mas soou como se você não soubesse.”

Transcrição: “Não queria pertencer ao lugar que tanto me negava... mas será que era o lugar que me negava, de fato?”

Fase do espelho - Entrevista 2 (fragmento 2)



Tradução: “Talvez eu emigre, talvez isso possa me dar uma chance melhor de viver em uma sociedade mais segura ... mas não é que o Brasil não seja meu lar. É também. Eu não conseguia ver isso.”

Estes recortes mostram que nossa inovação metodológica teve como efeito a reelaboração de Mulan. Diante de seu dizer, Mulan gira para o discurso da histórica que questiona a verdade produzida pelo mestre. Sabemos que neste movimento o que ela deseja é destroná-lo de modo a assumir seu lugar. Podemos perceber este movimento no dizer: “Garota, você não quer ir para os Estados Unidos. Você não quer!, que sua escrita deixa marcado no novo saber sobre si (des)velado. Ao caminhar para o impossível (do discurso da histórica para o discurso do mestre), afetada pelo próprio dizer, Mulan passa a produzir saberes que parecem tirá-la do lugar da impotência. Uma vez que seu antigo saber sobre a língua do Outro já não dá mais conta de lhe servir como fonte de gozo, ela gira do discurso da

universidade (S2) para o discurso da histórica (\$) concluindo seu giro no discurso do mestre (S1), onde passa a produzir verdades sobre si, buscando se simbolizar no S2.

Chama-nos a atenção no primeiro recorte que ela aciona as duas línguas e em cada uma há um saber particular concernente ao imaginário produzido sobre estas. Buscando desde o recorte 14, “*mas eu acho ainda menos violento do que aqui.*”, temos que este saber foi ressignificado como “*mas você deveria saber que não é melhor.*”. Ao escrever em português, percebemos que há outro giro discursivo, em que ela passa do discurso do mestre para o discurso da histórica demandante de saber : “*Não queria pertencer ao lugar que tanto me negava... mas será que era o lugar que me negava, de fato?*”. Ao analisarmos o **fragmento 2**, percebemos que em inglês - língua em que ela consegue elaborar melhor os saberes sobre si enquanto mulher trans - , há mais uma vez um giro discursivo, em que ela consegue simbolizar sua relação com o Brasil, ao dizer que: “*não é que o Brasil não seja meu lar. É também. Eu não conseguia ver isso.*”

Vimos ao longo desta seção o modo como Mulan busca ser outra pessoa no inglês (REVUZ, 1998) e se vale dos novos significantes dessa língua para simbolizar sua falta. Nesse ínterim, descobrimos que Mulan busca a Cultura do Outro para driblar a impotência que a Cultura cis-heteronormativa impõe sobre seu corpo transviado à norma. Ela nos relata que é na Cultura do Outro que ela consegue ter mais liberdade para ser Mulan, entretanto, ela comete alguns deslizes em seu dizer ao falar sobre suas representações imaginárias acerca deste Outro. O que podemos apreender é que, ainda que o Outro da Cultura inglesa lhe permita ter mais liberdade para articular sua singularidade, havia um saber velado, recalcado acerca do que ela realmente sentia sobre a Cultura norte-americana. Ao mesmo tempo, ao se assistir, Mulan ressignifica sua relação com a Cultura brasileira, mostrando-nos um afeto que estava velado.

4.4.3 O que significa ser uma professora de inglês trans?

Caro leitor, nesta seção, abordaremos a realidade de Mulan enquanto professora de inglês trans, sua relação com a sua profissão, com os seus alunos e a comunidade escolar.. Iniciamos com um recorte que aborda sua escolha pela profissão:

Recorte 16 - entrevista 3
MULAN: e isso, assim, é tão legal porque a gente, no meio de um congresso, você ver ali quantos professores, ou teachers-to-be, ou:::ou::: ... é:::, investindo nisso e buscando isso. E te:::te dá aquela coisa,

assim, "Eu estou no caminho certo porque eu encontrei uma coisa que é maior do que eu, e que eu vou fazer parte, e que:::, e que, assim, "That's where I belong." ¹³¹

Ao passar do universo da formação escolar para o universo da academia, Mulan encontra no curso superior narrativas que corroboram a sua realidade trans. Foi apenas na universidade que ela pode ser ela, no sentido de manifestar sua singularidade trans. Seu corpo, dentro do discurso acima, é visto como o corpo de uma professora, uma educadora que pode formar outros sujeitos para o social. Ainda assim, devemos nos atentar para o fato de que, no imaginário cis-heteronormativo, a professora é vista como um modelo a ser seguido, uma mãe espiritual para seus alunos, que também podem ser tomados como seus filhos e filhas (LOURO, 2013). Portanto, buscaremos mostrar nos próximos recortes como esta dinâmica se dá quando Mulan sai do universo acadêmico e passa a fazer laço com os alunos e a comunidade escolar como um todo.

Por enquanto, sobre o recorte 16, ao dizer: " *teachers-to-be, ou:::ou::: ... é:::, investindo nisso e buscando isso. E te:::te dá aquela coisa, assim,* ", percebemos que Mulan se identifica com o desejo do Outro e se apropria dele, construindo em torno disso a fantasia daquilo que lhe falta (LACAN, 1964; CAMARGO, 2009). Ao dizer: "Eu estou no caminho certo porque eu encontrei uma coisa que é maior do que eu, e que eu vou fazer parte, apostamos que ela se coloca como o outro do discurso da universidade, o aluno vazio destituído de saber, que supõe na academia uma fonte de S2 inesgotável localizada no imaginário, dando ao sujeito efeitos de verdade, mas que não se sustentam. Em sua última sentença, "That's where I belong.", supomos ter Mulan encontrado uma brecha no Outro onde o *eu ideal* e o *ideal de eu* coincidem em algum nível. No próximo recorte, apresentamos uma queixa de Mulan que nos elucida se no mercado de trabalho, seu semblante de mestre, enquanto uma professora de inglês trans, se sustenta.

Recorte 17 - Entrevista 3

RAFFUXU: É o que que você tem que decidir?

MULAN: Se há um espaço confortável na minha mente (...) tô mais decidida em relação a isso (...) se há um espaço confortável na minha mente pra eu ser, pra ... pra minha prestação de serviços ser a entrega de um personagem, né?, que no caso é o teacher Fa Ping, né?

Neste recorte temos que a realidade de Mulan, sua fantasia de pertencimento descrita no recorte anterior, encontra alguns impedimentos no mercado de trabalho. Ao deslizar da

¹³¹ "É onde eu sinto pertencer."

realidade acadêmica para a escola¹³², percebemos que seu semblante feminino precisou sofrer adaptações para que coubesse no que, segundo ela, seria aceitável para o mercado de trabalho, e de modo que não arriscasse seu emprego.

Relembramos, caro leitor, que para Butler ([1990]2003; [1993]2020) ao se acionar os performativos que constituem uma performance, estes fazem emergir o gênero que, segundo Henrique & Vidal, (2019, p. 1-2), são “regidos pelas dimensões imaginária e simbólica, adscritos ao Outro social”. Mulan, diante da impotência de não poder ser uma mulher trans dentro da sala de aula, busca uma saída ao se colocar como objeto do desejo do Outro (seja a instituição quanto outros sujeitos).

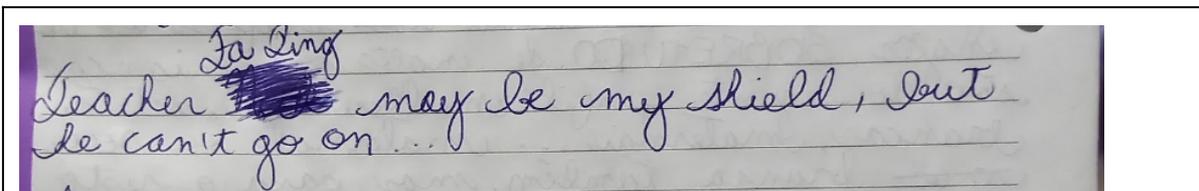
A partir do discurso capitalista podemos compreender a demanda dos mercados. Como visto em nosso capítulo teórico, o discurso capitalista é aquele que não faz laço com o campo do Outro. O sujeito cindido (\$) que ocupa a posição do consumidor, ou capitalista, faz agir a ordem do mestre (S1) que se direciona para o (S2) que, para nossa análise, pode ser o mercado de trabalho, exigindo a produção de servomecanismos, ou latusas, como diz Lacan, para dar conta das demandas do sujeito cindido que acredita ter acesso àquilo que lhe falta. O mercado compra a partir do capital a mão de obra do escravo, se valendo de seu gozo. Nessa dinâmica, o professor tem que tamponar a demanda do mercado, o qual não se importa com sua singularidade. Ou seja, o capitalista não se importa com o rosto do escravo e espera que este apenas trabalhe (BRAUNSTEIN, 2010, BADIN & MARTINHO, 2018, PENA, 2021)

Percebemos em seu dizer que Mulan vivencia um impasse, “o entrelugar como um efeito significativo que não se fixa em um sentido único” (FRANCO & NEVES, no prelo). Percebemos que há um conflito entre o *eu ideal* e o *ideal de eu* (CHEMAMA, 1995) do mercado de trabalho que a castra em seu modo-de-gozo. No recorte 18, ela nos dá mais informações sobre esta relação:

Recorte 18- Entrevista 3	(fragmento 1)
<p>MULAN:.. pra que Mulan sobreviva, né?, é como se fosse:: /// o, o teacher Fa-Ping¹³³ é é muito um escudo. Ele é um, ele é um escudo pra Mulan... É::: // Então essas lutas elas são travadas, assim, de mãos dadas, sabe?.. o Fa-Ping é essa pessoa que tá ali representando:::...</p>	
Fase do espelho - Entrevista 3	(fragmento 2)

¹³² Vale lembrar que a escola onde Mulan trabalhou é particular e oferece ensino bilíngue.

¹³³ Pseudônimo da performance masculina/ do nome social masculino de Mulan, baseado no filme “Mulan”.



Tradução: “O teacher Fa-ping pode até ser meu escudo, mas ele não vai poder continuar...”

Atentemo-nos para o que já foi construído sobre Mulan até este ponto: ela se vale do inglês como paraíso significante não só para tentar simbolizar sua falta, mas como lugar onde ela busca referências para construir seu eu ideal feminino. A universidade é o lugar onde ela também encontra narrativas que lhe permitem se identificar e, a partir disso, fazer laços. Tanto a língua inglesa quanto sua profissão lhe servem como este lugar no Outro onde Mulan, finalmente, pode existir. Porém, o “nome-do-pai” materializado na cultura cis-heteronormativa lhe impede de gozar deste lugar a seu modo, levando-a a sustentar um outro semblante para que possa gozar deste lugar: “Fa-Ping é é muito um escudo”. *Ele é um, ele é um escudo pra Mulan...* Percebemos que, ao se assistir, Mulan retoma sua fala enunciada no recorte 17 em que se pergunta “*Se há um espaço confortável na minha mente*” para o teacher Fa-Ping e a ressignifica, deslocando da impotência gerada pelo impasse, lidando com o impossível de se fazer desejar como mulher trans no mercado de trabalho, dando-nos indícios de um alinhamento com seu real desejo: “*O teacher Fa-ping pode até ser meu escudo, mas ele não vai poder continuar...*”.

Diante dos recortes acima, nos questionamos sobre o modo como as crianças fazem laço com Mulan no ambiente escolar. O trecho a seguir traz alguma luz sobre isso:

Recorte 19 - Entrevista 3

MULAN: Porque, aí, é, o que vem depois é aquela correção social, né?... aquela correção social de que “NÃO. É mãe NÃO. Ele é o TEACHER. NÃO É sua mãe.”, né?, aquela correção social, né? Mas sim, isso acontece, né, é... Quando não é assim, geralmente falam PROFESSORA, também né?, “Ôh professora”, aí eles vão, e aí eles começam a se corrigir. Eu não, eu nunca corriji eles, né? Não, mentira, já corriji sim, mais recentemente porque eu vi pais corrigindo... eu vi pais corrigindo e aí eu fiquei... pensando... “ Ah, isso vai ficar trazendo incômodo depois, isso vai gerar, é, reclamação ao meu respeito.”, ah, não sei, medo... de “Ah, se eu não corrigir, o que que eu vou fazer?”, né?, então ... Eu sou obrigada a falar, a corrigir o aluno... eu sou obrigada a corrigir o fato de que eles me reconhecem enquanto sujeita, né? Isso é muito pesado.

Esta cena possui muitas camadas de entendimento. Primeiramente, temos a criança e o pai da criança enquanto duas instâncias distintas do Outro. Percebemos que para a criança o *eu ideal* de Mulan se articula livremente com o *ideal de eu* das crianças. Apostamos que no

universo fantasioso e simbólico da criança o supereu não seja tão crítico quanto no universo do adulto. No significante **CORREÇÃO SOCIAL** temos materializado a representação imaginária da castração, sustentada pelo discurso da universidade que dita aquilo que tal configuração do corpo é. Entretanto, diante do corpo trans, a criança aponta o furo no saber universitário da cis-heteronormatividade extrapolando a norma, o que faz com que, para seus alunos, Mulan seja possível.

Porém, na posição de mestre que não quer ser destronado pelos pais, Mulan adequa seu eu ideal àquilo que imaginariamente estaria dentro do esperado tanto para a instituição quanto para os pais dos alunos. Podemos perceber em seus dizeres *“Ah, isso vai ficar trazendo incômodo depois, isso vai gerar, é, reclamação ao meu respeito.”*, *ah, não sei, medo... de “Ah, se eu não corrigir, o que que eu vou fazer?”*, que no medo da desaprovação dos pais e da instituição, ela gira para o discurso da histórica que demanda do mestre respostas para seus questionamentos (LACAN, 1969).

Entretanto, ao analisarmos o dizer: *“eu nunca corriji eles, né? Não, mentira, já corriji sim, mais recentemente porque eu vi pais corrigindo..”*, percebemos um lapso ao dizer *“não, mentira”*, o qual revela uma censura do superego diante do gozo produzido pelo dizer *“eu nunca corriji eles, né?”*.¹³⁴

Terminamos esta seção trazendo a nomeação que Mulan dá a seu mal-estar, *“eu sou obrigada a corrigir o fato de que eles me reconhecem enquanto sujeita, né? Isso é muito pesado”*. Para sustentar seu semblante de professor(a), Mulan se vê obrigada a abrir mão de seu gozo para obedecer a ordem do mestre imposta pela Cultura cis-heteronormativa, castrando seu desejo de ser professora trans dentro da sala de aula.

Partimos agora, caro leitor, para o desfecho de nossa cena 3. O ato final de Mulan.

4.4.4 Mulan or Fa-Ping?

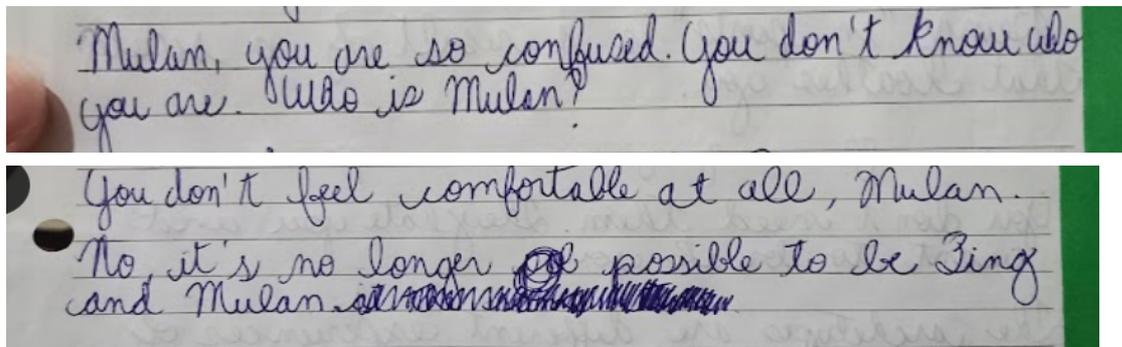
Estamos chegando ao fim de nosso espetáculo e queremos, antes de fecharmos as cortinas, colocar algumas considerações:

A realidade trans é marcada pela impossibilidade de ser livre no discurso cis-heteronormativo. Através do *Queer*, pudemos questionar este Outro de onde Mulan emergiu sujeita, apontado furos de sua incompletude, uma vez que nenhum discurso é capaz

¹³⁴ Vale lembrar, caro leitor, que a ética da psicanálise é a ética do desejo, e não da moral.

de satisfazer plenamente os sujeitos. A cis-heteronormatividade vende a ilusão de completude a fim de sustentar-se no poder. A partir da narrativa de Mulan pudemos perceber que a escolha de uma identidade é uma falácia que pode jogar o sujeito na impotência extrema. Apesar de suas falas problematizarem os lugares, seja da cis-heteronormatividade, ou do discurso *Queer*, as saídas que Mulan parece encontrar estão justamente no deslizar da cadeia significante, ora uma, ora outra, conforme escolhe seu Inconsciente. Lembramos que em nenhum dos lugares ela será completa, pois ela precisa ser TRANS, transitar.

Trazemos a seguir um recorte em que o pesquisador questiona sobre a possibilidade de sustentar sua dupla performance:

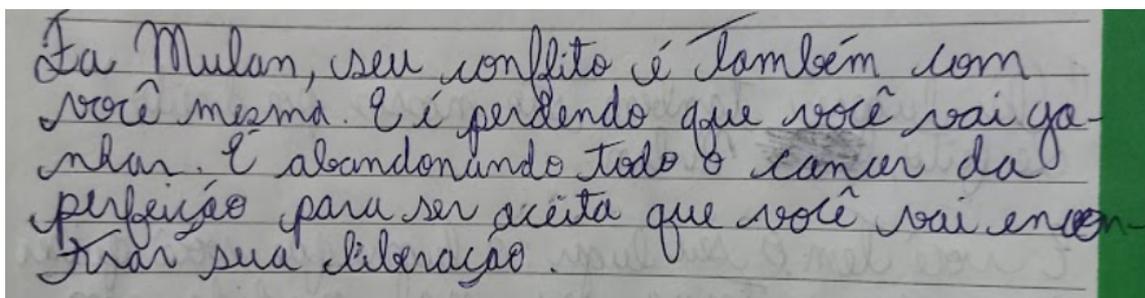
Recorte 20 - Entrevista 5
RAFFUXU: Is it possible to be both Fa-Ping and Mulan?
MULAN: I have been already. ((risos)) So YES.
Tradução: RAFFUXU: É possível ser ambos, Fa-Ping e Mulan? MULAN: Eu tenho sido. ((risos)) Então SIM.
Fase do espelho - Entrevista 5

Tradução: “Mulan, você está tão confusa. Você não sabe quem você é. Quem é Mulan?” ... “Você não se sente nem um pouco confortável, Mulan. Não, já não é mais possível ser Fa-Ping e Mulan.”

Mulan encontra na educação, na arte do ensinar associada a língua do Outro, o inglês, a possibilidade de se constituir Mulan. Vimos na seção anterior que seus impasses diante da escolha do que ser no mercado de trabalho a levam a ter que sustentar um semblante que vai de encontro com seu *eu ideal*. No dizer acima lhe perguntamos se é possível sustentar os dois semblantes e como resposta ela diz “*Eu tenho sido. ((risos)) Então SIM*”. O riso, como significante, pode ser a graça ou o embaraço, e aqui ele parece um efeito de um discurso que vai na contramão do esperado.

Ao analisarmos o seu segundo dizer, percebemos que diante da primeira cena, esta produz em Mulan um efeito. Ao deslizar para o discurso da histérica ela destitui o mestre, se colocando como a fonte do saber sobre o que realmente lhe falta. Mulan, ao assumir Fa-Ping como o semblante que habitará o espaço escolar, nesse dizer “*Não, já não é mais possível ser Fa-Ping e Mulan.*” ela ressignifica sua relação com a escola, se alinhando com o seu desejo de querer habitar o espaço escolar como Mulan!

Terminamos nosso espetáculo com uma última fala de Mulan, a qual não precisa de análise, mas que lhe sirva como um mais-de-gozar, um empuxo para que continue simbolizando seu real desejo.

Recorte 21 - Fase do Espelho - Entrevista 5



Fa Mulan, seu conflito é também com
você mesma. É perdendo que você vai ga-
nhar. É abandonando todo o câncer da
perfeição para ser aceita que você vai encon-
trar sua liberação.

Transcrição: “Fa Mulan, Seu conflito é também com você mesma. E é perdendo que você vai ganhar. É abandonando todo o câncer da perfeição para ser aceita que você vai encontrar sua liberação”

Aplausos!!

No camarim

PÓS ESPETÁCULO

Algumas (in)conclusões

*“... And my momma swore that she would
 Never let herself forget
 And that was the day that I promised
 I'd never sing of love if it does not exist
 But, darling, you are the only exception
 You are the only exception, Mulan!”¹³⁵*

Caro leitor, em nosso trabalho propusemos uma pesquisa de orientação psicanalítica com características de intervenção que, através da metodologia de entrevista clínica, aposta que o sujeito, na associação livre de seus enunciados, possa encontrar respostas para seus impasses a partir da relação transferencial com o pesquisador (FERREIRA, 2018; NEVES, 2021; PEREIRA, 2012; 2016; CORACINI, 2021). Em cena, uma professora de inglês trans, de pseudônimo Mulan, que no alto de seus 26 anos se recusa a não pertencer aos espaços de formação, tanto a escola quanto a academia. Esta pesquisa inaugura no POSLIN-UFGM discussões transversais dentro da Linguística Aplicada ao trazer para seu palco outras formas de vida possíveis e vivíveis, corpos marginalizados, vidas passíveis de violência dentro do escopo sexo-gênero.

Em nossa busca por referências bibliográficas, encontramos trabalhos que abordam as questões de gênero e sexualidade por uma perspectiva *Queer* dentro do campo da LA no ensino e aprendizagem de língua inglesa (MÍGUEZ, 2014; FREITAS, 2018; SOUZA, 2020), produções mais numerosas dentro da área da Educação e Psicologia escritas por mulheres trans e travestis ([Sara Wagner York](#) (2020); [Megg Rayara](#) (2017); [Sofia Favero](#) (2020); [Luma Andrade](#) (2012), e, também, literatura dentro do campo da Linguística *Queer* no Brasil (BORBA, 2020; MARQUES, 2020). Para nossa surpresa, não há no banco de dissertações e teses do POSLIN-UFGM e BDTD trabalhos que abordem narrativas de professores de inglês trans, ou pelo menos trabalhos que tenham sido escritos por professoras ou professores de

¹³⁵ “The only exception” Paramore, 2009 - https://www.youtube.com/watch?v=-J7J_IWUhl8

inglês trans. Este trabalho, portanto, tem o privilégio, a honra e a responsabilidade de ser seminal dentro do campo da LA. Da mesma forma, não encontramos trabalhos que articulem ao mesmo tempo LA, Estudos *Queer/* de Gênero e Psicanálise. Encontramos combinações de um com outro, mas nunca os três campos e fontes de episteme juntos.

Felicitemo-nos por esta ser uma produção gerada no sul epistêmico e que segue as sugestões de Paulo Freire e Kumaravadivelu (2015; 2012). Essas sugestões nos incitam a produzir saberes sobre o Sul global para romper esse vínculo de interdependência com os saberes do Norte Global, no sentido de que os saberes produzidos para cá das linhas abissais (SANTOS, 2009) também são saberes. Esta dissertação é um ato político de um corpo TRANSviado que exige respeito, que não quer ser amarrado à boca do canhão em nome de Deus em pleno século XXI.¹³⁶

Nossa pesquisa partiu do palco trans/indisciplinar da LA de Pennycook (2006), Moita Lopes (2006); Rajagopalan (2006); Signorini (2006); Rampton (2006), entre outros, rumo aos Estudos de Gênero que se fundamentam nos dizeres de Beauvoir (1949), de que a mulher não nasce mulher, mas se torna. Seu dizer ecoou e ainda ecoa em trabalhos como os de Leonard Sax ([2005] 2019); Spargo (2017), Weeks ([199] 2018), Louro (2013;2018;2018b), Monteiro & Ribeiro (2020), Barbo (2008), Foucault (1988), Gutman (2009), Edelman (2021), entre outros. Passamos, em seguida para o *Queer* de Butler ([1990]2003,[1993]2020) e seus interlocutores, Salih (2012), Pelúcio (2014); Colling (2007); Oliveira (2014); Aviz (2019), e na Linguística *Queer* com Borba (2020) e Marquez (2020). Trouxemos, também de Butler, questões concernentes ao discurso de ódio ([1997], 2021), noção de “rosto”, enquadramento midiático e ética da não violência (2011; 2015; 2017).

Na Psicanálise, trouxemos diversos conceitos: o de *sujeito*, a partir de sua entrada na linguagem no *estádio do espelho*, passando pela formação do *Inconsciente*, o *RSI (real, simbólico e imaginário)*, *Complexo de Édipo* e da *Castração*, a formação das *neuroses*, a *pulsão*, os *tempos da sexualização*, *significado* e *significante*, *falasser* e o *laço social* pela via dos *4 discursos* (LACAN 1956; 1964; 1969; 1970; 1972; 1974; 1975; FREUD, 1905; 1913;194; 1915;1930 - entre tantos outros). Por fim, trouxemos Revuz (1998), que se ancora na Linguística e na Psicanálise para nos elucidar como a língua do Outro nos possibilita ser outro sujeito, ser uma via de liberdade.

Nossa intenção foi pensar um caso a partir do social para o singular. Dividido em dois atos, a nossa peça trouxe os Estudos *Queer/* de Gênero enquanto discurso que emerge a partir

¹³⁶ Menção ao índio Tibira, cena que abre nossa Sinopse.

do discurso da cis-heteronormatividade e se apresenta como seu avesso. A Psicanálise nos permitiu tratar o sujeito na sua singularidade e nos serviu como instrumento de análise do discurso produzido por Mulan.

Em nossa problematização, evidenciamos que a cis-heteronormatividade não é capaz de produzir sujeitos plenos, o que ressalta a falta, ou a incompletude. O discurso *Queer* desconstrói a cis-heteronormatividade, sem, contudo, pretender se colocar no lugar da verdade, mas fazendo com que os discursos girem movimentando os laços (do mestre, da histórica, da universidade e do analista) ao apontar o furo nos discursos de poder sexo-gênero. Com isso, nós temos os sujeitos envolvidos no laço social que produzirão efeitos em seus posicionamentos tanto do discurso cis-heteronormativo quanto do *Queer*; não de um ou do outro apenas, mas de um e de outro porque ambos estão presentes na sociedade, nesse ‘grande’ Outro que nos constitui socialmente.

Portanto, ao acionar o *Queer* em nosso trabalho, nosso intuito não foi usá-lo como instrumento de análise, mas como um saber do Outro sobre quem nos debruçamos e desenvolvemos os nossos estudos. Usá-la como instrumento de análise abriria brechas para se atribuir juízo de valor moral aos dizeres de Mulan, o que se chocaria com a proposta da Psicanálise, cuja ética é a do desejo. Escolhemos, portanto, trazê-la apenas como aquilo que possa ter desencadeado efeito como discurso nos dizeres de Mulan. Sobre isso, assumimos que a verdade emerge no tempo de sua elaboração, mas sempre como efeitos de verdade, incompleta e nunca toda. Ou seja, aquilo que o sujeito assume como verdade tem efeito de verdade.

Para gerar nosso corpus, contamos com a transcrição de cinco entrevistas gravadas em áudio e vídeo, seguindo os seguintes eixos temáticos: a) o percurso escolar; b) a relação com o inglês; c) a relação com a profissão; d) o laço com o Outro cis-heteronormativo; e) o modo como ela se vê diante do Outro. Apostamos em uma novidade metodológica nomeada de **fase do espelho**, cuja proposta foi colocar Mulan diante de seu próprio dizer na aposta de que outros efeitos pudessem emergir através da escrita, proposta para ser sem censura e do modo como viesse à mente.

Em certos momentos Mulan se coloca diante do discurso da universidade ao supor existir uma verdade na qual ela se oferece enquanto objeto de desejo do Outro, em que ela se vê compelida a atender a essas normas do Outro (da cis-heteronormatividade), porém isso a descompleta ainda mais. Diante da impotência de aí se manter, ela desliza tanto para o Outro da língua adicional, o inglês, quanto o discurso *Queer* que problematiza a cis-heteronormatividade, oferecendo-lhe outros saberes sobre si. Porém, estes também não

são satisfatórios e lhe remete do mesmo modo à impotência. Entretanto, via os giros do discurso, Mulan cria saídas para superar o impasse entre o impossível e a impotência, não deixando de se posicionar como totalmente impotente em certos momentos. Apostamos no efeito da angústia, lugar este em que ela não dá conta de lidar com os efeitos gerados no laço com o Outro da cis-heteronormatividade. Ainda assim, Mulan reconstrói-se em busca de saídas.

A partir do caso de Mulan, passamos a ter evidências de que a língua do Outro não nos interdita como acontece na língua materna. É a partir desse lugar que ela busca produzir a performance mais ligada aos efeitos dos quais o *Queer* trata. Quando ela está na língua do Outro é como se estivesse em outro palco, e este lhe permite outros efeitos (REVUZ, 1998). A busca pela língua do Outro foi indício de um efeito, de um saber que ela criou sobre si, em que ela percebeu que naquele lugar ela tem uma performance que se aproxima mais de seu desejo, uma saída que ela elaborou; a língua do Outro passa a ser o lugar do deslize e ali sua impotência é diminuída.

No inglês é onde Mulan negocia o impossível, lugar em que sua impotência é diminuída e ela passa a ter força, a se ver como sujeita, com um controle maior sobre seu saber e seu desejo. Na língua mãe ela tem que performar o lugar de objeto para ser aceita pelo Outro, mas nem sempre ela quer estar nesse lugar. Mulan se desloca para a língua inglesa e sua imaginária Cultura, um mundo paralelo, produzindo um saber sobre si e onde pode se representar como não tão cindida, podendo assim gozar de uma outra atuação.

Apontamos, também, a importância da escuta nesta pesquisa. Esta permite que o sujeito produza saberes sobre si, uma vez que não há discurso capaz de trazer a verdade do sujeito. Entretanto, o sujeito enquanto efeito dos discursos como possibilidade de enlaçamentos pode construir uma verdade sobre si, esteja ele em qual posição estiver. A Psicanálise contribui para o campo da LA ao acolher o sujeito professor, tirando de cena o saber técnico e colocando sob os holofotes o sujeito que se relaciona com esse saber. Neste espetáculo, tivemos, portanto, uma mulher trans que, atravessada pela língua estrangeira onde pode performar sua identidade, envolve outros-alunos no sentido de permitir valorizar outras possibilidades de simbolização.

Como afirmado anteriormente, a grande vantagem da teoria psicanalítica está em dar espaço ao sujeito para que este produza um saber sobre si. Ou seja, não se trata somente da transmissão do conhecimento da universidade, mas de trazer à cena o saber inconsciente, saber da experiência que possa tratar do fazer docente, da relação singular com a língua como objeto de transmissão desse saber. E a partir daí, na qualidade de professor, sobretudo de

formador, privilegiar a transmissão do desejo para além do ensino do conteúdo. Existe na cena deste trabalho uma sujeita em formação, cheia de conflitos e com história. Tendo em vista que a LA trata de questões sociais envolvendo a linguagem, não há como desvincular o discurso que está vigente do discurso que vem como contra-discurso e da sujeita-professora que está aí sofrendo efeitos desses discursos. Valorizamos, portanto, o professor e o seu saber.

Concluimos este trabalho com a certeza de que a LA oferece um palco frutífero para as discussões acerca do gênero e da sexualidade. Esperamos que este diálogo sobre a realidade de professoras de inglês trans que aqui teve seu início, continue reverberando e instigando outros pesquisadores na construção de uma rede de saberes acerca das realidades periféricas dos corpos dissidentes. Antes de fecharmos as cortinas, uma grata novidade, ou podemos dizer, um efeito observado *a posteriori*. Como visto ao longo de nossas análises, Mulan demonstrou desejar se assumir mulher no social. Em dezembro de 2021, ao assistir minha fala no SEVEFALE XII, em que apresentei um pequeno trecho do nosso trabalho, Mulan ficou bastante afetada. Hoje ela se assume mulher e (no tempo em que aqui escrevo) está atuante em sala de aula como professora de inglês, como sempre quis, como mulher, como a professora que navegou pela Academia e se formou professora, formadora de outros sujeitos para o social.¹³⁷

¹³⁷ Conferir **anexo 6, p.172**.

REFERÊNCIAS

AGUILAR, M. A. B.; GONÇALVES, J. P. . Conhecendo a perspectiva pós-estruturalista: breve percurso de sua história e propostas. REVISTA CONHECIMENTO ONLINE, v. 1, p. 24-35, 2017.

ANDRADE, Luma N. **Travesti na Escola: assujeitamento e resistência à ordem normativa**. 2012. Tese (Doutorado). 279 f. Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2012.

ANDRÈS, M. Significante. (In) KAUFMANN, P. (ed.). **Dicionário enciclopédico de psicanálise: o legado de Freud e Lacan**. Tradução: Vera Ribeiro. Maria Luiza X. de A. Borges: consultoria. Marco Antônio Coutinho Jorge - Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

ARANTES, P. C.. Kairós e Chronos: Origem, Significado e Uso. Revista Pandora, v. 1, p. 1-9, 2015

AUTHIER-REVUZ, J. *Entre a transparência e a opacidade: um estudo enunciativo do sentido*. Apresentação Marlene Teixeira; revisão técnica da tradução de Leci Borges Barbisan e Valdir do Nascimento Flores. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

AVIZ, A. S.. Sexualidade e religiosidade: Um estudo sobre a frequência de homossexuais em Igrejas evangélicas em Belém. CIENCIAS SOCIALES Y RELIGIÓN (IMPRESSO), v. XXI, p. 1-25, 2019

BARBO, Daniel. *O homoerotismo e a cultura política falocêntrica na Atenas Clássica*. Revista do Colegiado de História Câmpus de Araguaína; Vol 1, (2008).

BARROSO, Renato Régis. **Pajubá, o código linguístico da comunidade LGBT**. 2017, 153f. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Letras e Artes da Universidade do Estado do Amazonas, 2017.

BENISTE, José. Dicionário Yorubá – Português. São Paulo: Bertrand, 2011.

BLOOMFIELD, L. (1944). Secondary and Tertiary Responses to Language, Language, 20: 45-55.

BORBA, Rodrigo. Discursos transviados: por uma linguística queer. 1. ed. São Paulo: Cortez editora, 2020. v. 1. 404p .

BUENO, W. *Imagens de Controle*. 1. ed. Porto Alegre: Zouk, 2020. v. 1. 176p .]

BUTLER, Judith. (2018). *Corpos em aliança e a política das ruas: notas para uma teoria performativa da assembleia*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 266p.

BUTLER, Judith. *Bodies that matter. On the Discursive Limits of "Sex"*. New York: Routledge, [1993], 2020.

BUTLER, Judith. (1997) *Discurso de ódio: Uma política do performativo*. São Paulo: Editora Unesp, 2021.

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, [1990] 2003.

BUTLER, Judith. *Vida precária. Contemporânea* – Revista de Sociologia da UFSCar. São Carlos, Departamento e Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFSCar, 2011, n.1, p. 13-33.

BUTLER, Judith. *Quadros de guerra: quando a vida é passível de luto?* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

BUTLER, J. *Caminhos Divergentes*. São Paulo: Boitempo, 2017.

CADERNO ESCOLA SEM HOMOFOBIA, 2011. Disponível em <https://nova-escola-producao.s3.amazonaws.com/bGjtqbyAxV88KSj5FGExAhHNjzPvYs2V8ZuQd3TMGj2hHeySJ6cuAr5ggvfw/escola-sem-homofobia-mec.pdf> . Acesso em 16 de maio de 2022.

CALVET, Louis-Jean. [1993] **Sociolinguística: Uma Introdução Crítica**. Tradução de Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2011.

CAMARGO, L. F. E.. *Sujeito do desejo, sujeito do gozo e falasser*. Opção Lacaniana, v. 5, p. 1-8, 2009.

BADIN, Rayssa.; MARTINHO, Maria Helena. **O discurso capitalista e seus gadgets**. In: *Trivium: Estudos Interdisciplinares (Ano X, Ed.2)*, 2018. p. 140-154. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/trivium/v10n2/v10n2a03.pdf> . Acesso: 27/02/2021

BRAUNSTEIN, N. **“O discurso capitalista: quinto discurso? O discurso dos mercados (PST): sexto discurso?”**. In: *A Peste: Revista de Psicanálise, Sociedade e Filosofia*, v. 2, n. 1, jan./jun. 2010, p. 143–165.

BROUSSE, Marie-Hélène. *As identidades, uma política, a identificação, um processo, e a identidade, um sintoma*. Opção Lacaniana, v. 9, p. 1-11, 2018.

CASTILHO, Ataliba Teixeira. *A língua falada no ensino do Português*. São Paulo: Contexto, 1998

CASTRO, J. C. L.. *Aplicações da teoria lacaniana dos discursos na área de comunicação*. INTERCOM (SÃO PAULO. IMPRESSO), v. 39, p. 99-113, 2016.

CELANI, Maria Antonieta A. Afinal, o que é LA? In: PASCHOAL, M. S. Z.; CELANI, M. A. A. *Linguística aplicada: da aplicação da linguística à linguística transdisciplinar*. São Paulo: EDUC, 1992.

CELANI, Maria Antonieta A. Questões de ética na pesquisa em Linguística Aplicada. *Linguagem & Ensino (UCPel)*, Pelotas/RS, v. 8, n.1, p. 101-122, 2005.

CELES, L. A.. **Psicanálise é trabalho de fazer falar, e fazer ouvir**. In: *Psyche* (São Paulo), São Paulo, v. IX, n.16, p. 25-48, 2005. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-11382005000200003 . Acesso: 27/02/2021.

CHEMAMA, Roland. *Dicionário de psicanálise*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1995. p. 217.

CHOMSKY, N. A. (1965). *Aspects of the Theory of Syntax*. Cambridge, MA: The MIT Press. __ (1980). *Rules and Representations*. Oxford: Basil Blackwell.

COELHO, Carolina M. S. **Psicanálise e Laço Social - Uma Leitura do Seminário XVII**. In: *Mental* (Barbacena), v. 4, p. 107-121, 2006. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-44272006000100009 . Acesso: 27/02/2021.

COLLING, Leandro. **Teoria queer**. In: CULT-UFBA: *Dicionário - verbetes*. Salvador 2007. Disponível em: http://www.cult.ufba.br/p_maisdefinicoes.html . Acesso: 27/02/2021.

CORACINI, Maria José. E por falar e intervenção. In: SILVA, Dami; BERTOLDO, Ernesto Sérgio; LEITE, João de Deus; GOMES, Vilma Aparecida. (Org.). *E por falar em intervenção....* 1ed.Campinas: Pontes, 2021, v. 1, p. 55-77.

D'EVREUX, Yves. *Viagem ao Norte do Brasil feita nos anos de 1613 a 1614 pelo padre Ivo D'evreux, religioso capuchinho, publicada conforme o exemplar único conservado na Biblioteca Imperial de Pariz*. Maranhão: Typ. Do Frias, 1874.

DANNER, F.. **O Sentido da Biopolítica em Michel Foucault**. ESTUDOS FILOSÓFICOS (IMPRESSO), v. 04, p. 191-210, 2010. Disponível em: <http://www.seer.ufsj.edu.br/index.php/estudosfilosoficos/article/view/2357/1630> Acesso: 10/04/2021.

DUPIM, G. V. S.. A voz de não-todo trans. *Litorâneo - Boletim eletrônico da EBP Seção Nordeste*, 2022.

EDELMAN, Lee (2021). O futuro é coisa de criança: teoria queer, desidentificação e a pulsão de morte. *Periódicus*, 14(2), 248–275.

FAVERO, Sofia. *Crianças trans: infâncias possíveis*. 1. ed. Salvador: Editora Devires, 2020. 200p .

FERNANDES, Rafael Estevão. *Decolonizando sexualidades: Enquadramentos coloniais e homossexualidade indígena no Brasil e nos Estados Unidos*. Tese (doutorado), 383 (f). CEPPAC-UnB, 2015.

FERREIRA, T. Pesquisa em psicanálise: a conversação e a entrevista clínica como ofertas de palavra - a aposta na invenção subjetiva. In: FERREIRA, Tânia; VORCARO, Ângela(Orgs.). *Pesquisa e psicanálise: do campo à escrita*. 1ed. Belo Horizonte MG: Autêntica, 2018, v. 1, p. 129-151.

FONTANA, A; FREY, J. H. (2003). **The interview: From structured questions to negotiated text**. In DENZIN, N. K. & LINCOLN, Y. S. (Eds.), *Collecting and Interpreting Qualitative Materials* (2nd ed., pp. 61-99). Thousand Oaks, CA: Sage.

FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade II, O Uso dos Prazeres*. Rio de Janeiro: Ed. Graal, 1984.

FOUCAULT, **Michel. História da Sexualidade I: A Vontade de Saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

FRANCO, Arabela Vieira dos Santos Silva. Ser ou não ser bilíngue: Os posicionamentos subjetivos de uma professora de inglês diante do Outro. *Letras & Letras (UFU)*, v. 32, p. 303-328, 2016.

FRANCO, Arabela Vieira dos Santos Silva. Ser ou não ser bilíngue: Os posicionamentos subjetivos de uma professora de inglês diante do Outro. 2016. 124 (f). Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos (Poslin), Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016.

FRANCO, Arabela Vieira dos Santos Silva; NEVES, Maralice de Souza. O Impasse como lugar de ato e efeito do saber na formação de professores de português para imigrantes. (no prelo).

FREIRE, P. *Pedagogia da esperança*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

FREITAS, Marco Túlio de Urzêda. **Letramentos queer na formação de professorxs de línguas: complicando e subvertendo identidades no fazer docente**. 2018, 285f. Tese (Doutorado), Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás. Goiânia, 2018.

FREUD, S. (1900) **A Interpretação dos Sonhos**. Vol. IV Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud edição standard brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S. (1905) **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade**. Edição Standard Brasileira das obras completas, vol. VII. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

FREUD, S. (1913). **Totem e Tabu**. In: FREUD, S. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. v. 13. Rio de Janeiro: Imago, 1990, p. 11-125.

FREUD, S. (1914). **Lembrar, repetir, perlaborar**. In: ESBOC, vol. XIII. Rio de Janeiro: Imago, 1980.

FREUD, Sigmund. (1915). **A pulsão e suas vicissitudes**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 117-144. (Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 14).

FREUD, S. (1930-1936). **Mal-estar na Civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FUENTES, M.J.S. **As mulheres e seus nomes: Lacan e o feminino**. 2009. 273f. Tese (Doutorado) -Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

GUTMANN, Matthew, O Fetiche Totêmico Da Sexualidade Masculina: Oito Erros Comuns (The Totemic Fetish of Male Sexuality: Eight Common Errors) (2009). *Revista Brasileira de Ciências Sociais* 24:5-20 (2009).

GIDDENS, A. *Runaway world*. London: Routledge, 2000.

HEGEL, G.W.F. **“A Fenomenologia do Espírito”** (prefácio, introdução). Ed. Abril. Col. Os Pensadores. Seleção, tradução e notas: Henrique Cláudio de Lima Vaz. SP, 1974

HENRIQUES, R. P.; VIDAL, P. . Em defesa de Outra psicanálise: sobre o real em questão nas soluções transexuais. *PSICOLOGIA USP (IMPRESSO)*, v. 30, p. 1-10, 2019.

JORGE, Marco Antonio Coutinho. **Fundamentos da Psicanálise de Freud a Lacan**. Vol. 1: As bases conceituais (Transmissão da Psicanálise - série especial). Zahar. 2008.

JORGE, Marco Antonio Coutinho; TRAVASSOS, Natália Pereira. **Transexualidade: o corpo entre o sujeito e a ciência**. 1. ed. rio de janeiro: zahar, 2018. v. 1.

JORGE, M.A.C. **Discurso e liame social: apontamentos sobre a teoria dos quatro discursos**. Em: Rinaldi, Doris e Jorge, Marco Antônio Coutinho (orgs). *Saber, verdade e gozo: leituras de O Seminário 17 de Jacques Lacan*. Rio de Janeiro: Rio Ambiciosos, 2002. (p. 17-32).

KUMARAVADIVELU, B. (2012). *Individual Identity, Cultural Globalization, and Teaching English as an International Language: The Case for an Epistemic Break*. In: ALSAGOFF, Lubna (Ed.). **Principles and Practices for Teaching English as an International Language**. New York: Routledge, 2012. cap 2, p. 9-27.

LACAN, J. (1945). **O tempo lógico e a asserção de uma certeza antecipada**. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 1998, p. 197-213.

LACAN, Jacques (1956) **O Seminário, Livro 4: A relação de objeto**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1995.

LACAN, Jacques-Marie Émile. [1964] **O Seminário 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2008.

LACAN, Jacques-Marie Émile. [1969-1970] **O Seminário 17: O avesso da psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2007.

LACAN, Jacques-Marie Émile. (1970-1971). **O seminário, livro 18: de um discurso que não fosse semblante**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

LACAN. Jacques-Marie Émile. [1972-1973] **O Seminário 20: mais ainda**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2008

LACAN. Jacques-Marie Émile. (1974-75). **Le seminaire 22: RSI**. Seminaire non Publié, version de l'Association Freudienne Internationale (AFI).

LACAN, Jacques. (1975/1976). **O Seminário, livro 23: O sintoma**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2007.

LIMA, Carlos Henrique Lucas. *Linguagens pajubeyras: re(ex)istência cultural e subversão da heteronormatividade*. Salvador: Editora Devires, 2017.

LIMA, F. (2014). É possível um ESTADO* que abarque a multidão queer? Breves considerações sobre a política sexual na biopolítica contemporânea. *Revista Periódicus*, 1(1).

LOURO, G. L. *Gênero, Sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis: Vozes, 2013.

LOURO, G. L. *Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer*. 3. ed Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

LOURO, G. L.. *O corpo educado. Pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, [1999] 2018. v. 01. 174p .

MÄDER, Guilherme R. C.; MOURA, H.M. M. . O masculino genérico sob uma perspectiva cognitivo-funcionalista. *Revista do GELNE (UFC)*, v. 17, p. 33-54, 2015.

MARQUES, Matheus Odorisi. Ideologia homofóbica e referenciação: análise de uma pregação neopentecostal. In: Rodrigo Borba. (Org.). *Discursos transviados: por uma linguística queer*. 1ed.São Paulo: Cortez editora, 2020, v. 1, p. 213-241.

MEYER, Michel. **Como repensar a relação entre a retórica e a argumentação?** In: GRÁCIO, Rui Alexandre; OLÍMPIO-FERREIRA, Moisés. *Contingência, incerteza e prudência: caminhos da retórica e da argumentação*. Coimbra: Grácio Editor; Grupo ELAD – Estudos de Linguagem, Argumentação e Discurso, 2018. p. 167-173.

MEYER, Michel. *Questões de retórica: linguagem, razão e sedução*. Lisboa: Edições 70, 1998 [1993].

MÍGUEZ, Antón Castro. **QUEERIZANDO O ENSINO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS: Potencialidades do cinema queer no trabalho com questões de gêneros e sexualidades**. 2014, 134 f. Tese (Doutorado), Pós-Graduação em Educação, Arte e História da Cultura da Universidade Presbiteriana Mackenzie. São Paulo, 2014.

MOTA, M.B. **Aquisição de segunda língua**. 1. ed. Florianópolis: CCE/UFSC, 2008. v. 1. 120p .MOITA LOPES, Luiz Paulo da. *Por uma Linguística Aplicada INdisciplinar*. 8a.. ed. São Paulo: Parábola Editorial, ([2006] 2021). v. 1. 279p

MONTEIRO, S. A. de S.; RIBEIRO, P. R. M. (2020). **Sexualidade e Gênero na atual BNCC: possibilidades e limites**. In: Pesquisa E Ensino, 1, e202011. Disponível em: <https://revistas.ufob.edu.br/index.php/pqe/article/view/626> Acesso: 27/02/2021.

MOREIRA, A. da S. **As múltiplas faces do outro/Outro em Lacan: entre o amor, o desejo e o gozo**. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Filosofia Strictu Sensu, da Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2017. Disponível em: http://repositorio.ufes.br/jspui/bitstream/10/9365/1/tese_10794 DISSERTA%C3%87%C3%83O%20-final-SAPPG-CORRIGIDO.pdf Acesso: 06/03/2021.

MOREIRA, J. O.; BORGES, A. A. P. A castração e seus destinos na construção da paternidade. *Psicologia Clínica (PUCRJ. Impreso)*, v. 22, p. 71-81, 2010.

NASCIMENTO, Rafael de Sousa Lopes. **A pre-pedagogical proposal for 7th grade groups of municipal schools of Contagem: music as a speaking propeller**. 2018, 38 (f). TCC (graduação). Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2018.

NASCIMENTO, Rafael de Sousa Lopes. *Temporalidade no discurso feminista*. In: Congresso Nacional Universidade, EAD e Software Livre, 2018, Belo Horizonte. Anais do Congresso Nacional Universidade, EAD e Software Livre. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2018. v. 1.

NASCIMENTO, Thiago da C. **Reflexividade linguística e atos metacomunicativos em conceptualizações culturais evidenciadas na fala-em-interação**. 2020. 264 f. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos (Poslin), Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2020.

NEVES, Maralice de Souza. A intervenção psicanalítica na integração da pesquisa e da extensão com professores em formação continuada. In: SILVA, Dami; BERTOLDO, Ernesto Sérgio; LEITE, João de Deus; GOMES, Vilma Aparecida. (Org.). *E por falar em intervenção....* 1ed.Campinas: Pontes, 2021, v. 1, p. 401-424.

OLIVEIRA, Megg Rayara Gomes de. **O diabo em forma de gente: (r)existências de gays afeminados, viados e bichas pretas na educação**. 2017. 192 f. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2017.

OLIVEIRA, Lindomar Rodrigues. *Transexualidade: Ensaio Jus-filosófico sobre o Direito e o Ser*. 1ª. ed. São Paulo: Rio de Janeiro: Livre Expressão, 2014. v. 200. 108p .

ORNELLAS, Maria de Lourdes Soares; **S1, S2, S e a: letras e números em quatro discursos**. In: Lepsi - Colóquio Internacional de Psicanálise e Educação. Ano 9, 2012, São Paulo. Lepsi - Colóquio Internacional de Psicanálise e Educação. Ano 9, 2012. Disponível em: <http://www.proceedings.scielo.br/pdf/lepsi/n9/a18n9.pdf> Acesso: 27/02/2021.

PÊCHEUX, Michel. *Análise Automática do Discurso* (1969). Trad. Eni Orlandi. In: GADET, Françoise & HAK, Tony. (Orgs.). *Por uma Análise Automática do Discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. 3ª edição. Campinas-SP: Ed. da Unicamp, 1997.

PELÚCIO, Larissa. **Breve História Afetiva de uma Teoria Torcida**. Revista Florestan Fernandes - Dossiê Queer, v. 02, p. 26-45, 2014.

PENA, B. F. **Desejo roubado: capitalismo contemporâneo e mais-de-gozar**. REVERSO (BELO HORIZONTE. IMPRESSO), v. 39, p. 75-82, 2017. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-73952017000200010
Acesso em: 22/03/2021

PEREIRA, M.R. **A psicanálise escuta a educação: 10 anos depois**. 1. ed. Belo Horizonte: FinoTraço/Fapemig, 2012. v. 1. 162p .

PEREIRA, M.R. **O nome atual do mal-estar docente**. 1. ed. Belo Horizonte: FinoTraço/Fapemig, 2016. v. 1. 244p .

QUINET, Antonio. **Psicose e laço social: esquizofrenia, paranóia e melancolia**. 2. ed Rio de Janeiro: Jorge Zahar. Ed., 2009.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. (2006) *Repensar o Papel da Linguística aplicada*. In: Luiz Paulo da Moita Lopes. (Org.). **Por uma Lingüística Aplicada INdisciplinar**. 2ed.São Paulo: Parábola Editorial, 2021, v. , p. 149-168.

RAMPTON, Ben. (2006) *Continuidade e Mudança nas Visões de Sociedade na Linguística Aplicada*. In: Luiz Paulo da Moita Lopes. (Org.). **Por uma Lingüística Aplicada INdisciplinar**. 2ed.São Paulo: Parábola Editorial, 2021, v. , p. 109-128.

RANCIÈRE, Jacques. *O inconsciente estético*. São Paulo: Ed.34, 2009.

REVUZ, Christine. *A língua estrangeira entre o desejo de um outro lugar e o risco do exílio*. In: SIGNORINI, Inês (org.). *Língua(gem) e Identidade*. São Paulo: Mercado de Letras, 1998.

RIBEIRO, Maria Anita Carneiro; LAMARCA, D. ; JUNQUEIRA, L. ; FONSECA, M. R. . *A mulher: um sintoma para o homem?*. Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental (Impresso) JCR , v. 18, p. 74-87, 2015.

ROCHA, Décio; DAHER, D. C. . *Afinal, como funciona a Linguística Aplicada e o que pode ela se tornar?*. DELTA. Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada (PUCSP. Impresso), v. 31, p. 105-141, 2015.

ROUDINESCO, E.; PLON, M. **Dicionário de psicanálise**. Tradução de Vera Ribeiro e Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

SALIH, SARAH (2012). **“O sujeito”. Judith Butler e a teoria queer** (trad. Guacira Lopes Louro). Belo Horizonte: Autêntica.

SANTOS, B. S. *Para além do Pensamento Abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes*” In: B. S. SANTOS; M.P. MENESES (orgs.). *Epistemologias do Sul*. Coimbra: Almedina, 2009a, p. 23-72.

SANTOS, Boaventura de S. 2010 [1987]. *Um discurso sobre as ciências*. São Paulo: Cortez.

SAUSSURE, F. de. *Curso de Linguística Geral*. Tradução Antônio Chelini, José Paulo Paes, Isidoro Blikstein. 25.ed. São Paulo: Cultrix, 1999.

SAX, Leonard. (2005). *Por que gênero importa?* Tradução Paulo Polzonoff. São Paulo: LVM Editora, 2019.

SCHLATTER, M.; GARCEZ, P. Referenciais curriculares para o ensino de língua espanhola e de língua inglesa. Rio Grande do Sul: Secretaria de Educação do Estado, 2009.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Realidade*. Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, 1995. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/71721/40667> Acesso: 27 fev. 2021

SIGNORINI, Inês. (2006) A questão da língua legítima na sociedade democrática: um desafio para a Linguística Aplicada contemporânea. In: Luiz Paulo da Moita Lopes. (Org.). **Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar**. 2ed.São Paulo: Parábola Editorial, 2021, v. , p. 169-190.

SILVA, L. L. T. ; GONÇALVES, J. W. ou WEISS, J. . A Fabricação do Feminino na Tragédia. Cantareira (UFF), v. 1, p. 18-27, 2016.

SILVA JR, J. N. ; BESSET, V. L. . Violência e sintoma: o que a psicanálise tem a dizer?. *Fractal: Revista de Psicologia*, v. 22, p. 323-336, 2010.

SOLER, C. (2005). *O que Lacan dizia das mulheres*. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar.

SOUZA, ALUISIO PEREIRA. **Uma leitura introdutória a Lacan (exegese de um estilo)**. Porto Alegre:ARTES MÉDICAS, 1985.

SOUZA, C. A. N. A. **Gênero neutro: um movimento para mudança da língua**. 2021. 45 f.TCC (graduação) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, da Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2021.

SOUZA, Gustavo Tozetti Martins. **A língua fora do armário: Uma abordagem transviada no Ensino de Línguas Estrangeiras**. 2020, 140 f. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução, Instituto de Letras, Universidade de Brasília. Brasília, 2020.

SPARGO, Tamsin. **Foucault e a teoria queer: seguido de Ágape e êxtase: orientações pós-seculares**. Posfácio de Richard Miskolci. Tradução: Heci Regina Candiani. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017. 96 p.

TENÓRIO, L. F. P.; PRADO, M. A. M. (2016). As contradições da patologização das identidades trans e argumentos para a mudança de paradigma. *Revista Periódicus*, 1(5), 41-55.

TFOUNI, L.; MONTE-SERRAT, D.M.; PEREIRA, A. C. **A carta roubada e a estrutura do inconsciente**. In: *Revista Intersecções*, v. 2 n. 2 (2009). Disponível em:

<https://revistas.anchieta.br/index.php/RevistaInterseccoes/article/view/1030>
27/02/2021.

Acesso:

TFOUNI, L.V.; LAUREANO, M. M. M. ; BARTIJOTTO, J. . ?... lá onde o amor é tecido de desejo ...?: lalangue e a irrupção do equívoco na língua16. CADERNOS DE PSICANÁLISE (CÍRCULO PSICANALÍTICO/RJ), v. 39, p. 141-159, 2017.

VERBICARO SOARES, Douglas. A discriminação à homossexualidade na história do totalitarismo nazista: os triângulos rosas esquecidos dos campos de concentração e trabalhos forçados. *Pensamento Jurídico*, v. 14, p. 163-199, 2020.

VIANA, Nildo. *Linguagem, discurso e poder: Ensaio sobre Linguagem e Sociedade*. Pará de Minas (MG): Virtual Books, 2009. 101p

WEEKS, Jeffrey. **O corpo e a sexualidade**. In: LOURO, G. L.. *O corpo educado. Pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, [1999] 2018. v. 01. p.43-104.

YORK, Sara Wagner. **TIA, VOCÊ É HOMEM? Trans da/na educação: Des(a)fiando e ocupando os "sistemas" de Pós-Graduação**. 2020. 187 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Educação – ProPEd, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ, Rio de Janeiro, 2020.

ZAIDAN, Junia C. S. M.; SOARES, A. L. C. . O ESTADO DA ARTE DA LINGUÍSTICA APLICADA CRÍTICA NO BRASIL: UM DIAGNÓSTICO DAS PESQUISAS EM LINGUÍSTICA APLICADA CRÍTICA PUBLICADAS EM PERIÓDICOS. In: International Congress of Critical Applied Linguistics, 2016, Brasília. International Congress of Critical Applied Linguistics: Language, Action and Transformation. Londrina, 2016. v. 1. p. 872-890.

Anexos

ANEXO 1 - Reflexão sobre a agência entre Estudos *Queer* e Psicanálise

Enquanto os Estudos *Queer* ataca no coletivo, no social e diretamente nas estruturas de poder com valores cristalizados, a Psicanálise busca auxiliar os sujeitos no 1-1, na sua singularidade. Ambas visam o avesso, sendo a Psicanálise a partir da “casa das máquinas”, no projetor que joga na tela do mundo fenomênico a imagem fictícia de realidade, e o *Queer* no avesso da realidade projetada, de modo que a projeção e a materialização da cena não têm um limite que as separem; projeção e materialização se retroalimentam.

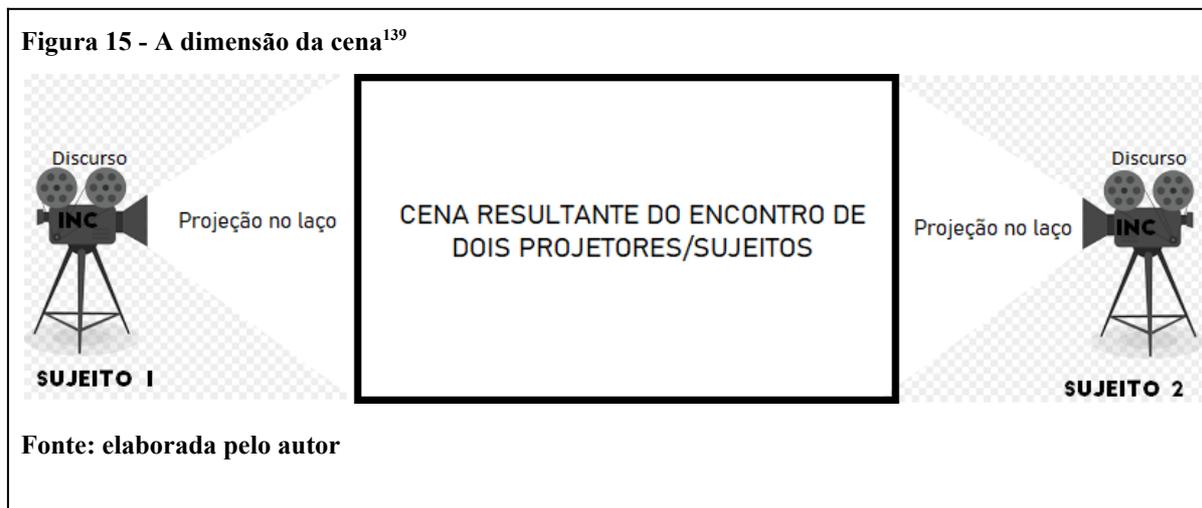
Os movimentos sociais querem mudar a realidade a partir da cena, dos valores que estruturam a cena, na esperança de que ao desfazê-la outra mais favorável apareça. Entretanto, se o projetor estiver viciado, outra cena de mesma aparência e estética se forma no lugar da anterior. Ou seja, a cena influencia no tipo de projeção que produz a cena, que influencia a projeção que produz a cena ... de modo infinito. Entretanto, o que os movimentos sociais não compreendem é que não se muda uma realidade pela cena, mas pelos sujeitos.

Na dinâmica do laço social que vimos na seção sobre Psicanálise, Lacan nos mostra as engrenagens do motor do projetor e como elas se articulam para rodar o filme, ou projetar a cena, sendo que esta pode sofrer influências das 4 lentes possíveis¹³⁸, tendo duas que podem se sobrepor.

Essa metáfora precisa de um aprimoramento para que faça sentido: a cena não se projeta com apenas um único projetor; ela se faz no encontro de dois projetores. Portanto, imagine a tela em branco de um cinema (a vida, ou a realidade); imagine um projetor (um sujeito) que depende de outro projetor (outro sujeito) para produzir a cena completa. Cada projetor contribui com sua parcela, como num quebra-cabeças. As lentes (o modo como o sujeito se coloca na linguagem) determinam qual projetor-projeção irá se sobrepor a qual (senhor e escravo, analista e histérica). A cena, portanto, é a combinação do tanto que um projetor permitiu o outro se projetar; a depender da possibilidade de contribuição de cada lente, a cena muda. Veja o esquema representado na figura abaixo:

¹³⁸ Discurso do mestre, da histérica, da universidade e do analista. O discurso do mestre e o da universidade se sobrepoem, a depender da cena que será projetada e do projetor da cena.

Figura 15 - A dimensão da cena¹³⁹



Então, sobre o que se luta? Luta-se contra a imposição de uma lente sobre a outra para que se chegue em uma equidade, desfazendo a dinâmica senhor-escravo. O que determina a imposição/sobreposição é a potência da lente (modo de laço), a qualidade do filme (discurso, língua e linguagem) e o corpo do projetor (LGBTQIAPN+ ou cis-heteronormativo).

Na cena de Bolsonaro e Fry (pgs. 57/58), são dois projetores construindo uma cena juntos. Há uma sobreposição de Bolsonaro em Fry porque Bolsonaro não busca a equidade, mas a predominância. Pela lente da Problematologia de Meyer (1993, 2018), podemos dizer que Bolsonaro traz uma retórica apocrítica, que não aceita argumentação e que se apresenta como definitiva. A retórica apocrítica sustenta, também, outro perfil retórico: o perfil predador (MEYER, 1993). Na retórica predatória o *ethos efetivo* aciona valores (*o logos*) compartilhados entre o *pathos* (o auditório) de modo a esvaziar qualquer questionamento que o pária possa trazer. Diante do auditório o *ethos predador* negativa a imagem de seu pária porque para o predador convencer é vencer. Continuamos esta discussão na **página 65**.

¹³⁹ O filme é o **discurso**, as engrenagens o **inconsciente**, o corpo do projetor como um todo o **sujeito**, as lentes do projetor **as formas de laço com o outro**.

ANEXO 2 - Reflexões sobre Corpo e Agência

O corpo tem primazia sobre a agência? A minha narrativa é maior que meu corpo ou o meu corpo é maior que minha agência no mundo? Se o agir no mundo tivesse primazia sobre o corpo, o outro-sujeito me olharia com muito mais curiosidade no sentido de querer saber os motivos que me levam às minhas escolhas para dar conta de minha narrativa¹⁴⁰. Para isso, este sujeito que entra no mundo em busca da verdade da vida e sobre si compreende que o corpo se molda às nossas vivências, e não o contrário.

Num mundo em que a singularidade é vigiada e controlada por estruturas de poder, não há espaço para as descobertas sobre si porque a todo tempo somos treinados para ser o que o Outro dá conta de dizer sobre nós, e de acordo com o poder que pode exercer sobre nós (o pai e a mãe, o Estado, a professora, o irmão, a comunidade...). Nesse ínterim da formação das civilizações até hoje, o que temos é a primazia do corpo sobre a agência no mundo, e que estabeleceu duas estradas apenas: a do homem ou a da mulher; isso, também, de acordo com sua configuração de corpo: se tiver pênis é homem, se tiver vagina é mulher. Lembro-me das aulas de “*análise combinatória*” do ensino médio ($3! = 3.2.1 = 6$). E trazendo a matemática para o que hoje temos, não há muito o que combinar. São duas estradas: 1!-Homem e 1!-Mulher.

Porém, o que se nota, e para o desespero das estruturas de poder cis-heteronormativas, é que desde Simone de Beauvoir, o corpo tem deixado de ter primazia sobre a narrativa, mostrando outras formas combinatórias de homem e mulher, como, por exemplo, mulher trans. Na mesma esteira, o masculino vai aos poucos deixando de ter primazia sobre o feminino, e aqui abrimos a discussão acerca das representações binárias. Esta discussão continua na **página 70**.

¹⁴⁰ Subjetividade, singularidade e narrativa se mesclam aqui.

ANEXO 3 - Compilando vivências...

Quadro 9: cenas e indexalizações

Cena	Seção	Indexicalização
1 - Índio Tibira	SINOPSE	Índio Tibira é acusado do crime de sodomia pelo padre Yves d'Evreux, amarrado à boca de um canhão e partido ao meio em pleno Forte de São Luiz do Maranhão.
2 - PROFESSORA DE VITÓRIA (ES) , uso de “Todes bem-vindes”	CAPÍTULO 1	<i>“... Além de ser uma afronta à Língua Portuguesa é uma afronta ao Plano Municipal de Educação...”</i>
3 - ENTREVISTA PROFESSOR NOSLEN	CAPÍTULO 1	<i>“Usar a linguagem Neutra é falta de estudo e conhecimento.”</i>
4 - MARQUES (2020, p. 214)	CAPÍTULO 1	<i>“No que concerne à luta contra direitos LGBT, o discurso evangélico conservador é particular ao construir a identidade do indivíduo homossexual: ele é um ser não apenas contra as leis de Deus, mas também um pária e um inimigo que ameaça a unidade familiar e o bem-estar comum”.</i>
5 - Menino Martin (SAX, 2019, p. 264)	CAPÍTULO 2	<i>“Martin era calmo e comportado e nunca se envolveu em encrenca. Como não gostar disso?”</i>

6 - STEPHEN FRY E BOLSONARO	CAPÍTULO 2	<p><i>“Porque nenhum pai, nem você nem eu, tem orgulho de ter um filho gay... “</i></p> <p><i>“... que os heterossexuais continuem gerando crianças para que estas crianças se transformem em gays e lésbicas para satisfazê-los sexualmente no futuro.”</i></p>
7 - Sketch “BICHA” , Porta dos Fundos	CAPÍTULO 2	<p><i>“Amor entre dois pederastas; ... eu achava que todo viado tivesse que morrer; ... queima-rosca [termo pejorativo para quem faz sexo anal]; ... eu era infeliz porque fingia ser homem de verdade [se referindo a homem hetero ser homem de verdade]; ... ”</i></p>
8 - JAIR BOLSONARO	CAPÍTULO 2	<p><i>“Ninguém gosta de homossexual, a gente suporta...”</i></p>
9 - Professor de Educação Física trans - Salvador (BA)	CAPÍTULO 2	<p><i>“Vocês têm um professor trans na escola, né? ... Não que eu concorde, mas você não acha que isso pode ter diminuído o número de matrícula de vocês?”</i></p>
10 - Alexandre Ivo	CAPÍTULO 2	<p>Adolescente de 14 anos assassinado por ter reagido a ataques homofóbicos. Foi torturado por horas e teve todos os dentes arrancados. Os suspeitos respondem em liberdade. A juíza que cuidava do caso, Patrícia Acioli, também foi assassinada. Seu carro foi alvejado por 16 tiros.</p>
11 - José Leôncio e Juventino, novela Pantanal de 1990.	CAPÍTULO 2	<p><i>“Num parece um flozô?”</i></p>

Fonte: elaborado pelo autor

ANEXO 4 - Reflexões pelo olhar *Queer* e pela Psicanálise

Considerando o que vimos ao longo da seção sobre Psicanálise, podemos retomar uma questão que deixamos em aberto no início do capítulo (p. 87): ‘Sou homem ou sou mulher?’, poderíamos nos questionar sobre suas implicações, sobre a urgência na realidade trans, por exemplo; se haveria um momento em que a sujeita se vê diante de um dilema, um impasse que a coloca frente à escolha definitiva? Haveria definitivo? O entrelugar é um lugar habitável? É um lugar que causa angústia?; e de onde viria essa angústia? Da necessidade de se estabelecer identitariamente por que precisamos fazer laço, ou é o laço que define a escolha a ser tomada?

Muitas perguntas! Que tal um quadro?

Quadro 10: algumas perguntas suleadoras

Pergunta	Estudos <i>Queer</i>	Psicanálise
Sou homem ou sou mulher?	Ser homem ou mulher significa papéis sociais. De acordo com suas apostas de performance, isto possibilitará ter acesso a lugares e discursos, ou não, a depender das estruturas de poder de onde você emerge sujeito.	Ser homem ou mulher representa modos de gozo, fálico ou não-todo fálico. O seu modo de gozo, singular e único, determina suas identificações e a forma como irá se valer da linguagem para satisfazê-lo, como também na construção do semblante, da imagem de si que quer sustentar.
Haveria um momento em que a sujeita se vê diante de um dilema, um impasse que a coloca frente à escolha definitiva?	Nada é definitivo porque as identidades se constroem e reconstroem o tempo todo. Porém, o discurso interpela o sujeito a vir a ser algo. Somos violentamente interpelados pela alteridade radical que nos exige nomes, indexicalizações, para que ela possa exercer controle sobre nossos corpos. O impasse é a dúvida de qual porção perder, ou para qual porção ceder. Ao me assumir gay, posso perder privilégios. Se não o faço, sucumbo à frustração de ser algo que não sou para poder ter acesso aos espaços. Em suma, minha escolha de identidade delimita o repertório de performativos e o modo de performance, o qual passa a ser rigidamente fiscalizado pela performatividade.	Para responder a questão do impasse , recorremos a Franco & Neves (no prelo) por proporem uma definição que ainda não se encontra enquanto verbete isolado em dicionários de psicanálise. Elas dirão que: “A partir da lógica significante, o impasse pode ser compreendido como um efeito da suspensão de um saber - ou de uma certeza - para fazer emergir o duplo sentido, como o termo Das Unheimliche, problematizado por Freud (1919 2020). Por poder significar condições opostas de familiaridade e de estranheza, o termo foi utilizado para se referir a uma experiência traumática que foi recalçada e que retorna como estranha, embora já tenha sido familiar. É um estranhamento que surge de forma angustiante por não se saber o porquê daquilo que deveria ser tão familiar, repentinamente, esvazia-se desse sentido . A possibilidade do sentido duplo seria, portanto, um efeito da marca do real, pois ele é a falta de sentido que o duplo sentido apresenta, apesar do sentido a mais” (s/p).
Haveria definitivo?	Apenas nas estruturas de poder regidas pela cis-heteronormatividade. O <i>Queer</i> existe para que este lugar nunca seja uma certeza.	Enquanto houver Simbólico, não.

<p>O entrelugar é um lugar habitável? É um lugar que causa angústia? E de onde viria essa angústia?</p>	<p>O <i>Queer</i> é a certeza de que existe um entrelugar em tudo, um furo; que entre A e B existem vários outros pontos. É um lugar que causa angústia nas certezas dos discursos de poder. A angústia talvez seria efeito diante de outras formas de se fazer com o corpo. A liberdade do corpo do outro pode ser um ponto de angústia para corpos aprisionados. Entretanto, não há um entrelugar em que os corpos LGBTQIAPN+ possam viver sem violência. A realidade é categórica e levará o sujeito a fazer suas escolhas e a pagar o preço por elas.</p>	<p>A Psicanálise entende o entrelugar como um efeito significante que não se fixa em um sentido único. Ora é uma coisa, ora é outra. Tudo depende do modo como nos colocamos no laço com o Outro. A angústia pode ser um efeito do impasse, situado no nó borromeano entre o Real e o Imaginário que leva o sujeito a não se identificar com o sentido. O que pode desencadear um sintoma se o impasse revelar uma falta de saber sobre si (FRANCO & NEVES, no prelo)</p>
<p>Da necessidade de se estabelecer identitariamente por que precisamos fazer laço, ou é o laço que define a escolha a ser tomada?</p>	<p>O <i>Queer</i> defende a liberdade do corpo de dizer a que veio. O <i>Queer</i> não visa se constituir identitariamente porque isso é fixar os sujeitos em roteiros de gênero. O <i>Queer</i> se coloca de forma política, questionando acerca do sexo e do gênero em qualquer estrutura de poder. Portanto, o <i>Queer</i> mostra o que há por detrás de cada discurso sobre sexo e gênero e o que nele faz com que os sujeitos se sintam compelidos a segui-lo/ obedecê-lo.</p>	<p>A Psicanálise compreende as identidades LGBTQIAPN+, étnicas e grupais como semblantes que se sustentam pelo discurso do mestre, e não como aquela identidade que se relaciona ao <i>eu ideal</i>, ao que sou na minha singularidade. Isso se dá porque as identidades unificadas em conjuntos/ grupos/ e causas minoritárias dão a sensação de que todos naquele núcleo falam a mesma língua, que não há equívocos no discurso (BROUSSE, 2018), crítica também feita por Pêcheux (1969).</p> <p>Para responder a última porção da pergunta, falamos das 4 formas de laço social elaboradas por Lacan no “<i>O seminário 17: O avesso da psicanálise</i>”, em que o modo como o sujeito se coloca na linguagem determina sua forma de laço. Esta discussão continua na p. 107.</p>

Fonte: elaborado pelo autor

ANEXO 5 - TCLE: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, _____,
 CPF: _____ e ID: _____
 autorizo o pesquisador Rafael de Sousa Lopes Nascimento(CPF:091066746-23 e ID: MG-1728.777) a utilizar as gravações em áudio e vídeo das entrevistas que concedi para compor o corpus de análise desta pesquisa. Autorizo, também, a transcrição das mesmas e o uso do diário de bordo por mim escrito.

A pesquisa consiste na análise dos enunciados de uma professora de Língua Inglesa transgênera à luz de conceitos da psicanálise, o que emerge na fala em associação livre ao descrever sua relação com (o grande) Outro. Em uma segunda etapa, à luz da teoria queer, pretende-se encontrar registros de performatividade do corpo ao lidar com a alteridade e suas convenções. A pesquisa busca colaborar para os estudos do sujeito trans na área de Linguística Aplicada.

Essa é uma pesquisa de mestrado inserida no POSLIN/FALE/UFMG e está sob a orientação da professora doutora Maralice de Souza Neves.

Autorizo, também, a publicação de minha entrevista e/ou depoimento em publicações de divulgação científica: periódicos, livros, anais de congressos, em meio eletrônico ou impresso, sendo mantido o sigilo sobre minhas informações.

Estou ciente de que não terei qualquer participação financeira no caso de inserção em livro. Reservo-me o direito de retirar este consentimento em caso de me sentir prejudicad(o)a.

Nestes termos,

- autorizo o uso de meu nome verdadeiro,
 autorizo o uso do pseudônimo: _____
 prefiro que me atribuam um número

Data: _____ de _____ de _____

Assinatura: _____

COEP/UFMG – COMITÊ DE ÉTICA NA PESQUISA

Av. Antônio Carlos, 6627

Unidade Administrativa II – 2º. Andar

Campus Pampulha – Belo horizonte, MG – Brasil

CEP: 31270-901

ANEXO 6 - E por onde anda Mulan...

Do mezanino, Mulan aprecia o horizonte de todas as possibilidades que criou para si. Sua liberdade é seu combustível que a torna *unstoppable*, sem barreiras ou limitações. Atualmente é professora concursada e trabalha na rede pública de ensino formando outrxs sujeitxs para o social através das línguas e das linguagens. Mulan, como diria Guacira Louro (2013), é um exemplo a ser seguido!

Mulan finalmente se encontra e diz mais, agora, sobre si que sobre suas dores:

Figura 16: Mulan no mezanino.



MULAN:Corpo inteiro, sagrado, que ocupa avenidas, marca a história e transforma as políticas da realidade. Existe, resiste, luta por casa, escola, trabalho, renda, saúde, lazer, segurança, afetos. Deusa das próprias águas. *One-woman revolution*. Fênix brasileira. Sedenta por mudança e pulsa por ocupar espaços. Mulher, trans, travesti, cantora, artista, professora, revisora de textos, tradutora. Move-se criativa e educativamente. Luta e vence. Ama a vida!

Fonte: imagem e texto concedidos por Mulan em novembro de 2022.